PG160.561

Presented to the

LIBRARY *of the*

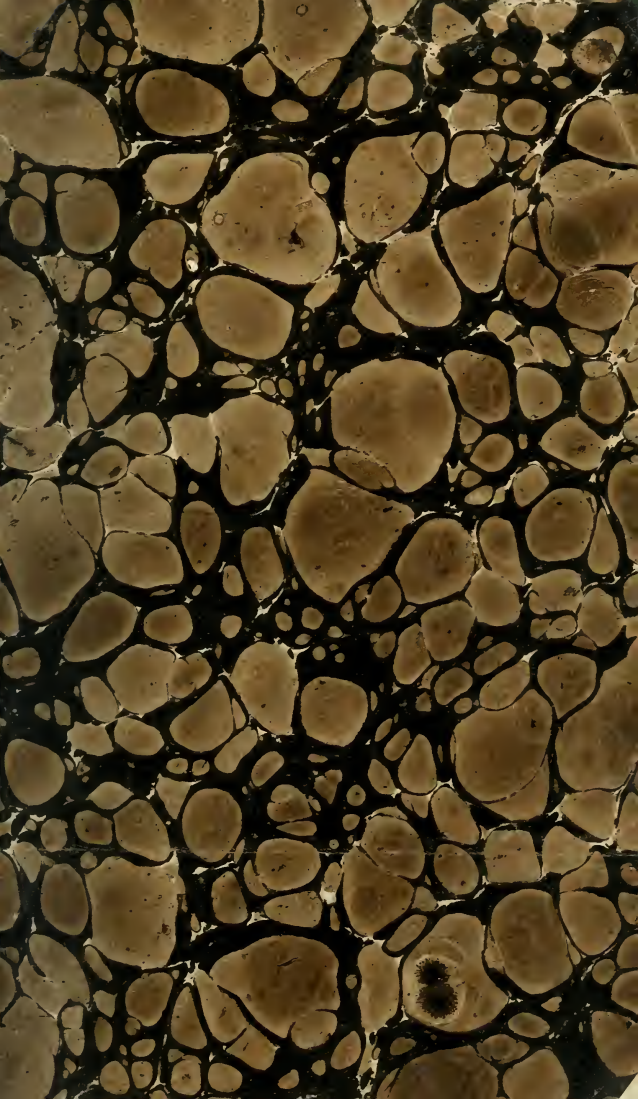
UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

Z 4613



Pedro Fernandes

OBRAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT.

XIII

(DONA BRANCA.)

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/donabranca00alme

DONA BRANCA

PELO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT.

TERCEIRA EDIÇÃO.

LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL
1857.

(PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO.)

PUBLICANDO ésta nova edição de DONA BRANCA, a primeira que se faz em Portugal depois de umas quantas francezas e brazileiras, pareceu-me dever pôr aqui alguma memoria, tanto da primeira composição do poema, como da presente fórma com que hoje se reproduz.

E consintam-me, antes de tudo, o desabafo de dizer que nenhum homem ainda fugiu tanto ao seu destino como eu; nenhum porém foi tam perseguido do 'inevitabile fattum' que me não deixou. De criança me tentaram e namoraram as musas, e de criança lhes resisti sempre, com mais severo pudor do que o casto José, deixando-lhe por vezes nas mãos lascivas a capa virginal de minha pudicicia, e fugindo com merito e virtude verdadeira, porque fugia a deleites suspirados, ardentemente desejados de minha alma.

Imberbe ainda, na universidade, macerei os desejos rebeldes com jejuns e cilicios; estudando muito direito romano, teimando no Euclides e no Besout, fazendo impossiveis, e conseguindo, durante cinco annos quasi, affastar de mim a tentação. A malditta mania das comedias particulares que alli appareceu derepente entre os estudantes, o enthusiasmo da revolução de Vinte que me

apanhou em flagrante, rodeado de encyclopedistas, de Rousseaus e de Voltaires, deitaram a perder tudo... atirei com o gorro por cima da ponte e fiz versos.

Durou-me pouco a imbriaguez d'esta primeira paixão; porque entrando cedo no mundo e nas agitações politicas, o ocio das recreações litterarias me infadou logo.

Por mais de dois annos as não vi as taes musas. Mas emigrei; e a solidão, a tristeza, as saudades do exílio me submetteram de novo a seu imperio. Foi então que fiz a DONA BRANCA; e de então data a lucta constante de minha vida em que, ora triumpho eu e a minha razão occupando-me de coisas graves e uteis quanto posso e me deixam — ora vem o ocio e a descrença politica e me adormecem nos braços das traidoras Dhálilas que me tosquiam razo como Sansão, e recaio a fazer litteratura... aos Philisteus.

Assim me tentei a fazer a DONA BRANCA

ha mais de vinte annos, quando emigrado e criança em paiz extrangeiro; assim me tento agora quando emigrado em minha casa—e homem maduro, que ja devia ter mais juizo —a revê-la e aperfeiçoá-la. Mas é fado: repitto.

Direi de passagem que as críticas, de que foi objecto este poema, lhe foram uteis as mais d'ellas: porque, se nem todas accertaram com os defeitos, todas me fizeram reflectir, e achar talvez o que sem ellas não acharia.

Não fallo de certas accusações calumniosas e brutaes com que a mesquinhez de um ou outro sabichão de meia-tigella quiz aspergir de immoralidade o meu innocentissimo romance; tam recatado, o pobre, que até da infanta D. Branca—uma das mais despejadas 'leoas' do seu tempo—fez a donzella timida e sem malicia que ahi pintei, mentindo bem descaradamente á historia. E os

tartufos invocaram a historia para accusar o poeta de não respeitar a fama da senhora infanta!

Tinha vontade de dizer que até um meu muito particular amigo, cardeal da Sancta Egreja Romana, entrou n'estas villanias... Mas Deos lhe perdoe, como lhe eu perdoei. Fraquezas do pobre homem! Eu sempre fui amigo d'elle, comtudo. *

Vamos á presente edição.

Approveitei este verão que passei no campo, e puz-me a reler a DONA BRANCA, marcando as incorrecções de stylo e as criancices de conceito que lhe fui achando; e vi que para consentir com os editores das minhas obras, que ha muito queriam completá-las com ésta que faltava no mercado, era preciso revolvê-la de alto a baixo. Fazê-lo sem

* Suppomos que este § quer alludir a certo artigo que appareceu no *Panorama* sôbre D. Branca.

(N. dos EE.)

fazer nova obra, era o ponto; e o mais difficil para mim. Resolvi-me porém a começar; e uma vez começado, acabei o trabalho. É o que hoje se publíca.

Dos sette cantos, em que andava mal dividido o poema, fiz dez. Tem poucos centos de versos mais do que tinha; mas o inrêdo e argumento da acção ficou mais claro, e os seus episodios mais ligados. Do stylo tirei muitas voltas de arcahismo forçado que sabiam á reacção philintista em que estava a lingua quando primeiro o compuz. E muitos deixo ainda, em memoria de como algum tempo conseguiu passar por obra posthuma do Padre Francisco-Manuel este poemeto, que na primeira edição de 1826 trazia no rosto as iniciaes de F. E.: monogramma com que o auctor puerilmente se incobriu por medo das críticas — e do que era um pouco mais serio, a censura armada do paternal govêrno absoluto, que, se ja não tinha

a inquisição, tinha ainda as suas academias e litteratos a bradar que o Limoeiro e o Caes-do-tojo eram a verdadeira lei de repressão dos abusos da imprensa.

Não se póde negar que era coherente ao menos aquelle paternal govêrno, e que não inganava ninguem.

Cruz-quebrada, agosto, 1848.

CANTO PRIMEIRO.

I.

Aureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grecia amavel, crença linda
De Venus bella, Venus mãe d'Amores
Brincões, travessos;—do magano Jove,
Que do septimo ceu atrás das môças
Vem andar a correr por este mundo,
Ja niveo touro, ja dourada chuva,
Ja quanto mais lhe apraz;—de Baccho alegre,
Do louro Apollo, e das formosas nove
Castas irmans que nos vergeis do Pindo

Tecem aos sons da lyra eternos carmes;
Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio:
Professei outra fe, sigo outro rito,
E para novo altar meus hymnos canto.

II.

Não rias, bom philosopho Duarte,
Da minha conversão, sincera é ella *:
Disse adeus ás ficções do paganismo,
E christão vate christãos versos faço.
—Irão meus versos ao retiro mystico,
Adonde te escondeste, procurar-te;
E ao levantar da nevoa matutina
Te hãode acordar para contar-te a historia
Dos bons tempos que foram.—Ouve, escuta
O alahude romantico, ouve as coplas
Do amigo trovador: á nossa terra
Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos
Imbalar as saudades, e dar folga
Ás âncias d'alma co'as ficções do ingenho.

* Veja nota a este verso, no fim.

III.

'Em hora boa saia a nova espôsa
'Por caminho de flores! Saia a bella,
'A casta filha de Sion sagrada
'Para os paços magnificos do espôso!
'Choremos nós, que ella se vai, choremos,
'Que nos deixa e se vai: outro rebanho
'A apascentar caminha em prados novos;
'De outras ovelhas cuidará solícita,
'Que não de nós: sua coroa mystica
'Outras mãos tecerão da rosa agreste,
'Do lirio das campinas para a frente
'Da pastora sagrada: o bago sancto
'D'outro redil defenderá a entrada.
'Em hora boa saia a nova espôsa
'Por caminho de flores! Saia a bella,
'A casta filha de Sion sagrada
'Para os paços magnificos do espôso!'

IV.

Aberta estava a porta do mosteiro,
E as virgens do Senhor este cantavam

Hymno de saúdosa despedida
Á sua joven prelada que ora as deixa.
Formosa e em viço de florentes annos
A real Branca, de Lorvão senhora,
Alli despiu do seculo as grandezas
Na solidão do claustro: o nobre Affonso
Viu com lagrymas pias—não de mágua,
Trocar a linda filha a régia purpura
Pela estamenha austera. Môça e bella
O baculo impunhou, e o regeu digna
De seu sancto mister. A mais subido,
Mais alto grau na hyerarchia a chama
Agora seu avô, essoutro Affonso,
O sabio, o imperador, o rei poeta
Que as musas pôs no solio co'a virtude
E com ellas reinou, rei cavalheiro,
Poeta portuguez, que em nossa lingua,
Mais estreme da arabiga aspereza,
Mais goda e mais romana, preferia
Suas régias canções cantar do solio.
Como a sangue que é seu, e amada filha
De Beatriz muito amada, lhe queria
O bom do imperador á joven Branca:
Abbadeça a fez d'Holgas; a buscá-la

Vieram seus vassallos; e ora parte
Em pomposo cortejo a tomar posse
De seus grandes, riquissimos dominios.

V.

Cavalleiros cinquenta armados d'aço
Lucidas cotas, duras malhas vestem:
Alva cruz nos broqueis; e alvo pennacho
No elmo brilhante fluctuando ondeia.
Alta a viseira está, mas baixos olhos
O respeito lhes põe; não fita ousada
A vista do guerreiro as virgens sanctas
Que o veo do templo separou do mundo.
Vassallos estes são que as ferteis varzeas
De Burgos teem, e d'Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão: custou-lh'armados
A entrar assim por terras portuguezas;
Com muito campeão romperam lanças,
E em pontes e castellos de senhores
Houveram que brigar; nem lhes valeram
Salvos-conductos do valente Affonso,
Que o portuguez cioso não tolera
O rival castelhano em terra sua.

Mas passaram alfim, e a sua bella,
Real senhora levam. Ja fluctua
O pendão branco ao vento matutino,
Dá signal o clarim, viseiras descem,
Lança em punho.—Alva mula, ajaezada
Com riccos pannos de oiro e finas telas,
Monta a formosa infante acompanhada
De suas donas. Soeiro e Lopo a seguem;
Soeiro e Lopo, venerandos padres,
Digno exemplar em lettras e virtudes
Dos filhos de Bernardo; a consciencia
Teem a seu cargo da gentil princeza;
E bulla especial do sancto padre
Para acudir ao caso mais difficil,
D'estes de exame, d'estes que faziam
Ao proprio Camisão suar a testa,
Que nem o agudo Busembau sonhára
Nem o Larraga lhe mettêra o dente.
Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios,
E a Galeno e Averroes deu sota e basto,
Em gorda, russa mula,—e não de physico,
De nedea que é—pesado de aphorismos,
Grave caminha juncto aos reverendos.
Nuno, valente e guapo borda-d'agua,

Taful de escaramuças e ciladas
Contra arraianos, do Leonez e Mouro
Temido como duende que os persegue,
Nuno, mancebo experto, e cavalleiro
De nobres partes, por elrei mandado
Á infante fôra a acompanhá-la a Holgas,
Como escudeiro seu. — 'Tam bello pagem
A senhora tam môça não cumpria.'
Rosnava lá comsigo frei Sociro;
Mas o mal que lhe quer, pelo respeito
De quem o manda, declarar não ousa.
Seguem mordomos, escudeiros, moços,
Que, uns duzentos ao todo, cavalgando
Vão em marcha vistosa ás margens lindas
Do suavissimo e placido Mondego.

VI.

Raro é o veo, alva a touca; e transparecem,
Pelo veo raro e pela touca alvissima,
As tranças loiras como o sol que nasce
Detrás do outeiro, como os raios d'elle
Luzem quando ligeira os cobre nuvem
Diaphana no ceu. Quem bade os olhos

Debuxar! Como o azul do firmamento
Em noite pura?—Não, que são mais lindos.
Como a saphyra em relicario sancto
Á luz das tochas, adorada emtôrno
Em devota funcção?—Ah! que outro brilho,
Outra luz teem; e a devoção que inspiram,
—Bentas reliquias, perdoae-me o verso—
É mais fervente. Oh! sahem d'esses olhos
Languido-azues umas suaves chammas,
Um quasi effluvio d'alma, que transpira,
Que vem do coração, que doce mana,
E o ar, e o peito que o respira, imbebe.
Seio... imagine-o amor c'o ôlho atrevido
Do perspicaz desejo. Amor... que disse!
Amor! virgem do altar não sabe amores.
Longe, atrevido cubiçar profano;
É vedado esse pomo: ai do que o toca!
Vela o espôso do ceu, ao ceu pertence,
Admire-o a terra; mas além é crime
Passar da admiração. Branca, a formosa,
A linda Branca, sangue real d'Affonso,
Tam bella, tam gentil, fez de suas graças,
De seus incantos sacrificio ás aras.

VII.

Leda caminha a nobre comitiva;
Mas o sol, que declina, lhe poz termo
Ao viajar: fadiga sente a joven
Princeza a tanto andar não costumada.
É mister de buscar poisada commoda
Para a noite.—Onde? a luz ja vai mingando;
Nem tarda o manto a se cobrir das trevas
Orpham do dia o ceu. Dobrar o passo,
Que a poucas leguas jaz convento ricco
De monges negros.
—'Monges negros!' disse
Frei Soeiro com gesto de desprêzo:
'Pernoitar sua alteza em tal mosteiro!
Senhora, grande sancto foi san'Bento,
(Meu padre san' Bernardo me perdoe!)
Mas para tam fidalga companhia,
Para vós, real senhora, sôbretudo,
Dos monges brancos honra, flor e nata,
Tal poisada buscar!.. De nossa regra
O mais sancto preceito e veneravel,
Querereis infringi-lo? Antes mil vezes

Os votos todos tres. E vossa alteza
Me desculpe, porêm uma só noite
Sem o cumprir!.. Não chega a tanto a bulla
Do sanctissimo padre: eu por mim, digo,
E frei Lopo, que ahi 'stá, que me desminta;
Mas absolver não posso esse peccado.'

VIII.

'Que é, padre mestre?' disse a infanta: 'eu tremo
De vos ouvir. Antes aqui na terra
Dura dormir, e ao relento frio,
Que tammanho peccado commettermos.
Porêm qual é, dizei-me, esse peccado,
E que regra da ordem nos prohibe
De ir poisar ao mosteiro de san' Bento?
Teem esses padres fama de virtude;
E não sei que lhes falta...'
—'O que lhes falta?'
Bradou com voz austera e tam medonha
Frei Soeiro, que a princeza de aterrada
Estremeceu na sella... e se não fôra
O pagem que lhe accode a segurá-la,
Da excommunhão, que viu sôbre a cabeça,

Fulminada cahíra...
—'O que lhes falta?'
Repettiu, sem curar do mal que a afflige,
O abstinente bernardo infurecido:
'O que lhes falta? o quê?.. falta a *Tremenda.*'*

IX.

Riramos hoje nós, degenerados,
Tibios fieis, da emphatica resposta
Do rigido Soeiro; e tal magano
Haveria de spirito philosopho,
Que impio mofasse do zeloso padre,
E lhe ousasse dizer: 'Fóra, bernardo!'
Porêm n'aquelles tempos de fe viva,
Em que ao mais leve incredulo respiro
Tremenda excommunhão tapava a bôcca,
E em caso de mais polpa, um bom milagre...
—Tempo sancto, que nós não mais veremos;
Maldicta seja a ruim philosophia!—
N'aquelles tempos de saudosa historia,
Que responder a um reverendo padre
Confessor,—confessor de sua alteza?

* Veja nota a estes versos, no fim

X.

Indecisa parou a comitiva;
E, os olhos fitos nos dous sanctos filhos
De san' Bernardo, moços, escudeiros,
Cavalleiros, a propria infante, aguardam
A decisão do caso de consciencia,
Que porventura a todos os condemna
A dormir ao relento, e mais sem ceia.

XI.

Sem ceiar!—Este negro pensamento
D'azas pesadas esvoaça n'alma
Ao theologo austero, anda, desanda,
Com todas as ideas se lhe intrava;
E a qualquer solução, que lhe desponta
No difficil problema, este se aggrega
Corolario fatal: sem ceia!—Á parte
Os dous graves juizes se retiram
A conferenciar, e a voz primeira
Que unisonos soltaram foi: 'Sem ceia!'
—'Sem ceia, padre mestre!'
—'E sem Tremenda,

Carissimo!'
—'Assim é; porèm mais vale
Pouco que nada.'
—'E a regra?'
—'A regra... O caso
Intrincado é.'
—'E tam arduo, que o não viram
Egual ainda os casuistas todos.'
—'Caso é este, meu padre, que um capítulo
Não viera a cabo em decidi-lo ao justo.'
—'Capítulo, dizeis!... A ser eu papa,
A concílio chamára a christandade:
E nem assim.'
—'Mas, padre, se mandassemos
Alguem adeante a ver se concertava
O caso co'esses negros monges? Negros
Sejam elles!'
—'Que raio de luz esse!
Inspirou-vos o ceu, ou san' Bernardo.
Sim, padre, sim, va vossa charidade,
E convenha com elles sôbre o modo
De se cumprir a nossa sancta regra.
Nós iremos emtanto a passo lento
Té que resposta da missão nos venha.'

XII.

Assim se decidiu o grave caso
De consciencia; e assim a Deus prouvera
Se decidissem todos.—Deu d'esporas
Á nedea mula o sabio conselheiro;
E informada a princeza e seu cortejo
De accordam tam prudente, a passo tomam
O caminho do proximo convento.

XIII.

Levam tempo disputas, e as fradescas
Mais que nenhuma. Escassa a luz incerta
Do crepusculo tenue, dubias côres
Ao vecejar dos campos dava ainda,
Ao lourejo das messes, e ao verde-alvo
Dos ferteis olivaes que a estrada bordam.
Por entre elles ao longo ao longo infiados,
Ia a abbacial cohorte caminhando;
E na vasta planicie, onde começam
A pesar raras as nocturnas sombras,
Os olhos com delicia se estendiam.

Fecha a maga, saudosa perspectiva
Ao cabo lá, cerrada cordilheira
De outeiros, cujo verde tachonado
Co'a pallidez das urzes que desmaiam
No ardor do Sirio, ainda o veo das trevas
Permitte distinguir. Um so mais calvo,
Negro e todo de solido granito
N'esse animado quadro parecia
Em scena tam vivaz quasi squeleto
De monte, e contraposta imagem funebre
Da morte, a tanto luxo e flor de vida.
Como atahude egypcio que entre os brindes
E prazer dos festins vem travar gostos
Co'a lembrança—terrivel!—do futuro.

XIV.

Escarpado de agudas penedias,
Isolado, so, arido, e de pontas
De vivo seixo agudas eriçado
Estava o cêrro: como em mar d'areias,
Insoluvel theorema a sabios, se ergue
A obra dos Pharaós.—Iam vagando
Pelo variado aspeito d'este quadro

Os olhos dos viandantes... quando subito
No alto do escuro monte uma luz clara
Surdiu, desapparece, outra vez brilha,
E some-se... a luzir volve tranquilla:
Como um phanal que em costa mal segura
Ao prudente baixel do p'rigo avisa.

XV.

Maravilhou a todos o spectaculo
Inesperado: a timorata infante
Cuida ja ver de mouras incantadas,
De feiticeiras más, de lobishomes
Toda a caterva em pêso a vir sôbre ella;
E não ousava rezar baixo o credo,
Nem *vade retro, Satana!* que dizem
Nem sempre coisas más se vão com rezas,
E ás vezes é peior, porque se assanham.

XVI.

'Que será?' disse emfim um rumor surdo
De vozes dos que tremulos pararam,
E observam com terror a luz estranha.

—'Deus nos acuda!' baixo diz a infante.
—'E o padre san' Bernardo antes de tudo:'
Frei Soeiro emendou.
—'Certo me espanta,
Volve dom Nuno, o pagem da princeza:
'Certo me espanta este signal estranho,
Que por velas * de mouros o tomára
N'outra paragem. Bem travado co'elles
Anda o mestre dom Paio, que os deixasse
Passar do Algarve aqui. Afé vos digo
Que este é o proprio signal que usa em seu campo
Aben-Afan.'
—'Aben-Afan!' repettem
Em côro a comitiva espavorida
Com frigido terror. O mais tremendo,
E mais temido, acerrimo inimigo
Que tinha Portugal, era esse mouro
Pelos tempos d'então. Valente, ousado
Era elle, e senhor de grandes terras:
Todo o Algarve d'aquem o reconhece
Como a principe e rei temido e alto.
Suas galés innumeras infestam

* Veja nota a este verso, no fim.

Entre as columnas d'Hercules os mares.
Emvão com seus ardidos cavalleiros
Dom Paio, o mestre de Sanctiago o aperta:
Que do queimado Algarve nos castellos,
Firmes inda nas lanças musulmanas,
Profanas luas brilham.—Como as sette
Aureas tôrres no escudo lusitano
D'emtôrno ás sanctas Quinas se junctaram?
Como a nobre Tavira abriu suas portas
Ao portuguez? Como ao singelo titulo
De rei de Portugal o augmento veiu
D'aquem e d'alem mar, que outros tam nobres
Trouxe depois?.. Ja nobres, tristes hoje
Que so memorias tristes nos recordam
Do tam caro ganhado, e tam barato
Perdido...

XVII.

—'Moiros são, dizeis, dom Nuno?'
Ao seu pagem a infante perguntava.
—'Real senhora, talvez não... É certo
Que este signal... Mas...'
—'E que monte é aquelle

Tam negro onde elle está?'

—'É o Monteagudo,
Senhora, nomeado n'estes sitios
Pelo seu ermitão que alli vivia
Inda ha pouco, e não sei se é morto ou vivo;
Mas ha bem tempo que o seu branco alforge
Não tem vindo a pedir pelas aldeias
Como vinha antes sempre: e eram disputas
A quem mais lh'o encheria entre as cachopas
E lavradeiras todas d'estas terras.
Teem-lhe uma devoção...'

—'Não me recordo
De o ver: e aqui tam perto do mosteiro
Lá iria alguma vez. Como se chama?'
—'Hugo... Frei Hugo é: e contam d'elle
Historias de pasmar; de que foi moiro
Ou com moiros vivêra largos annos
No Algarve; e era parente ou grande amigo
De um Garcia Rodrigues que lá anda,
Mercador muito ricco e nomeado,
Homem de prol porcerto e christão velho.
Mas Frei Hugo não sei...'

—'Poisquê?..'

—'É fama

Que a rainha do Algarve, ésta que é morta,
A mãe de Aben-Afan, a convertêra
Frei Hugo á fe de Christo, e que a princeza
Oriana á nascença baptizada
Fôra logo... mas dizem... É uma historia...'
—'Que eu quero saber, que me interessa.
Dizem o què?'
—Que a tal rainha moira
Tinha uns feitiços e uns taes olhos negros,
Que o frade, com ser frade...'
—'Basta, basta:
Parece-me que sei ja toda a historia.'
—'Pois sim. E que d'ahi, arrependido
Quando lhe ella morreu, veiu a estes sitios
Em vez de ir ao convento, e em Monteagudo
Fez essa ermida, e em cruas penitencias
De cilicio e jejuns consomme a vida.'
—Coitado! Deus se doia de sua alma!
E agora estou pensando que me lembra
De ter visto em Lorvão, na nossa egreja
Um ermitão rezando tam contritto,
Tam devoto. Quem sabe se era elle?
Mas se é morto, dizeis...'
—'Talvez não seja.'

—'Ou sería sua alma que ande em penas...
Frei Lopo, dir-me-heis tres missas negras
Por uma alma que está no purgatorio
E eu quero despenar...'

XVIII.

Mal proferíra
As piedosas palavras a princeza,
Surde, como visão de spectro ou sombra,
D'armas negras armado um cavalleiro
E em corcel tambem negro—quaes os rege
A noute em carro d'evano. Passando,
Atravessou impavido as fileiras
Dos castelhanos, que tomados subito,
Como d'espasmo frio, nem ousaram
A fazer-lhe a pergunta costumada
De '*Por quem, cavalleiro?*'—Ia ja longe,
Quando acordados a bradar começam:
'*Por quem, por quem?*'—Mas elle, sem volver-se
Nem apressar o passo majestoso,
Em portuguez tornou: 'Real, real
Por branca rosa, flor de Portugal!'
Deu d'esporas, e a rapido galope

Despareceu. Tranquillos foram todos
Co'a resposta, e contentes—que d'amigo,
Certo era: so dom Nuno lá dizia
Entre dentes baixinho: 'Amigo!... Embora.
Porêm, afé, cavallo e cavalleiro,
Tam christãos elles são, como eu sou mouro.'

XIX.

Andando vão caminho do mosteiro,
E andando a noite mais e mais desdobra
Seu veo negro d'estrêllas recamado.
Que, ausente, a lua sos no ceu deixava
Alvas brilhar.—Qual o festivo bando
De donzellas louçans no prado á sòlta
Em horas de recreio, e longe d'olhos
Sempre álerta, ligeiras danças formam,
Travam jogos brincões; surri-lh'o esmalte
Do campo, e as flores tam gentis como ellas.

XX.

Mas ja cuidoso o rigido Soeiro
Co'a delonga do enviado reverendo,

Começa de assombrar-se-lhe a consciencia
Na idea de quebrar o mandamento
Cardeal dos preceitos bernardescos.
Ja entre a comitiva mal disposta
A acceder aos escrupulos do frade
Murmuravam alguns; e so continha
O respeito da infante, que assanhada
Não rompesse a questão entre os dous maximos
Podêres que este mundo entre si regem...

XXI.

Eia! cobrae alento, animos fortes,
Que, vêdes, Lopo traz a medicina
Para escrupulos, fomes, e temores
De mal passadas noutes, magras ceias
E o mais que agora em vossas almas pesa.
—'Tremenda, padre; e viva san' Bernardo!'
Gritava ja de longe, esbaforido
Do galope em que vem.—'Viva a tremenda!'
Soeiro volve; e vivas lhe respondem
Da companhia alegre co'a mensagem.
Dobra-se o passo; cada qual se apressa,

Com olhos e alma no tinello * bento.
Branca, a formosa Branca de annos tenros
Á tutoria monachal affeita,
E sem vontade sua onde é senhora,
Vai onde a levam, e rezando sempre,
Começa uma novena e tres rosarios
Que nos p'rigos da estrada promettêra
A não sei quantos sanctos milagrosos,
Se á poisada ésta noute a salvo chega.

XXII.

Correi, correi, ó nobres cavalleiros,
Correi, correi; san' Bento vos espera
Com farta ceia e regaladas camas.
Porêm, como os escrupulos cessaram
Do rigido Soeiro? como poude
O destro enviado congraçar diffrenças
De monges brancos e de negros monges?
—Facil não foi; travada houve disputa;
E a não ser o abbade, homem prudente,
Que o bago regedor metteu em meio
Da renhida contenda, hoje ao sereno

* Refectorio

Ficaras, linda Branca delicada;
E de tuas faces as purpureas rosas
Ámanhan desbotadas não dariam
Inveja e zelos, aos rubis da aurora.
Esses olhos tam puros, d'onde mana
Doce arroio de luz celeste e meiga.
Olhos, por quem amor dera o seu throno,
Dera um ceu de prazer e de ventura,
Se outro ceu, se outro amor ja não tomára
Para si todo, todo esse thesouro:
Esses olhos pesados do relento,
Morna a luz, sem fulgor, do novo dia
Não brilhariam matutinos raios:
Qual sóe brilhar no ceu a estrêlla d'alva,
Percursora do sol — tam radiante,
Tam majestosa não, porèm mais bella.

XXIII.

Eis os repiques nas sonoras grympas;
Eis as tochas, e os canticos: — 'Bem vinda
'A filha de Sion, bem vinda seja
'A progenie dos reis, a casta espôsa
'Eleita do Senhor. São os seus olhos

'Como os da pomba quando em terno arrulho
'Anceia...'—Os padres bentos o cantavam,
Não sou eu que o inventei:—e outras mais cousas,
Excitantes imagens das delicias
Conjugaes d'alma: hymno exemplar e sancto,
Extrahido do cantico dos canticos. *

* Veja nota a este verso, no fim

CANTO SEGUNDO.

I.

Oh formosura! oh doce incanto d'olhos,
Inlêvo d'alma, paraquê no mundo
Te debuxou a mão da natureza?
Que vieste fazer do ceu á terra
Ornato de anjos, divinal revérbero
Da face do Creador?—A luz da estrêlla
No firmamento azul, o alvor da lua
Frouxo-brillante, e bello como a face
Da virgem que suspira por amores
Vagos, que em peito infante lhe despontam;

O surrir meigo da rosada aurora
Que vem o dia annunciar com flores
Roxas, colhidas nos jardins do oriente;
E o sol, orbe de luz no ceu, radiante,
Ôlho, imagem de Deus, clarão e vida,
Ser, existencia propagando eterno
Por innumeros orbes suspendidos
No espaço... oh! formosuras são condignas
Do edificio magnifico do mundo.
De taes incantos adornou sua obra
A mão que tudo fez.—A majestosa
Architectura do orbe foi traçada
Assim, n'um grande rasgo de belleza
Simples, sublime e grave como a idea
Que o concebeu no seio á eternidade.

II.

Mas, homem, tu miserrimo dos entes
Que se arrastam no espaço circumscripto
De um dos minimos globos do universo,
Insecto de um so dia, que nasceste,
Para continuar o élo da vida
Na cadeia dos seres!... que apontaste

N'um angulo da scena resplendente
Para ve-la, e... morrer; homem, quem póde
Comprehender teu fado mysterioso
Nos destinos do mundo! E como aprouve
Á natureza—liberal, e avara
Comtigo, ja mesquinha, generosa,
Ja ricca em dons, ja pobre em faculdades,
Que te deu, te negou, e assim te ha feito
O mais raro phenomeno da terra,
Incomprehensivel, unico—homem, como
D'esta sorte lhe aprouve á natureza
De ajunctar em teu rosto a formosura
Toda pelo universo repartida!
Como tu, vidro obscuro e quebradiço,
Em ti so concentraste o prisma inteiro
Das bellezas no mundo repartidas!
Ou zombas d'elle, ou alto é teu segredo
Acêrca do homem, creadora Essencia.

III.

E então da especie na porção mais debil,
Mais fragil foi cahir todo esse raio
De formosura! Então para compendio

De bellezas e incantos, escolhida,
Foi a mulher!—De quem o cofre ricco
De mimos e de graças, confiaram!
Nossos prazeres todos, nossos gostos,
Consolações, allivio em mágua, amparo
Na infancia, incanto em juventude, e arrimo
Na velhice, de ti, mulher, nos partem:
Concéde-los tu so, ou no-los negas.
Negas, e quantas vezes!—Mas tyrannos
Não somos nós, injustos, oppressores?
De quantas privações, de quaes tormentos
Lhe não travamos duros a existencia!
Que sordidos harens, que vis eunuchos
Tem o Oriente, sepulchros tristes de oiro,
Onde geme a virtude, e amor corrido
Cede a brutal desejo o faxo e a venda!
—Culpas, Europa, o musulmano barbaro?
E os teus carceres negros e traidores,
Onde á innocencia candida, á piedade
Arma perfido bonzo o laço astuto,
Laço, que, eterno, a vida, os gósos d'ella,
A ventura, o prazer d'um nó separa? *
Corta sem dó—crueis!—e até cerceia

* Veja nota a este verso, no fim

O derradeiro bem d'um desgraçado,
A esperança?—Esperança! nem um viso,
Nem um so raio seu penetra os ferros
Da escravidão que so tem fim co'a vida;
Nem um so raio seu vai bemfazejo
Aquentar corações gelados, mortos!
Mortos, mas palpitando no sepulchro,
A que baixaram vivos.—Homem barbaro,
Ingrato e desleal, qual é seu crime?

IV.

Escrupulos, adrede fomentados
Por ignorancia interesseira e baixa,
Quanta victima cega hão conduzido
Ao altar profanado de holocaustos
Tam sanguinarios, crus! A patria, amigos,
Casa paterna, maternaes caricias,
Doces futuros d'um espôso amavel,
De meigos filhos, sanctos gósos d'alma,
Dados de Deus—e tudo abandonado
Pela impia crença de que a Deus não prazem,
Que impureza os deturpa, o vicio os mancha,
E so do claustro para o ceu ha estrada.

Dogma fatal, preverso, injurioso
Á divindade!—Oh! victima innocente,
Formosa Branca, de tal êrro foste.
Devota, pia, timorata e fraca,
Temeste o mundo, escolho de virtude,
E, sem o conhecer, fugiste o mundo.
Pr'igos, cachopos tem o mar da vida,
Tredos baixos, procellas tempestuosas:
Mas o nauta que timido largasse
O baixel que o conduz á patria cara,
E dos riscos das ondas aterrado
Fôsse em algoso, ingreme cachopo,
So, no meio dos máres accolher-se,
Onde nem doce esp'rança d'almo pôrto,
Nem confôrto da vida, nem uns longes
De melhor sorte, mas so êrmo triste,
Mas so a vasta solidão do oceano...
Prudente o chamarias?—Ai virtude,
Que homens, que leis dos homens te conhecem?

V.

Trazei, filhos de Bento, as succulentas,
Largas postas do nitido cevado;
Correi devotamente ao dormitorio,

E em grosso pingue de toucinho gordo
Me affogae os escrupulos bernardos.
—Foi lauta a ceia e vasta: perus trinta,
Por cabeça os leitões, adens sem conto.
Não manjares opiparos, não brandas
Delicadezas d'exquisito gôsto,
Mas fartura, abundancia illimitada
Á portugueza velha.—Comeu pouco,
De extenuada, a mui formosa infante;
Mas por ella e por si, por um convento
Comeram os dois padres confessores.
Nem tu, mestre Gilvaz, em tal appêrto
De tentações, podeste recordar-te
Do fatal *omnis indigestio mala:*
Texto que em teu systema te confunde,
Unico em toda a vasta medicina,
Que interpretá-lo bem não conseguiram
Tuas doutas vigilias.—Ja repletos
Com tam frugal repasto ao leito foram,
E no primeiro somno em paz descançam.

VI.

E ora de cruz alçada, e cerufrarios,
Em procissão coristas se incaminham

Com ingente marmita ao dormitorio
Onde jazem os hóspedes bernardos.
Supinos jazem, e jazendo roncam,
Mas ao devoto cheiro da *tremenda*,
E ao conhecido canto acordam presto.
E assim a procissão andando intoava:

CÔRO.

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

UMA VOZ.

Macerae essa carne rebelde
Co' este gordo, tremendo boccado;
Sonhos maus, tentações do demonio,
Fique tudo em toucinho affogado.

CÔRO.

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

OUTRA VOZ.

Louvor seja ao glorioso Bernardo,
Que tam sancto instituto vos deu:
Sem *tremenda* quem póde salvar-se?
Com *tremenda* ninguem se perdeu.

CÔRO.

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

VII.

Co' este hymno monachal annunciavam
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos
A respeitavel hora da *tremenda:*
Uso antigo, sagrado, inalteravel
De monges brancos, e hoje por não vista
Exemplar tolerancia permittido
Nos claustros pretos, não sem muito escandalo
Dos padres-graves rigidos da ordem,

Que altamente em capítulo altercaram.
Assignaram seu voto em separado,
E protestaram n'acta. Mas o abbade,
Mais tolerante ou mais cortezão que elles,
Relaxou, em respeito da princeza,
A monastica, austera antipathia,
E a liberdade franqueou de culto,
Por ésta noite so, em seus dominios.
—'E que nos faz a nós que os bons bernardos
Comam toucinho, ou não?' argumentava
O philosopho abbade: 'ha hi peccado,
Ou offensa de Deus?'—'Quê, padre abbade!'
Torna inflammado em zêlo um reverendo:
'O quê? Indiff'rentismo em taes materias
É dos peccados todos o mais grave.
O que nos faz a nós que comam porco!
E os Judeus, o que importa que o não comam?
Mas para esses ha boas fogueiras;
E então estes...'—'Basta, padre: á ordem!
Por sancta obediencia vo-lo mando.'
E decidiu-se que a *tremenda* fôsse
Ponctualmente repartida aos hóspedes
Com todo o ritual prescripto e usado
Entre os gordos bernardi-brancos monges.

VIII.

A procissão fôra direita á porta
Da abbadessa gentil; mas tam cançada
Se achava da viagem, que impossivel
Lhe era cumprir co' este preceito sancto
Da regra. Meiga voz disse de dentro:
'Dispensae-me hoje, que... não posso.'
—'Como?
Não posso!' brada em cuecas acudindo
Gorda, cachaci-pansuda figura
Que da fronteira cella a correr veiu:
'Não posso! o quê? Não chega a tanto a bulla.
Dispensar! Com dispensas vai perdida
A egreja, e as ordens. Dispensar no caso
Mais grave, no preceito mais restricto
De nossa regra! Não, senhora minha:
Heisde tomá-la, ou não sou eu frei Soeiro.'
E atacava, dizendo, as descozidas
Bragas, que infiou á pressa arrebatado
De zêlo e rigidez.
—'Ésta so noite,
Ésta so por mercê e por piedade.'

Volve a sonora voz dentro da cella:
'Todo me doe o corpo fatigado,
Meu sancto patriarcha San' Bernardo,
Bem sabes tu se eu posso!'
—'Embora, embora:
Mais acceita será a penitencia,
Quanto mais custe. Vamos: vossa alteza,
Como prelada que é, deve ao exemplo
Sacrificar seu cómmodo e vontades.
So assim se mantem a disciplina
Da ordem.'
—'Mas...'
—'Ver-me-hei pois obrigado
A fulminar da excommunhão os raios.'
—'Excommunhão!... não, não: eu abro, eu abro.
Misericordia! Não, reverendissimo,
Oh! não me excommungueis: um porco vivo
Comerei antes... antes.'
Uma idosa,
Bem apessoada dona abriu a porta;
E o rigido Soeiro, inda em cuecas,
Ponderoso facão na dextra impunha,
E em manta enorme atassalhando um naco
Tal, que a so vista d'elle affugentára

Synagogas inteiras, triumphante
Do alto podêr de sua auctoridade,
Com voz solemne e grave pronuncia:
—'Approximae-vos, abbadessa d'Holgas.'
E a timida innocente, a passo lento,
Ao bruto sacrificio se encaminha.
C'os lindos olhos mede o desmedido,
Bronco pedaço que o brutal bernardo
Para bôcca tam breve ousou talhar-lhe;
E c'um gesto de mágua tam afflicta,
Mas tam formosa, tam incantadora,
Que abrira compaixão em bronzeos peitos,
Peitos de tigres—que não fossem frades,
Á repugnante, injoosa penitencia,
Resignada e humilde se offerece.

IX.

Scena era digna do pincel flamengo,
Da natural simpleza ingenuo filho,
Ésta que n'alma agora me debuxa
O acceso imaginar... Pinta-me o escuro
Fundo do quadro com um longo e funebre,

Escasso-allumiado dormitorio.
Põe-me ahi, do painel na luz primeira
Timida e joven, candida beldade
Com alvas, longas roupas, e o veo alvo
Erguido, que descobre a face angelica,
Onde a amargura—não de paixões vivas
Que o rosto convulsivas desfiguram,
Mas a que o gesto juvenil risonho
Contrai á vista do pedante mestre
Brandindo austero a ferula temida.
Essa, essa angústia da innocencia, altera
A suavidade das feições divinas.
Deante d'ella, a comica figura
Do fradalhão bojudo, incarniçado,
Co'as grossas, curvas e cevadas fórmas
Transparecendo das ligeiras cuecas;
Na mão, tremenda posta de toucinho,
Que rindo amostra com prazer maligno
Á timorata virgem.—Gruppos negros,
Brancos de monges, de diversas côres,
Cavalleiros armados d'armas brancas,
Brancas sobrepelizes de coristas,
Em derredor com arte collocados...
Não fôra, se tal quadro executasse

Não fôra, entre os milhares de prodigios
D'essa eschola immortal, o menos bello.

X.

Novo actor no meu quadro—nova, digo,
Figura, pois que fallo a lingua d'arte;
Ou então novo actor, porêm na scena:
Mestre Gilvaz, que acode ao arruído,
Despertando d'um sonho affadigado,
Em que se viu, qual Tantalo *inter dapes*,
De pasteis, de perus, de trouxas d'ovos
Cercado emtôrno... e a cada mão que estende,
A cada ávida bocca que escancára,
Um livido aphorismo em feia fórma
De alado spectro, co'aza de morcego
Lh'o arreda ácinte, e o cança, o atormenta.
Tal o doutor de Sancho, no banquete
Da insula bemditta, sem piedade,
Um depós do outro, os almejados pratos
Ao faminto escudeiro denegava.
—Acordou do terrivel pesadello,
Á bulha da *tremenda*, e mal lembrado
Da verdadeira causa do alvorôto,

Que a taes deshoras o socêgo quebra
Da habitação monastica, aturdido
Ao sítio corre onde o arruído escuta.

XI.

Estavas, linda Branca, n'esse instante
Resignada á injoativa penitencia
Que a teu cebento confessor, tam doce,
Tam deliciosa e branda parecia.
Eis bom messer Gilvaz entra esfregando
As inviscadas palpebras, e rouco,
Bocejando em hiatos tremendissimos,
De rebulicio tanto inquire a causa.
Viu-o a infante, e cobrando em seu desmaio
Um alento de esp'rança, os meigos olhos
Com supplice expressão volve ao galeno;
E—'Mestre Gil, oh! mestre Gil' exclama:
'Valei-me por quem sois. Ai! não, não posso.
Mestre Gil, vós sabeis que fraco eu tenho
O estomago, desde a última doença,
Que aquellas dez garrafas, trinta pilulas,
Ptisanas, infusões, purgantes, tonicos,
E não sei que outros mais doutos remedios

Vosso muito saber me receitára.
Ai! acudi-me, senão d'esta morro.'

XII.

Os olhos magistraes de novo esfrega
Inda tonto de somno e mal desperto,
Chega á princeza, e quasi por instincto
Da doutoral natura, a mão estende,
E ao niveo pulso gravemente a applica.
—'Febre' disse: 'febricula; está duro,
Intermittente, vivo, e com seu tanto
De... Vejamos a lingua. E de appettite
Como vamos? Funcções segregaticias
Em regra? Bom: o caso é de importancia,
Mas não de p'rigo: a *historia morbi* é simples,
E a capitulação *tyronum minimo*
Perquam facilis. Pòstoque nos diga
O grande mestre, o sabedor dos sabios:
Ars longa, vita brevis; invertido,
Com o favor de Deus, ja muitas vezes,
Tenho o douto aphorismo: vida longa
Com arte breve. E assim heide emendá-lo
Na primeira edição *correctior, auctior;*

Ubi ars brevior, erit longior vita.
E que saiam a campo esses doutores
Da mula russa; a pé firme os espero
C'um syllogismo *em barbara,* outro *ad hominem,*
E tres cornudos, bifidos dilemmas
Que lh' hãode estopetar as cabelleiras,
E fazer comer terra á faculdade.
Ignorantões! heide incová-los.'
—'Vêde
Que é urgente...'
—Se é urgente!... Ah biltres,
Sevandijas de borla, vis insectos!
Pretender insinar-me, a mim, ao mestre
Gilvaz, doutor pela alma academia
De Padua, que tres dias successivos
Sustentei a pé firme as minhas theses,
E esgrimi c'os primeiros disputantes
De Bolonha e Paris! A mim, birbantes,
A mim!...' E no ardor da dialectica,
Com pés e mãos fallava, e combatia
Imaginarios zoilos, atrevidos,
Petulantes, ignaros aristarchos,
Que, ás lançadas de vivos argumentos,
Desmontava do arção, prostrava em terra

Na escholastica arena estatelados.
Embalde o implora, o chama a gentil Branca,
E a circumstante turba ás gargalhadas
Lhe responde,aos somnambulos discursos
Que não intende: mais e mais irado
Lhes torna: 'Ignorantões, a mim, birbantes!'
Não esquecendo assim, nem quando em sonhos,
Da faculdade a natural modestia.

XIII.

Frei Soeiro, emtanto, co'a *tremenda* em punho,
Insta; Branca suspira, e incara o dóctor;
A fradalhada ri; Gilvaz redobra
De enthusiasmo; o confessor declama;
E em gritaria tal ninguem se intende.
Quando um leigo a correr esbaforido
Vem a gritar: 'Misericordia! acudam...
Misericordia! Moiros no convento.'
—'Moiros!' repette unisona a caterva;
E os berros de Soeiro, os argumentos
De Gilvaz, as risadas dos coristas,
Tudo parou n'um gelido silencio.
Como n'harpa festiva os sons alegres

Do trovador que feriu setta imiga,
Quando animava co'as canções divinas
As danças dos zagaes no flóreo prado:
Mas o cruel archeiro d'alta tôrre
O mirou certo ao coração, e fria
Pára a mão, que as vibrou, sonoras cordas

XIV.

Moiros!... Com olhos fixos e pasmados,
De susto e medo atonitos se incaram
Uns aos outros, e como que perguntam
Em seu mudo fallar: 'O que faremos?'
Dos cavalleiros a mor parte dorme;
E os que velavam co'a funcção nocturna
Da órgia monachal, tomados subito
De terror imprevisto, accovardados,
Sem ânimo, sem fôrça, irresolutos,
Em pavor frio como os outros gelam.
'Que faremos?'—'Ás armas!' gritou Nuno:
'Ânimo! ás armas, e segui-me todos,
Que eu...'—Não bem proferíra éstas palavras,
Tremendo *Allá* soou pelas abobedas
Agudas do comprido dormitorio.

E os alfanges nas trevas scintillaram
Mal acclaradas das nocturnas lampadas.
Luziram finas pedras nos doirados
Broches d'alvos turbantes.—*Allá* soa...
E os frades, o doutor e os cavalleiros
Se viram n'um instante sôbre os peitos
Apontadas as duras cimitarras,
Cru terror de christãos.—Nem um suspiro,
Nem um ai: mãos atras, e um nó valente
De rijo esparto—Nuno so, que em tanta
Desordem conservou cordura e alma,
Das mãos do frade toma a cruz que guiava
A procissão burlesca, e a golpes vivos
Co'a bandeira da fe a infieis combate.
Sôbre elle alfanges cento a golpes chovem,
Se descarregam ponderosas hachas,
Mas o intrepido Nuno a um lado e outro
Fere, estrue, defende-se, e derruba
Inerme e so ao ismaelita armado.
Não lhe comporta o generoso peito
Perder, sem disputar, a liberdade,
E antes a vida, que a honra, barateia.
Caminho se abre entre as cerradas turmas
Das moiriscas espadas... Espantado

De tanto esfôrço, e como que vencido
D'um podêr sup'rior, recua o moiro;
E o intrepido mancebo, defendendo-se,
Retirando-se, emfim a escada alcança.
C'um desesp'rado golpe e furibundo
Aterra os que mais proximos o seguem;
A pulos desce, atravessou a crasta,*
—Como sulco de luz na tempestade,
Que as nuvens rasga, e some-se—na cêrca
Entre árvores e o escuro desparece.
—'Deixae-o:' disse entre os infieis um d'elles
Que o nobre ad'man, o ricco dos vestidos,
E o respeito que os outros lhe catavam
Seu chefe mostra ser: 'quem tam valente
Assim defende a liberdade e a vida,
É digno de as gosar: ninguem o siga.'

XV.

Quem é este inimigo generoso,
Que alma tam nobre em peito infiel incerra?
Quem é este guerreiro musulmano,
Que tam gentil, tam majestoso brilha

* Claustro.

Nas picturescas arabes alfaias
Que o talhe heroico, o altivo porte, a graça
Esbelta, de marcial belleza arreiam?
Branca emtôrno da fronte em tresdobradas
Voltas o cinge estofa resplendente
Como a neve nos picos annuviados
Da serra das Estrellas. Puras virgens
A deduziram em lidados fusos,
De Alvor nos verdes plainos, e a teceram
Ao som das namoradas cantilenas
Dos romances do Oriente, que as memorias
Contam d'avós nas terras apartadas,
D'onde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pae pela offendida
Honra da loira virgem.—Incurvadas
Em demi-lunar círculo rebrilham
A esmeralda da côr dos verdes campos
E a saphyra que o azul do ceu reflecte,
E as amethystas roxas como a humilde
Violeta modesta, que se esconde
Do sol creador na flórea primavera.
Olhos negros—tam negros como as tranças
Que, ao destoucar-se, a noite esparze longas
Pelas eburneas costas—vivo lume,

E o fogo da progenie do deserto
Do rosto baço, como tochas, lançam
Accesas no aguçado minarete
Á hora das preces, na mesquita. Baço,
Baço é o rosto—que o sol crestou as faces,
Ha longas gerações, da raça altiva
Dos filhos do êrmo,—porêm bello, e cheio
De animada expressão; e o vivo realçam
Carmim das faces crespos fios d'evano,
Que em anneis romanescos lhe dividem
O bem fendido, nítido bigode.
Fórra-lhe o peito cota de aço fino
Intalhada em lavor custoso de oiro.
Longo, pesado e curvo o alfange pende-lhe
Fiel á esquerda: a morte se ha postado
Nos gumes d'esse alfange, e d'ahi colhe
Ampla ceifa de vidas. Quantas lagrymas
De viúvas, d'orphãos n'esses feros gumes
Corrido teem, sem lhe imbotar os fios,
Sem lhe imbacear a lamina brilhante!

XVI.

E este era o chefe da infiel cohorte,
Que o sancto asylo a profanar se atreve

Da monachal virtude. Prêso o abbade
C'o resto de seus monges que dormiam,
Com os mais castelhanos cavalleiros,
A quem grilhões pesados despertaram
Do brando somno, todos manietados,
Excepto Nuno, quantos habitavam
O mosteiro essa noite malfadada,
Ao vencedor seus campeões os trazem.

XVII.

E de ti, linda Branca, de ti, bella,
Mimosa dama tenra e delicada,
Ai! de ti com horror meu canto foge.
Cortada a voz nas cordas do alahude
Teu destino cruel dizer não ousa.
Virgem botão, que ao sol desabrochavas
Em jardim de virtudes, ai! colheu-te
Grosseira mão do salteador dos bosques.
Quem te defenderá? Tua virtude?
Ceus! a candida rosa da innocencia
Faltam-lhe espinhos que do vicio a guardem.
Irás, filha de reis, sangue d'Affonso,
Ramo augusto d'essa árvore frondosa

Que germinou nos campos da victoria,
E co'as raizes no sanguento Ourique
Topeta os astros da estellada esphera,
Irás pois tu, que os thalamos doirados
Dos principes da terra desprezaste,
E repoisavas gemedora pomba
Nivea no seio do celeste amado,
Irás de immundo harem victima abjecta,
A prazeres infames, e ao capricho
De barbaro senhor jazer escrava?

XVIII.

Correi, lagrymas tristes, deslaçae-vos
Do coração, onde pesaes tenazes,
Dolorosos soluços; âncias cruas,
Sahi, terriveis apperturas d'alma,
Vinde em máres de pranto aos olhos turvos,
Espalhae-vos em nuvens de suspiros,
Desaffogae-lhe o peito comprimido:
Para um so coração é muita mágua.
—Chora, linda princeza, o teu destino,
Sôbre teus dias malfadados chora;

Essa flor de belleza, essa virginea
Candura de innocencia... Oh!...
Mas na face
Da real donzella que expressão eu vejo?
É afflicção, é dor? Não.—Quê! sem medo,
Sem horror incarar o gesto impuro
Do inimigo da fe!—Que olhar tam doce,
Que lhe ella lança! Crêras que um incanto
Acintoso do occulto malandrino
Lhe desvairou o coração e os olhos,
Que aos do moiro gentil rendidos tendem,
Qual tende, por incognito feitiço,
Do norte ao pólo a namorada agulha.
Não ha surriso nos vermelhos labios,
Não ha meiguice nos brilhantes olhos,
Mas ha não sei que pensamento languido
A ressumbrar de toda essa figura
Angelica, divina, que o desprêzo
Justo, que as sanctas iras não souberam
Onde, em tanta belleza, debuxar-se.
Elle o joven traidor, elle o conhece:
E o que não adivinham cubiçosas
Vistas de gentil moço? o que não sabem
Ler nos de virgem olhos de mancebo?

XIX.

Quem se ajoelhou ante a real infante?
O bello moiro foi. Quem lhe protesta
Respeito e vassallagem? Tu, formoso
Neto de Agar.—Como o escutaste, ó bella
Filha de Affonso?—Murmurando as cordas
Da minha cetra... não, christan vergonha
Não a ousam dizer. As niveas azas
O anjo guardador desprende, e foge
Para o ceu d'onde veiu; a triste nova
Leva ao pastor d'uma perdida ovelha.
Perdida! Sim: á torpe voz do moiro,
Ás impuras palavras... Branca, a filha
Dos reis da terra, e do celeste espôsa,
Branca surriu, corou... e a surrir volve.
O atrevido imprimiu osculo ardente
Na mão de neve, que se intrega ao beijo,
E—vergonha fatal de ceus e terra!—
Parece no contacto invenenado
Estremecer-lhe co'a impressão lasciva,
E no deleite infando intorpecer-lhe
Alma, sentidos, coração, e a... honra!
—Tal em cheiroso banho aspide amigo

Voluptuoso suicida applica ás veias;
Tal perde a vida em languido lethargo,
Que, não transe de morte, mas tranquillo
Adormecer de vida, e socegado
Antes dirás repoiso da existencia.

XX.

Um brado o moiro deu: os seus o intendem,
Partem.—Voae, voae, correi ligeiros
Co'a ricca joia que levaes roubada;
Correi, que atrás de vós vingança corre.
De exterminio e de morte vejo armadas
Lusas phalanges, denodadas hostes...
—Oh! defende-os, amor: pune-os, virtude.
E que merecem elles?—O castigo.
Mas castigar amor! O ceu tem raios,
E a crime tal nunca os mandou á terra.

CANTO TERCEIRO.

I

Que monta a razão frigida, e o pesado
Cálculo de medidos pensamentos
Pela bitola compassada, estreita
D'essa philosophia austera e sêcca,
Seva tyranna d'alma que em tam brando
Sonho nos accordou de illusões doces?
Phantasias embora... mas tam lindas,
Tam deleitosas! mas reaes prazeres,
Bens, verdadeiros bens, que os nós gosavamos,
E satisfeitos de sonhar dormiamos.

Despertos que incontrámos? Nossos olhos,
Descerrados á luz, que vêem, que acharam?

II.

Triste realidade da existencia,
Esqueleto da vida descarnado,
Que es tu sem as ficções que a imbellezavam?
Ficaste como a varzea requeimada
Do ardor do muito sol, sem flor, sem relva,
Arida, feia. Mas o sol é vida,
É a luz creadora do universo...
Sim; mas nem tanta luz que cegue os olhos,
Nem tanto sol que nos deseque o prado.
Razão, que es d'alma o sol, gyra em nossa alma,
Dá-nos dia e clarão ao pensamento;
Mas de teu carro a ardidos Phaetontes
Nas inexpertas mãos não ponhas redeas:
Tocha que foi de luz, será d'incêndio
Faxo terrivel—e o calor de vida
Labareda volcanica de morte.

III.

Oh! magas illusões, oh! contos lindos,
Que ás longas noites de comprido hynverno

Nossos avós felizes intertinheis
Aopé do amigo lar, ao crebro estallo
Da saltante castanha, e appetitoso
Cheiro do grosso lombo, que volvendo
Pinga e rechia sôbre a braza viva!...
Pimponices de andantes cavalleiros
Capazes de brigar c'o mundo em pêso,
Malandrinices de Merlin barbudo,
Travessuras de lepidos duendes,
E vós, fermosas moiras incantadas,
Na noite de san'João aopé da fonte
Aureas tranças com pentes d'oiro fino
Descuidadas penteando—emquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lucidos anneis de perlas touca...
Oh! magas illusões, porque não posso
Crer-vos eu co'a fe viva d'outra edade,
Em que de bôcca aberta e sem respiro,
Sem pestanejo um so, de olhos e orelhas
No *Castello* escutava a boa Brigida*

* Pequena quinta que foi da minha casa, na qual passei os primeiros annos da infancia, e ouvia as historias da boa Brigida, velha criada que tinha todo o geito e traça de bruxa, e era chronista mor de feitiços e milagres.

Suas longas historias recontando
D'almas brancas trepadas por figueiras,
D'expertas bruxas de unto besuntadas
Ja pelas cheminés fazendo vispere,
Ja indo, ás duzias, em casquinha d'ovo
Á India de passeio n'uma noite...
E ai! se o gallo cantou, que á fatal hora
Incantos quebram, e o podêr lh' acaba.

IV.

Não gósto de Irminsulfs, nem de Theutates,
Nem das outras theogonicas prosapias
De runica ascendencia. As alvas barbas
Do padre Ossian (Macpherson foi seu nome)
Tam prezadas do douto Cesarotti,
Tam favoritas do Alexandre corso,
Não me incantam a mim, não me imbellecam,
Como aos outros cantores alamoda
Que a nossos doces climas transplantaram
Esses gelos do norte, esses brilhantes
Caramellos dos topes das montanhas...
Do sol do meiodia aos raios vivos,
Parvos! se lhes derretem; a brancura

Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos crystaes, em agua chilra.

V.

Em beldades varía a natureza
Pelos paizes do orbe; vária a siga
Em suas fórmas gentis a arte que a imita.
Ves essa dama de doiradas tranças
Nas sempre verdes, arrelvadas margens
Do frígido Tamisa passeiando?
Ves? na mimosa face alva de neve
Transparecem-lhe as rosas, um suspiro
Concentrado no íntimo do peito
Lhe anceia o coração: talvez a morte
Lhe cerceou dos gosos da existencia
A amizade, ou amor n'um caro objecto.
Maguada, mas sem lagrymas,—afflicta,
Mas sem as convulsões que a dor expressam
No desespêro, no delirio d'alma,
Que so tuas praias vêem, teus bosques ouvem,
Vecejante Pamyso, Tejo aurifero,
Manso Guadalquibir e flavo Tybre.
Ve-la? seus olhos côr do ceu resplendem,

Mas como o ceu resplende annuviado
De vapor leve e raro.—Essa belleza,
Essa dor, esses campos, todo o quadro,
Harmonizam co'a propria natureza.
Mas dá que inhabil mão teu painel pinte,
Que os olhos negros, vivos, scintillantes
Da formosura austral lhe désse ignaro;
Que n'esses labios, onde treme a furto
Suffocado soluço, debuxasse
Desaffogada a dor em pranto acerbo,
Em suspiros, gemidos agudissimos
Que vão ferir o ceu com agras queixas;
Que essas tranças tam lindas, que são de oiro,
Sem arte não, mas com singelo allinho
N'alva frente inastradas, lh'as tingisse
Da côr que pôs a noite nos ondados
Cabellos das donzellas portuguezas,
E em feições que revellam pouco d'alma,
(Que a alma n'esses paizes regelados
Toda no coração, não vem ás faces)
Expressasse, com arte monstruosa,
As paixões, cujo incêndio em nossos climas
É labareda que scintilla, estalla,
E em chamma abrazadora aos ceus se eleva,

Mas nas regiões do norte é fogo lento,
Que amortecido á vista, arde e consumme,
Não chammeja, não brilha, mas intenso,
Occulto lavra, e no intimo devora...
A este meu quadro, *credite Pisones*,
Semelha a parte maxima dos quadros
Que assoalham por hi trovistas mores
N'essa feira da ladra de consoantes,
Que não incaixam cavallar pescoço
Em humana cabeça, mas caveira
Burrical orelhuda em corpo d'homem.

VI.

E eu em críticas, eu poeta humilde,
Cujo ignorado nome á sombra dorme
Do nada protector a que me abrigo,
Que não tenho, não quero, não procuro
Nem Mecenas a quem dedicar odes,
Nem Augustos de quem *pechinchar* tenças,
A dar preceitos eu!... Perdão vos peço,
Laureados habitantes d'esse monte,
Onde c'o vosso Pegaso, irmão d'armas,
(Armas terriveis que jogaes tam mestres!)

Pela divina relva andaes pastando,
E á sacra fonte ides beber com elle:
Perdoae-me, que eu volto ao meu assumpto,
E a cavallos e a vós, e á mais companha
Quadrupedante deixo em paz no Pindo;
Em paz—e ás moscas—que assim vai o mundo.

VII.

Vivam as fadas, seus incantos vivam!
Nossas lindas ficções, nossa ingenhosa
Mythologia nacional e propria
Tome emfim o logar que lhe usurparam
Na lusitana antiga poesia
De suas vivas feições, de sua ingenua
Natural formosura despojada
Por gregos deuses, por espectros druídicos,
E com postiças, imprestadas galas
Arreada sem primor, ricca sem arte.

VIII.

Qual a innocente virgem das florestas,
Que as lindas tranças de grinalda simples

Da musqueta selvagem adornava,
Bella, tam bella como a luz que nasce
Alva no arraiar d'um puro dia
Do flóreo Abril; se habitador ocioso,
De corrupta cidade em tal brancura
De singeleza pôs nódoa de vício,
E maculou c'o halito pestifero
Esse lirio que foi glória do prado,
Então brocados, então pannos d'oiro,
Bordadas telas, cortezãos donnaires,
Pelo perdido ornato da innocencia,
Se esforçam — preço vil! — de lh'os dar novos.
Mas ah! sob essa pompa os não affeitos
Membros definham, e nas faces pallidas
Arrebique impostor não suppre a rosa,
Nem os diamantes, que na frente brilham,
Imprestam luz aos olhos 'mortecidos.

IX.

Mas se ha paiz, se ha clima onde pareçam
As illusões de nossa prisca edade
Reaes nascer da propria natureza,
E co'a verdade unir-se tam estreitas,

Que as não distinguirás, — teus verdes bosques,
Teus palmares, teus aridos desertos,
Tuas rocas ermas, tuas sos áreias,
Áquem, além de varzeas que vecejam,
De chrystallinas aguas marchetadas,
Ardente Algarve, são: tu, não cantado
Téqui de nossos vates, em meus versos
Não insensiveis ás bellezas tuas,
Verás por ti um brado erguer-se á fama.

X.

No mar que Europa de Africa divide,
Entra, como a explorar o seio ás ondas,
O saxeo promontorio que de Sagres
Tem hoje nome. Na moderna historia
Dos povos do universo, porventura
Não ha hi ponto do orbe que assim lembre
Tanto feito de glória e de heroísmo;
Nem ha padrão erguido por mãos d'homens,
D'alto custo e lavor, que outra recorde
Epocha tal aos seculos e edades.
D'alli Henrique aos astros perguntava

Da eternidade a estrada: e novos mundos
Novos climas e ceus lhe appareciam.
D'alli os curvos lenhos desprenderam
Primeiro o voo, audaz a ignotos máres.
Alli o berço foi da lusa glória...
Crêra-lo hoje sepulchral moimento
D'essa glória defuncta. Ruínas tristes,
Esbroados pardeiros—oh vergonha!—
São as tôrres d'Henrique. Affasta os olhos,
Viandante, não vejas esse oppróbrio
Da nação que a primeira foi no mundo
Em nobrezas—outr'ora... hoje—em miseria.

XI.

D'ahi se extende, ao longo pela costa,
Fertil porém inculto, agreste plaino.
Jamais pesado boi guiou arado,
Ou conduziu charrua egua ligeira
Por tam bravia terra; inteira crêras
Guarda da creação a virgindade.
Mas seu aspecto não arido e bruto,
Não selvagem parece. Alli não moram

Lanosos cardos, çarças espinhosas;
Nem coroada de abrolhos eriçados,
Como em dominio seu, sòbre a calcada,
Amarellenta relva se divisa
Sêcca esterilidade passeiando.
De viço e fresquidão verdeja o prado,
E aqui, alli, tufados ramilhetes
Do recendente amargo rosmarinho,
Do alecrim floreo-azul seu doce aroma
Com a brisa do mar na terra exhalam.
Formosos pães cobertos de verdura,
Outeiros de palmeiras coroados,
Montes ao longe, alvos areaes a um lado,
Onde o próvido insecto, auxiliando
Trabalhos d'arte e fôrças da natura,
A saccarina flor no botão pica,
E ás carregadas árvores augmenta
O dulcissimo pêso.—Lá n'um alto,
Entre árvores espessas e copadas,
Entre gigantes palmas,—dobradiças
Olaias que os floridos ramos curvam
Descahidos, qual dama delicada
Os lindos braços n'um desmaio languido
De mimosa descai—roxos sycomoros,

E a larangeira que matiza os pomos
D'oiro co'a argentea flor — entre este luxo
De vecejo e fragrancia, — meio vista,
Meio incoberta da ramagem spessa,
Maravilhosa fábrica se erguia
De palacio, onde quanto o ricco Oriente
Tem de brilho e de gemmas resplandece.

XII.

Ligeira e leve é a fórma: quasi aerio
Paço o crêras de fada inamorada,
Que o ergueu com palavras mysteriosas
N'uma escondida nuvem, para estancia
De gentil cavalleiro que ha roubado
A amores de princezas. — Com surriso
Desdenhoso observára a architectura
D'esse estranho edificio, o allumno rigido
Da antiguidade classica: nem jonio,
Nem dorio, nem italico, nem mixto,
De nenhuma ordem é; menos lhe víras
Os gothicos florões, os recortados,
Ou o grave da saxonica rudeza.

Não lhe descobriria o proprio Volney
Chaldeu vestigio ou nubico rastejo:
Nem tu, famoso Jones, conseguíras
De lhe dar scientifico interêsse
Por índico, indostan, mogol, ou persico.
Nada d'isso é, e todavia é bello,
Em que lhe pez a sabios, mestres d'arte,
Doutores, antiquarios, dilettanti,
Virtuosi, amateurs e professores.
—Disputa sine fine travariam
Sôbre elle as duas bellicas phalanges
Que ora na arena litteraria pugnam,
E aos grasnantes jornaes dão thema eterno
Para encher as politicas lacunas.
Ja se ve que de *classicos*, *romanticos*.
Guelphos das lettras, gibelinos da arte,
Fallar intendo: paz seja com elles,
Assim como c'os outros disputantes
D'este disputativo por essencia,
Inquieto mundo, aonde todos ralham
E ninguem tem razão.—Eu por mim deixo
Jogar as cristas a essa gente toda.
Para mim so desejo a paz d'espirito.
A consciencia límpa, e as frugaes sopas

Ganhas com suor honrado. Ésta ventura
Góso eu, mercê de Deus, pezar de ingratos...

XIII.

E a minha historia, e o meu lindo palacio?
Maldictas reflexões! Tórno ao meu conto;
E quem quizer achar a margarita,
Como o pinto da fábula esgravatè.
—Era pois o tal paço o mais formoso
Que se viu nunca; em pedras preciosas
Todo incravado, todo reluzente
D'oiro e diamantes. Unica uma grade,
Tambem de oiro macisso, as portas fecha
Do paço e dos jardins: velam á entrada
Dois enormes leões, que noite e dia
Solicitos a guardam, nem se affoita
Mortal nenhum ao limiar terrivel.
Certo é porêm que ás vezes fatigados
Os leões adormecem: mas quem sabe
Quando elles dormem?—Muitos, outro tempo,
Vendo-os d'olhos fechados, se atreveram
A entrar a porta, e foram devorados
Pelas terriveis feras que dormidas

N'esse instante suppunham. Incantado
É este paço; e os leões de incanto
Os olhos, quando dormem, arregalam.

XIV.

I

Quem o soubera! — Um so n'aquelles tempos
Sabia este segredo incantadiço;
Do Algarve d'áquem mar era o rei joven,
O bello Aben-Afan. Rumor havia
Entre o povo que um dia andando á caça,
Co' esses formosos paços deparára,
E ou fosse acaso, ou certo conhecesse
Quando os leões dormiam, penetrára
Sem p'rigo algum pelos jardins defesos;
E de condicção que é, ousado, e amigo
De aventuras correr, entrára ardido
No palacio e nas salas marchetadas,
Que dizem todos ser, de pedras finas
Com brilhantes recamos d'oiro e seda.
Do que elle lá passou ninguem o sabe;
Mas sabe-se porêm que sette dias
E sette noites demorou nos paços,
E ao septimo volveu triste e pensoso,

Pallido, melancholico, fallando
Amiude so. Por vezes, quando em sonhos,
Ou quando solitario passeiando
Do alcaçar nos eirados, alta noite,
Ou no alvor da manhan, ignotos nomes
Murmura estremecendo; e ora em batalhas,
Ora em reinos, victorias e conquistas
Discorre, e com o alfange denudado
Meio mundo ameaça... ora affinando
O moirisco alahude, em saúdosos
Requebros, namoradas queixas sólta,
Com que parece dar allivio a máguas
Que em segredo no íntimo o devoram.

XV.

Desde então o terrivel inimigo
Dos portuguezes, hoje em guerra viva
A fogo, ferro e sangue os segue e accossa,
Entra por suas terras, leva a morte,
O pranto e a confusão por toda a parte;
E, sem causa ámanhan subitamente
Ao vencido inimigo a paz implora,
E em ocio vergonhoso inteiras luas

Passa, como imbebido nas aerias,
Vagas ideas que lhe agitam alma.

XVI.

Quasi vai a fechar segunda Egyra
O circulo lunar, desde que o mestre
De Sanctiago, ousado cavalleiro,
E o mais valente portuguez que a espada
Jamais cruzou c'o mahometano alfange,
Pelas terras do Algarve se affoitára
Em carreiras com seus nobres freires:
Ja em Cacella, preço offerecido
Por Estombar e Alvor antes ganhadas,
Os pendões da conquista tremolavam;
E Aben-Afan com pouca resistencia
Indifferente os ve tallar seus campos,
Tomar suas villas, e arvorar a roxa
Cruz da Espada nas tôrres e castellos,
Que de seu preito são. Ferve-lhe o sangue
Co'a affronta aos indignados adalides...
D'elle não curam ja, sua lei defendem,
Por suas terras acodem. Trava a guerra,
A mais e mais, com furia entre os de Christo

E o musulmano; mas o rei mancebo
Da antiga Sylves no doirado alcaçar
So, pensativo tristes dias passa.

XVII.

Lá despertou agora... e silencioso
Ei-lo que á pressa, á pressa as armas veste...
É noite, é noite escura, e o ceu tam negro,
Que nem estrêlla tem. Abre-te, porta,
Porta de Azoia, ao teu senhor. Seguido
Ei-lo vai de seus fortes cavalleiros,
Os mais fieis e os mais intimos d'elle,
Costumados, da infancia, a accompanhá-lo
Em suas aventuras. Onde, aonde,
Rei do Algarve, onde vas assim montado
No teu corcel querido, cujas pretas
Clinas se intrançam com listões de purpura?
Onde assim vas de teus fieis cercado,
E a taes deshoras? Surpr'ender o imigo
Em cilada ardilosa? A dar soccôrro
A sitiado castello mal defeso,
Ou de violento golpe entrar nas tendas
Dos christãos, e acabar co'a raça impía

Dos jurados imigos do Crescente?
—Quem sabe aonde! Veo impenetravel
Do mysterioso principe os designios
Incobre a todos. Contra os portuguezes
Não foi elle, que as luas mahometanas,
Deante a roxa espada vacillando
De Sanctiago, seu fulgor perderam;
E o mestre, da victoria precedido,
Ja de Tavira ás portas se apresenta.

XVIII.

Ja mais do que metade discorrêra
A lua de seu gyro, e ninguem sabe
De Aben-Afan. Por onde o traz seu fado?
Oh! negra sina entrou n'essa familia
C'os feitiços da mãe! Ella, descrida
Nazarena morreu. A filha, a bella,
A discreta Oriana, desde o berço
Nas impias aguas dos christãos banhada
Por esse Hugo traidor que a mãe perdêra,
Nunca o rosto volveu á sancta Kaaba,
Nem jurou n'um so Deus e em seu propheta:
E fugiu d'entre os seus, e amaldiçoada

Lá se foi a adorar extranhos deuses
Em terras de infieis. Se a última esp'rança
Do Algarve, esse rei moço, tam querido,
Tam leal, tam gentil, tam cavalleiro,
Tambem assim, tambem por maus feitiços
Renegará da fe do Koran sancto?
E a antiga coroa d'estes reinos,
Ja tam vastos, aos pés ambiciosos
Arrojará d'esses monarchas de hontem?
Esses reis portuguezes em má hora
Vindos a Hespanha, confusão, ruína,
Perdição de Ismael!.. Oh! impossivel:
Grande é Deus, e Mahometh é seu propheta,
E Aben-Afan seu servo. Ânimo e ávante!
Que elle a nós voltará. Sua espada é nossa,
Seu coração por nós, e Allá por todos.

XIX.

Assim os adalides, deplorando
A falta de seu rei, se consolavam,
Co'estas esp'ranças fingem alentar-se:
Fingem, que o pobre reino dos Algarves
Aos pés dos cavalleiros de Sanctiago

Passo a passo fundia. Ganhar tempo
Demorar, esperar so lhes cumpria.
Ja de puro cançados, a Dom Paio
Treguas propoem; elle por breves dias
O pedido favor lhes concedia.

XX.

Mas que phalange é essa de guerreiros
Que vão, longo do mar, nos corceis férvidos
Correndo á brida solta? Um que se eleva
Sôbre os outros—qual se ergue no deserto
A palmeira coroada sôbre a gramma
Que á raiz se lhe acoita—e que montado
N'um formoso andaluz da côr da noite
A comitiva bellica precede,
Quem é elle? Será o rei do Algarve?
Aben-Afan será? E essa beldade
Que d'arção leva e que sustêm nos braços?
Onde a conduz, e donde a traz roubada?
Roubada a traz!.. Mas no formoso gesto
Da bella não se pinta o desespêro
Cruel da dor; sua nivea frente ingenua
Poisa no seio do gentil guerreiro,

E seus olhos do puro azul da esphera
Volve, de quando, em quando, aos olhos negros
Do que a leva nos braços. Não afflicto,
Não é convulso o olhar, mas triste e languido:
Porêm, se amor ou mágua lh'o imbrandece,
Quem poderá saber?... Suas longas vestes
Alvas de neve, sua touca airosa
Como de christan virgem dedicada
Aos altares, parecem.—Mas na frente
Dos que a levam resplende a maura lua
No inroscado turbante!... Ja do outeiro,
Onde o splendido paço se divisa,
A costa sobem, á doirada grade
Se approximam... abriu-se per si mesma,
Como incantada que é, e os leões fulvos
Ao juba sacudindo, franca entrada
Ao guerreiro gentil e á bella deixam.
Mas quando os outros ao limiar vedado
Ousam de se affoitar, as portas fecham-se
Com terrivel fragor, os leões rugem,
E os corceis espantados, eriçando
De horror as crinas, voltam, e sem freio,
Sem govêrno, com furia partem, voam,
E em pulverosa nuvem desparecem.

XXI.

Agora occulta mão tomou as redeas
Do formoso ginete, e o leva ás fartas
Cavalharices, que reluzem de oiro,
E são mais riccas do que salas régias
Em paços de monarchas opulentos.
Agora, dando a mão á bella dama,
O cavalleiro sobe os degraus lucidos,
Escadas de diamante que juncavam
Mais lindas flores do que a linda rosa,
Mais fragantes que o oleo precioso
Dos vergeis do Thibet. Agora, entrando
Por galeria longa, taes prodigios,
Taes maravilhas que seus olhos viram,
Não ousarão meus versos descrevê-las.
Mas ao cabo, de solido carbunc'lo
Fechada porta jaz; le-se em arabigo
No limiar da porta este lettreiro:

AO REI SEM REINO
Á ESPÔSA SEM MARIDO.
ABEN-AFAN! AQUI JAZ O TEU FADO:
PENSA! PENSA OUTRA VEZ ANTES DE ENTRARES.

Ferem os olhos do guerreiro as lettras
Fatidicas; e a mão, que ora appertava
A delicada mão da linda dama,
Largou-a, e froixa cai: mudo e co' rosto
No chão, parece meditar profundo,
Em penosas ideas concentrado.

XXII.

—'Sim, resolvi, clamou, e a mão da bella
De novo toma, ao coração a leva,
E 'Resolvi!' clamou: 'perca-se tudo...
Oh! tudo, tudo... e seja Branca minha!'
—Abre-se a porta, e o joven par é dentro

CANTO QUARTO.

I.

Forravam riccas sedas o apposento;
No avelludado, persico tapete
Brando deslisa o pé; cassoulas de oiro
Exhalam os arabicos perfumes;
Em vasos transparentes d'alabastro
Vecejam raras, matizadas flores.
Tibia luz, temperada para amantes,
Frouxa allumia, e dá realce ao incanto
De tam mago deleite que hi respira.
Como um throno d'amor jazia ao lado

Fofo sophá, que a placido repoiso
(Se não a doce agitação) convida.
Entrava n'esta estancia o cavalleiro
Com a formosa dama: elle inflammado
De quanto amor, quanto desejo accende
O deus dos corações em jovens peitos;
Ella... como levada de um feitiço
A que não póde resistir, não sabe.

II.

Convidava o sophá, insta a fadiga,
E a bella reclinou-se—não deitada,
Não assentada, mas n'essa indizivel
E dubia posição que toda é graças,
Desalinho, requêbro, inlêvo d'olhos
E talisman de lubricos suspiros.
Oh! suspirar, suspira o cavalleiro,
Que a seus pés jaz, que as niveas mãos lhe apperta,
E que lh'as beja com ardentes labios,
Por onde alma em delirio se evapora.
Ella tambem... ella tambem suspira,
E nos olhos azues alveja a lagryma
Precursora do languido deliquio,
Em que adormece a virgindade—e expira,

Como expira innocente passarinho
N'aza escondendo a languida cabeça.
Dos olhos do mancebo fuzilava
O raio do prazer; vivas faíscas
Saltavam a ateiar a chamma ardente
No altar que ao sacrificio se prepara.

III.

Os vestidos da bella são grosseira
Estamenha, e o toucado um so veo liso:
Mas que diamantes, mas que telas d'oiro
Tranças tam lindas, corpo tam formoso
Incobriram jamais?—Uma cruz pende-lhe
Entre o seio que trémulo palpita.
Uma cruz!.. oh sacrilega beldade,
Não vejo eu reluzir moirisca lua
No turbante que involve a baça frente
De teu cego amador?.. Mas, ai fraqueza
Fatal de nossos miseros sentidos,
Que não ve mais que amor quem amor sente!

IV.

Não fallavam os dois, não; as palavras
Das linguagens dos homens são mesquinhas,

São pobres de expressões, quando alma inteira
Rompe do coração e accode aos labios.
Não fallavam, mas diz tudo o silencio,
Diz mais que as fallas; mudos se percebem,
Mudos se intendem, mudos se respondem,
Nem tem mor eloquencia a natureza,
Que a mudez, que o silencio dos amantes.

V.

Porêm rompeu-se alfim: uma voz doce,
Languida como a frente da papoula
Que pende o ardor do sol, meiga e suave
Como o sussurro da aura matutina
Entre as flores do orvalho rociadas,
Uma voz disse: — 'Oh! tem de mim piedade,
Oh! de minha fraqueza não abuses.
Sei que te amo, conheço que impossivel
Me é não te amar; mas meu amor é crime,
Mas ésta cruz...' E a cruz chegou aos labios,
E os labios a bejá-la não ousaram.
'Oh! se aomenos sequer tu a adoráras,
Se convertido á fe, commigo eterna
Penitencia fizesses d'este crime

Que ambos, ai de mim! ambos commettêmos...
Ai! não podéra ser crime tammanho
O que ganhasse uma alma como a tua
Para a fe verdadeira.'
Um ai profundo
Do mais íntimo peito lhe responde,
E éstas vozes o seguem:
—'Que disseste,
Oh! filha dos christãos, que me has proposto!
Eu que tudo perdi para alcançar-te,
Que abandonei por ti quanto homens prezam,
Quanto por valioso tem o mundo!
Inda exiges de mim mais sacrificios!
Desertar do meu culto e meus altares,
Renegar do meu Deus!'
—'Teu Deus é falso.'
—'Falso o meu Deus!.. E o teu é verdadeiro!
Quantos deuses ha pois na natureza?
Eu adoro o que fez este universo,
O que nos ares suspendeu magnífico
Esses orbes de luz que nos acclaram,
Que provê, nas areias do deserto,
De orvalho ao sequioso viandante,
Que tanto accende o sol, derrama a chuva

Para os cedros que se erguem sôbre o Libano,
Como para a rasteira, humilde gramma
Que vejeta nos plainos arenosos;
O Deus que me creou, que no teu rosto
Pôs o traslado da belleza etherea...
Este, este é o meu Deus: e falso é elle?'

VI.

Os theologos sabem mil respostas,
Para sophismas taes; porêm aos olhos
Do ignorante são verdades puras
Que sua pobre fe debil não ousa,
Nem sabe combater:* callou-se a bella,
Mas suspirou, e com profunda mágua
Lhe pende o rosto sobre o niveo seio,
E nas formosas mãos formoso o esconde.
As lagrymas que os olhos lhe arrasavam,
Por entre os roseos dedos deslisando,
A gotta e gotta cahem no regaço;
E debulhada em pranto assim parece
Alvo lirio do prado em cujo caliz
Chorou a aurora ao despontar do dia.

* Veja nota a este verso, no fim.

VII.

—'Oh! como te amei eu? Como ha nascido
Este amor no meu seio? Separados
Por um abysmo; que entre nós cavaram
Todas do ceu e terra as potestades,
Quem nos uniu assim, que fôrça?..'
—'A minha'
Disse uma voz solemne e retumbante,
Que estremeceu nos timidos ouvidos
Da donzella christan, como estremece
O som do bronze conductor da morte
Na orelha do pastor que o seu rebanho
Pasce longe do campo das batalhas,
E acorda ao estampido inesperado
Que os echos das montanhas lhe repettem.
—'Uniu-vos meu podèr' a voz dizia:
'A quem submissos os destinos cedem,
E obedece a propria natureza.'

VIII.

Mais vivo aroma os vasos recenderam,
Animou-se nas flores côr mais bella,

E uma longinqua musica suave
Se ouviu com harmonias tam aéreas,
Tam doces e arrobadas de deleite,
Que aos dois amantes alma se extendia
Á larga pelo peito de escutá-la.
Approximou-se pouco e pouco a magica
Melodia suavissima: uma nuvem
Se condensou opaca no apposento;
A musica cessou, tudo é silencio,
Mas, breve, estes sonoros hymnos se ouvem
Ao saúdoso som d'accordes harpas:

I.

Desabrocha, alva flor, linda murta,
Desabrocha, que amor te bafeja:
Ja tua folha lustrosa veceja,
Ja vermelhos botões veem a abrir.
Mas no loiro, onde o sangue negreja,
Salpicado dos golpes da espada,
Seque a folha, definhe esmyrrada:
Foi a glória vencida d'amor.

II.

Filha, filha do sangue real,
Real é teu amante; não chores.
Rosa Branca, flor de Portugal,

Brilha, brilha do Algarve entre as flores.
Appressae-vos, que o tempo não poisa,
Foge a vida nas azas do vento,
Chega a morte, descai fria loisa...
Tudo acaba no triste moimento.

III.

Bem fadada, mal fadada,
O mancebo e a donzella!
Emque pêze a Sanctiago,
Sanctiago de Compostella!
Fugir do dia aziago,
E do frade do condão,
E mais fugir dos orvalhos
Da noite de san' João!
Que se quebra o incantamento
Ao pino da meia noite;
Ao cantar do gallo preto
Se acaba o contentamento.
Bem fadada, mal fadada,
O mancebo e a donzella,
Emque pêze a Sanctiago,
Sanctiago de Compostella!

IX.

Ás derradeiras notas d'este canto
Se adelgaçava pouco e pouco a nuvem,

Té que rara de todo se dissolve,
E um resplendor de luz na estancia brilha,
Que mais que humana cousa se amostrava.
Alados genios e ligeiras fadas
Abrem cortêjo em dança compassada
A uma que parece alta raínha
De todo o imperio do ar. Tunica longa
De transparente azul-celeste involve
Mal recatadas fórmas, que revela
Em parte; e quanto ha bello no universo
É menos bello que essas magas fórmas.
Alvo de neve um cinto dá realce
Ao torneio do corpo e á côr da veste.
Sua estatura mais que humana se ergue
Em gentil proporção; fôra excessiva
Em beldades da terra, mas augmenta
O sobrenatural d'essa beldade
Que de mais altas regiões descende.
Flexivel, curta vara tem na dextra,
E um simples diadema d'alvas perlas
Lhe c'roa a frente. O resto... oh! quem lh'o ha visto?
Nenhum ôlho mortal: um veo espesso,
Um veo que não ergueu mão de homem vivo,
Nem erguerá jamais, lhe cobre o rosto.

X.

Era Alina, a formosa fada Alina,
A raínha dos genios, e a senhora
D'esses paços magnificos —N'um extasi
De pasmo e admiração era a donzella.
E a fada assim fallou.
—'Tudo perdeste,
Filho de Agar... na terra tudo, tudo:
Mas, se te basta amor, um ceu te fica,
Desde o dia em que pus na tua escolha
As venturas d'amor e as da fortuna,
Tua livre eleição tenho aguardado;
E fiel á promessa que te hei feito,
A cumprirei á risca. — *Rei do Algarve,*
—Te disse eu, quando a este meu palacio
Te conduziu o fado—*tu procuras*
A ventura na terra: eu t'a prometto;
Mas tem limites meu podêr na sorte;
É forçoso escolher. No orbe que habitas,
Felicidade inteira os fados negam.
Toma estes dois ramos incantados
Com magicas palavras, guarda-os sempre;
N'elles de teu futuro pus a sorte,

E ora t'os dou, e em tuas mãos a ponho.
De loiro é um, colhido á luz escassa
Do crepusculo pallido da noite
Co'a mão direita, e salpicado n'árvore
De sangue d'homem morto na batalha.
De murta é outro, ao pino da meia noite,
Em dia de san' João ao luar colhido,
Rociado d'orvalhos, de formosas
Lagrymas de donzellas borrifado
Tres vezes tres, com tres suspiros d'alma
Em cadauma das tres. Abotoados
Ambos estão e em viço; mas as flores
So as verás desabrochar n'um d'elles,
Quando no outro esmyrrado e resequido
Folha e botão cahir. Volve a estes paços
Então, que o teu destino está cumprido,
E o incanto quebrado. — 'Assim t'o eu disse,
Filho de Agar. Voltaste pois: os ramos
Do teu fado onde estão? qual d'elles sêcco,
Qual florído me trazes?'
De seu peito
Tira dois ramos o gentil mancebo,
E c'um gesto de alegre sobresalto:
— 'Florece a murta, diz 'e Branca é minha.'

XI.

A fada lhe tornou: —'Florece a murta,
Florece a murta, sim, e Branca é tua;
Mas sécca o loiro, e a tua glória é extincta,
O teu throno cahiu, cessou teu reino,
A tua raça é proscripta, os teus altares
Fulmina o raio. Vence um deus extranho,
Vence o Deus dos christãos, e Allá succumbe.'
Immudeceu a fada; o rosto bello
Do principe destinge esmorecido
Descor'çoamento... após, vergonha o cora;
E em variada sezão sua alma anceia.

XII.

Ja na formosa e candida donzella,
Que extatica ésta scena contemplava,
Os olhos crava, e todo o amor do peito
N'essa vista se expande, se dilata,
E a agitação do espirito lhe acalma.
—'E pois escolhi' clamou, e toma
A mão da virgem: 'o meu fado é este,
Ésta a minha ventura, a minha glória.

Oh! n'este coração reine eu somente,
E o throno dos Caliphas não invejo,
Nem o sceptro d'Omar. N'aquelle peito
Impere eu so, e o imperio do universo
Disputem entre si os reis da terra.'

XIII.

—'Reinas' solemne a fada lhe responde:
'Reinas, imperas: Branca é tua, adora-te.
Eu no seu coração pus tua imagem,
E a teus olhos rendi seu virgem peito
No momento em que a viste. Branca é tua;
E so a perderás, se hallucinado,
Teu florecido ramo abandonares,
E o deixares seccar. Então não póde
Guardar-t'a o meu podêr. O incanto é este;
E o incanto que eu fiz quebrar não posso.

XIV.

E inclinando á princeza, a mysteriosa
Vara de seu podêr, em tom suave
De celeste doçura:—'Filha' disse:
'Filha do rei christão, este é teu paço:
Eu vo-lo cedo, amantes venturosos.

Nenhum ôlho mortal póde este alcaçar
D'ora avante avistar, nem homem póde
Vivo na terra penetrar seus muros.
De nada receeis, gosae tranquillos
As delicias d'amor. O vosso minimo
Desejo, no momento em que o formardes,
Vereis cumprido: dae redeas folgadas
Á imaginação; riquezas, festas,
Adornos e manjares—quanto incobrem
As intranhas da terra, quanto as aguas
Teem no fundo dos máres sepultado,
Tudo ante vós será no proprio instante
Que o desejardes. Porèm ai! se o ramo
Da murta definhar... ai! se o desejo
Te pede ver florído o sêcco loiro!
Oh! ai de ti, filho de Agar: não póde
Valer-te o meu condão.'—N'estas palavras
Fez leve aceno co'a varinha, e subito
A formosa visão desapparece.

XV.

Ficaram sos os dois amantes. Cheia
De espanto ainda e admiração, olhava

Para o seu roubador a linda Branca
Com olhos onde toda se lhe pinta
A confusão do espirito.—'Oh! explica-me'
Lhe disse alfim: 'explica-me este enigma,
Ésta visão, e os mysteriosos dittos
Da fada, e as prophecias que te ha feito
De teu perdido reino. Por que modo
Me conheceste, como—e este mysterio
Por mais occulto o tenho—como pôde
Assim meu coração ao teu render-se?
Como entre nossas almas, que nascidas
Foram para odiar-se e abhorrecer-se,
Tam doce amor travou, tam fortes laços?'

XVI.

Ao dizer isto, os olhos derretia
Da namorada virgem o deliquio
De apaixonado amor: a mão de neve
Sôbre a querida mão poisou do amado,
Languidamente a face lhe pendia
Para o seio agitado, e um suspiro
Sussurrou desmaiado á flor dos labios:
—Como quando nas aguas chrystallinas

A viração da tarde branda increspa
A lisa superficie.—Não cabia
No peito a Aben-Afan tam grossa enchente
De delicia, de gôso: accumulado
No coração tanto prazer dobrava-lhe
As pulsações incertas e appressadas.
Da formosa christan tomou nas suas
As delicadas mãos, e convulsivo
Lh'as aperta; acres beijos as devoram,
Voam das mãos ás faces... e das faces
Descem—ao seio não, que á virgem bella
Do lubrico desmaio acorda o peijo,
E ao atrevido moiro não consente
O veo tenaz erguer d'esse fechado
Sacrario de pudor e formosura.

XVII.

Cedeu o amante aos rogos da modestia:
E é tam grato ceder quando a certeza
Da victoria de perto nos acena!
Cedeu: poucos momentos, que retardam
O gôso do prazer, mais vivo o tornam.

XVIII.

Contou-lhe então como perdido, um dia,
Na caça, deparára co'estes paços
Da fada Alina, e entrára, sem que ousassem
Oppor-se-lhe os leões que á porta os guardam.
Que os jardins incantados discorrêra,
Víra o brilhante alcaçar, e admirando,
Uma por uma, tantas maravilhas
Longo tempo estivera, até que a fada
Lhe apparecêra tal como hoje a víra,
E os dois mysticos ramos lhe intregára,
Onde incerrado estava o seu destino.

XIX.

—'Assim foi' continuou dizendo o moiro:
'Assim fadada foi a minha sorte;
E eu descuidado entrei, cheio de esp'ranças
Pela vida que alegre se me abria
Deante de mim, como horisonte puro
Sem nuvens, sem negrume. Embreve ao throno
Subi de meus passados; e o diadema
Tam pesado! na frente descuidosa

Não me avexava, que minha alma, livre
De paixões, se espraiava toda ao largo
Pelo mar da existencia não picado
Das tempestades que no peito humano
Alevantam desejos, pensamentos,
Cubiças, ambições—solturas d'alma
Em que se não cravou fixa uma idéa.

XX.

'E essa tinha eu constante: os meus fadados
Ramos todos os dias contemplava,
E verdes sempre, mas sem flor, os via.
Começou a infadar-me ésta incerteza,
Este vago tardar de meu destino,
E solitario, so no meu retiro
Dias, noites passei, luas inteiras,
Suspirando sem causa de tristeza,
Melancholico, e quasi abhorrecido
Da vida, que tam cheia de prazeres
Se me antolhava, e que ora tam insipida
Me appareceu. Travaram n'isto as guerras
Entre os christãos e os meus: nossas fronteiras,
Pacificas télli, entrou o mestre

De Sanctiago; e horrido theatro
Se fizeram de guerra sanguinaria,
Que não desaffiámos. Sois vós outros,
Portuguezes, imigos do descanço
E delicias da paz, viveis no fogo
Ardente das batalhas, como vive
No fogo a salamandra. Acudi presto
Ao reclamo da guerra; e o meu alfange,
Sabem-n'o os teus se corta por arnezes
De christãos cavalleiros. Duvidosa
Vacillou a fortuna entre o estendarte
Da roxa Cruz, e entre as doiradas Luas.
Dom Paio, que assolára nossos campos,
Entrára nossas villas precedido
Da victoria, parou sua marcha rapida,
E tropeçou na estrada da conquista,
Que tam facil e plana se lhe abríra.

XXI.

'C'o exemplo de seu rei cobraram ânimo
Os povos; e a antigua independencia
O Algarve sustentou. De nossas terras
Rechassado o inimigo, me occupava

Em guarnecer as praças arruinadas,
Outras edificar, e preparar-me
Contra nova invasão, que eu certa a tinha
De tam inquietos, bulliçosos ânimos.

XXII.

'Por estes tempos, minha mãe, que ha muito
Separára de mim a crença extranha
Que abraçou, e em que fôra ja nascida
Minha unica irman...'
—'Christans são ambas!'
Branca alegre exclamou: 'Tua mãe? que esp'rança!
E uma irman tens? Oh! como será bella!
E como a heide amar eu!'
Os olhos tristes
Pôs no chão o mancebo, e suspirando
Funda tristeza do íntimo do peito:
—'Christan foi minha mãe... Ja não existe.
E Oriana, minha irman, que eu amei tanto,
Ai! tambem para mim é morta.'
—'Morta!'
—'Sim, morreu para mim... morta é de todo.'

XXIII.

Pensativo ficou por longo tempo...
E continuou depois—'Fatal me ha sido
Sempre a tua lei. Desgostos, malquerenças,
Dissenções entre os meus semeou funestas,
E abalou as ruínas ja pendentes
D'este resto de imperio que em má hora
Herdei de meus passados. Convertida
Á fe de Christo minha mãe que eu tanto
Adorava... oh! deixou-me aqui n'esta alma
Dúvidas... Ai! que duvidar é o grande
Atormentar da vida. Presentidos
Meus vassallos da fe que vacillava
Em meu ânimo, froixo esmorecia
O amor n'elles. Pelejar constante
É a nossa existencia n'esta terra
De Hespanha, desque a tenda aqui plantámos
Os filhos do deserto. Espada e lança,
Se as poisarmos um dia, é a nossa morte.
E os meus, remissos na perpétua lida,
Cançavam ja. Desceu á sepultura
Minha mãe; e Oriana, que em segredo
Sua lei guardava, um dia de má estrea,

Vil servo a denunciou á plebe irada.
Amotinaram-se, e a meu proprio alcaçar
Vieram insultar-me, a mim e a ella...
E chegaram, de ousados, os infames
A cuspir na memoria venerada
De minha mãe!—A affronta foi lavada
Com os rios de sangue que correram...

XXIV.

Mas o sangue era meu, e costumado
A verter-se por mim na ardua defesa
Do mal seguro reino... Eu combatido
De remorsos, tristeza e desalento,
Me incerrei dias, mezes, so, intregue
A um vago, melancholico desejo
De pôr termo a ésta vida amargurada.
Oriana por vezes fez rogar-me
Que a ouvisse, que a attendesse. Não quiz vê-la,
Nem ella nem ninguem. E a desgraçada,
Vendo-se a causa de pezar tammanho,
Resolveu de fugir. Poucas palavras
Escriptas me deixou... muitas as lagrymas
Que sôbre ellas chorou. Era ja tarde

Quando o sube, corri por toda a parte,
Alvorotei castellos e cidades,
Devassei as fronteiras portuguezas,
Montes, valles andei... foi tudo embalde.
A algum mosteiro vosso, em terras longes,
Pôde chegar porcerto. Eu despeitado
Jurei então a Deus e ao seu propheta,
Jurei... Como cumpri meu juramento!
Guerra eterna, odio eterno aos do Evangelho
Que tudo me roubavam. Minhas armas
Jurei não despir mais, nem tirar freio
A meus cavallos, nem dormir a abrigo
De telha em povoado.—E longo tempo
Este foi meu viver: vida de cholera,
De agitado despeito!... que em meu sangue,
Que no meu coração outra não tinha.'

CANTO QUINTO.

I.

D'onde virá que, em nós prendendo a vida
A outra vida, sentimos dentro d'alma
A precisão forçosa de contarmos
O que foi atélli nossa existencia?
De lhe dizer quam mal perdida e gasta
Longe d'ella... sem ella! a consummimos?
Não n'o sei: mas que o digam quantos amam,
Digam se não é assim quantos amaram.

II.

E Branca devorava essas palavras
Em que o moiro sua vida lhe contava;
Devorava-as com ância deliciosa:
Que é divino prazer—se não veem zelos
Cravar seu ferro na querida historia,
É celeste prazer ouvir contá-la.
Gosa tu, bella infante, ouve e não temas:
Esse homem nunca amou, e toda inteira
A virgindade de sua alma é tua.

III.

Aben-Afan, tomando nas mãos ambas
As da princeza, assim continuava
Sua apaixonada historia.—'Quem, oh Branca,
Quem me diria então, quando o meu peito
Todo em sanha e furor de guerra ardia,
Que tam breve mudado o meu destino,
E eu tam outro ia ser, todo eu? Escuta.
Uma noite quebrado de fadiga
Adormeci: era ventosa a noite
De outomno; e as folhas sèccas que cahiam

Sôbre a tenda em que estava, o silvo agudo
Dos despregados ventos me imbalavam
N'um somno mal tranquillo, mas pesado
De quebramento e lassidão. Dormia,
Dormia eu, mas escutava o ruido
Dos furacões e o som da tempestade:
De meus sentidos todos so desperto
O ouvido, que velava, os reflectia
N'alma como rugir de brutas feras,
Sibyllos de dragões, huivos de tigres.
Canticos de demonios malfazejos,
De genios maus,—descompassadas vozes
De mortos resurgidos n'hora aziaga,
E em banquete de horror sôbre um sepulchro
Embriagando-se em sangue de parentes,
De amigos... talvez filhos, que no berço
Deixaram quando a morte os tomou subito.*

IV.

'O coração no peito comprimido
Me anceava afflicto, e o sangue accumulado
Sôbre elle, me pesava como a barra

* Allusão aos vampyros. Veja-se nota a este verso, no fim.

Do ferro sôbre o peito ao criminoso.
Não era sonho este, era um estado
Indefinivel; mas não durou muito,
Nem, a durar, lhe resistíra a vida.
Senti coar-me um balsamo suave
Pelas veias, e o sangue dilatar-se
Brandamente por ellas: sôlto e livre
O coração bateu; e a phantasia
Se descobriu da cerração medonha
Que a innegrecia.—Leves, leves fórmas
Diaphanas, ligeiras como os ares,
Me gyravam n'um quadro transparente
De incerta côr, mas bello, mas tam mago,
Tam delicioso como fresca aurora
Por estiva manhan. Vagas e froixas
As fórmas eram, logo mais sensiveis
Se relevaram, pouco e pouco augmentam,
E um paraizo, um ceu d'ante mim era.

V.

'Oh! como descrever-t'o! Um ceu de glória,
Um transparente azul, de estrêllas bellas
Marchetado—mil anjos de azas brancas

De strella em strella alegres revoavam,
Lirios de alvura candida espalhando
Pelo ar imbalsemado de fragrancia.
Uma virgem, trajando roupas simples
Que em pureza e candura resplendiam,
Uma virgem no meio d'este incanto
Apparecer a vi como a raínha
D'esse paraizo, como a divindade
A quem os anjos todos se humilhavam,
E sôbre quem seus lirios e boninas
Com amor jubilosos desparziam.

VI.

Sentia-me arrobar-se-me a existencia,
E o coração voar-me, como os anjos,
Para a celeste virgem. De seu peito
Uma Cruz resplendente lhe pendia,
E essa Cruz... essa Cruz, como inimigo
Talisman, affastava da donzella
Meu coração que embalde forcejava
De approximar-se a tanta formosura.
Ella, a virgem, uns olhos compassivos
Punha em mim, e um surriso parecia

De seus divinos labios consolar-me,
E ao coração, que ja desanimava,
Alentá-lo d'esp'ranças.—Mas a fôrça
Do talisman vencia, a Cruz terrivel
Dardejava faíscas rutilantes,
Como a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Eden defeso.

VII.

'Eu suspirava, a angústia me opprimia,
E co'esta agitação se dissiparam
A celeste visão, o sonho. Acórdo,
Acórdo, mas metade da existencia
Não acordou em mim; ficou no sonho
A maxima porção da minha vida;
Ficou-me o coração após da virgem
Correndo embalde. *Embalde*, exclamo, *embalde...*
E não mais a verei, nunca mais... nunca!

VIII.

'Apenas a arraiada tenue vinha
Alvorecendo então no roxo Oriente;

Secreta inspiração—não sei què d'alma
Que sente sem a ajuda dos sentidos,
E parece no intimo do homem
Ser coisa alheia-ou mais que a humanidade,
Me fez pensar nos incantados ramos.
Brilhou-me d'ante os olhos a esperança,
Como um clarão de vida: corro a elles,
Observo-os... oh! no loiro resequidas
Se esmyrravam as folhas,—mas na murta
Os botões, como perolas do Oriente
Em tranças de sereias, alvejavam;
E ja n'alguns leve signal de abrirem
Se divisava:—como em curvas praias
Ao subir da maré pintadas conchas
A medo o ricco esmalte descobrindo.

IX.

'De alegria, de júbilo insensato,
O arraial despertei; tendas se levam,
Ordens á pressa dou, a Sylves tórno,
Quebro, esqueço o tremendo jüramento
Que inda ha pouco fizera tam solemne,
E so no meu alcaçar longo tempo

Medito, e mil projectos desvairados,
A qual mais vago, a qual mais louco, formo
Sôbre o meu sonho, os ramos e o destino
Que Alina me fadára tam ditoso.

X.

De lidar em lidar, emfim um dia,
Levado assim de impulso repentino,
Deixo a cidade so, e confiando
Á minha estrêlla o dirigir-me os passos,
Redeas sólto ao cavallo, e sigo a estrada
Que elle de si tomou. Certo caminho
Foi das fronteiras, correu noite e dia
Ás margens do Guadiana, e pelas terras
De Andaluzia entrou; á Estremadura
Castelhana atravessa, e porfim chega
A um valle formosissimo, assombrado
De enzinhas altas: era ja na Beira,
No coração da Beira portugueza;
Ahi parou. O sol no extremo occaso
Como n'um mar de luzes se affogava,
Mas no resto do ceu ja raras trevas
A extender-se começam: voz e esporas

Imprego... não se move o corcel, fixo
No solo qual se fôra bronzea estátua
Em pedestal de marmore cravada.
Longo tempo fasisti: cerrada a noite
Era ja, desmontei; e n'um rochedo
Vizinho me assentei. Ahi na mente
A extranhez da aventura e do meu fado
Entre mil pensamentos revolvia.

XI.

'Aquelle sitio... O sitio inda hoje o viste;
É aquelle escuro monte, agudo e negro
Donde um phanal nas trevas reluzia...'
—'Oh! bem m'o disse o coração presago!'
Branca lhe torna: 'A luz que alli brilhava
Era tua? era a luz que estes meus olhos
Havia de cegar!.. E o corcel negro
E o cavalleiro que por nós passava
Em mysterio e terror?'
—'Eu era, Branca.'
—'E tu por mim bradaste: Real, Real?'
—'Por quem senão por ti? Presago dizes
Teu coração, e ainda m'o perguntas?'

XII.

Aqui a narração se interrompia
Com esse interromper de namorados,
Que são beijos e beijos, longos, longos,
Prolixos, quaes os dá, a quem bem conta
Suas historias, fascinada ouvinte.
—Se eu soubesse contar como o meu moiro!...
Quê!.. Voltêmos a elle e á sua historia,
Como elle a ia contando.
—'Acaba' disse
Branca emfim: 'estavas assentado...'
—'Estava, sim' Aben-Afan prosegue:
'No rochedo, pensando em meu destino,
Quando uma luz bruxuleando escassa
Por entre os ramos de viçoso olmedo
Não longe descobri. Certo que humana
Habitação será... Approximei-me
Na intenção de pedir por essa noite
Gasalhado, aguardar o desincanto
Do meu corcel, ou em diversos trajes,
Que a pêso d'oiro e joias hi comprasse,
Apé seguir a incerta romaria
De meu peregrinar mysterioso.

XIII.

'Chego; pequena ermida solitaria
Estava entre o arvoredo: a luz sahia
Pelas fisgas da porta mal fechada.
Entrei; um sancto horror de meus sentidos
Se apoderou:—forravam toda a estancia
Ossos de homem, caveiras—brancas umas
Do tempo, outras ainda mal cobertas
A pedaços de pelle resequida,
De eriçados cabellos. Uma tumba
Negra jazia ao lado, e uma cruz tosca
No chão cravada: d'essa cruz pendia
Lampada que a luz funebre desparze
N'estes objectos funebres.

XIV.

—'Absorto
Contemplava o terrivel monumento
Dos triumphos da morte, quando um fraco
Som quasi extincto ouvi de voz cerrada
Dizer:—*Filho das trevas, tu procuras*
A claridade; acha-la-has; mas guarda-te:

Abraza a luz a miudo.

—Quem me falla?

Tornei eu: *quem aqui n'está gelada*
Habitação de mortos me conhece?
—Um que é ja no limiar da eternidade,
Um moribundo. Segue o teu destino,
Aben-Afan: outr'ora obedeciam-me
Os espiritos do ar, e poderia
Mostrar-t'o... mas, é tarde; sinto a hora
Derradeira soar-me... expiro... fexa-me
Os olhos... veste o meu burel... e segue
Avante... em Portugal... é perto... A morte
O colheu; roucos sons balbuciou inda,
E n'um arranco lhe fugiu a vida.

XV.

[1] Combatido de varios pensamentos
Passei a noite juncto do cadaver.
Mas alfim decidido e resoluto
A correr todo o meu destino ás cegas:
Acceite-se o legado, disse eu, *vista-se*
O burel do santão, [*] *e ávante, á sorte!*

[1] Veja nota a este verso, no fim.

C'o primeiro crepusculo da aurora
Ja, em vez de turbante, me cobria
Capuz agudo a frente. Um nome escripto
Entre as pregas do saio achei... Que espanto!
Hugo, o nome fatal do nazareno
Que em nossas terras disfarçado entrára,
Que o respeitado alcaçar devassando
De meus antepassados, a discordia
Semeára entre os meus! Se era elle o morto?...
Se estava em meu destino que em seus trajos
Disfarçado eu agora, penetrasse
Pelo mais recatado, o mais zelado
Dos christãos?... Sorte!—Á sorte e á ventura!

XVI.

Sahi da ermida e a caminhar me deito.
De noite o meu corcel desparecêra;
E eu, sem saber de estrada, sem vereda
Seguir mais que a do acaso, fui andando,
Andando, até que juncto de um mosteiro
Grandioso e de fábrica suberba
Me achei. Que sons divinos que sahiam
De seus muros! Era um cantar celeste,

Vozes tam doces, como vozes d'anjos
No alto das montanhas celebrando
As grandezas de Allá.—Todo inlevado
No mago incantamento d'essas vozes,
Do templo estive á porta: franquéa-la
Não ousava... e a vontade m'o pedia,
Mas retinham-me escrupulos. Ao cabo
Disse eu: Que importam nomes? Deus é o mesmo:
Christo * e Mahomet foram prophetas,
Mas Deus é o mesmo Deus.—Entrei na egreja.

XVII.

'Era um côro de candidas donzellas,
Que alternadas o cantico solemne
Intoavam. Sentia-me eu tomado
Da religiosa e sancta majestade
Que enchia o templo. Os olhos repoisava
Com prazer innocente n'essas virgens
Que por Deus renunciaram a prazeres,
A delicias da terra, quando subito
Lá no fundo do templo a porta se abre
E uma virgem entrou: seu ar, seu gesto
A mostrava entre as outras a primeira,

* E discorrer d'um mahometano.

E entre ellas parecia tam brilhante,
Como em capella de jasmins a rosa,
Ou como o lirio n'hástea debruçado
Sôbre o campo arrelvado de violetas.

XVIII.

'Deu-me rebate o coração no peito:
Era essa imagem a que eu víra em sonhos,
Essa, essa propria; a mesma Cruz brilhava
Em seu peito... Perdi razão, sentidos,
N'um extasi de gôso indefinivel
Cahi como em deliquio.—Longo espaço
Devia de durar, que so no templo
Acordando me achei: findára toda
A ceremonia, e as virgens retiraram-se.
Sahi então, e soube que o convento
Era Lorvão, e...'
—'Tu' interrompendo-o,
Branca lhe diz: 'tu eras o eremita
Que em nossa egreja ũa manhan entrava
E que tam inlevado parecia
Na oração?'
—'Era eu mesmo.'
—'Oh Deus! e eu propria

Com quanta devoção te contemplava!
Tam joven, eu dizia, e tam deixado
Do mundo ja!... Mas tu o ermitão eras?'

XIX.

—'Eu sim, que extasiado em teu semblante
Ahi perdi o coração e a vida;
Ahi n'esse momento se cumpriram
Os meus destinos todos. O fadado
Ramo consulto: florecia o myrto.
Ceus! clamei, é quebrado o meu incanto!
Mas que fazer! A noite veiu: a um proximo
Oliva! me levára incerto passo,
E na soidão, minha alma se intranhava
Em pensamentos vagos, em projectos
Mais vagos... Um corcel vejo pascendo
Imbridado, e moirisca sella tinha:
Era o meu fiel Adir; chamei-o, corre
A mim alegre, extende-se abaixando
O alto costado, como convidando-me
A montá-lo.—Hesitei... mas dirigido
Por occulto podêr não é meu fado?
Montei, partimos; trouxe-me a estes paços.
Não vi Alina, mas teu nome, o sitio

Onde te incontraria em teu caminho
Para Castella, como libertar-te
De teus brutaes dervizes deveria,
Tudo li n'uma tarja transparente
De jaspe em letras d'oiro. Outra vez parto
C'os mais fieis dos meus, fui imboscar-me
Detraz d'esse escarpado, negro monte
Onde o morto ermitão tinha incontrado,
Onde viste o phanal, que era a atalaia
Para os meus que dispersos rodeavam
Os caminhos de emtorno. Alli me viste;
E d'alli, passo a passo, te seguimos
Sem dar allarma aos teus.—Sabes o resto;
E ja teu coração me ha perdoado,
Branca... Poisquê! Não perdoaste? Dize.'

XX.

Os braços da donzella se inlaçaram,
Como um festão de candidas boninas,
Emtôrno ao collo do gentil mancebo.
—O propheta, se a víra n'esse instante,
Emendára o Koran, e não vedára
A um anjo tal do paraizo a entrada.

CANTO SEXTO.

I.

Toca o sino a completas, era noite
Em Cacella: seu branco sobrevestem
Manto co'a roxa Cruz sôbre a armadura
Reluzente, e ao côro se incaminham
De Sanctiago os nobres cavalleiros.
As espadas, terror do mauro Algarve,
Depoem juncto do altar, e vão devotos
Ante o Deus dos exercitos prostrar-se
Em humilde oração. Ha poucas horas
Guerreiros na batalha, agora simplices,

Silenciosos, austeros cenobitas
Rezam em côro—ámanhan, quem sabe?
Correrão aventuras namoradas,
E nos braços de languida beldade
Cumprirão o terceiro mandamento
Da muito nobre e respeitavel ordem
Da andante, singular cavalleria.

II.

Oh! quem vê hoje na ponteada casa
De aperaltada, esguia casaquinha
Brilhar a mesma Cruz, symbolo d'honra,
De patriotismo e glória, que pendêra
D'aureo collar em peitos d'aço duro,
Peitos que sem pavor por entre selvas
De lanças, de azagaias se arrojavam;
Quem as vê hoje, a Cruz sancta de Christo,
Pendão de glória que guiou no Oriente
Castro, Alboquerque e Vasco—a roxa Espada
De Sanctiago que arvorou as Quinas
Nos castellos do Algarve—penduradas
Pelas librés da infamia e da injustiça...
Quem, de sua nobre origem cogitando,

Ousará de dizer: 'São cavalleiros,
São portuguezes cavalleiros esses?'

III.

Tremolava a bandeira de Sanctiago
Nos muros de Cacella, que vencida
Aos fortes cavalleiros se rendêra.
Mas Tavira resiste: fatigados
Os de Christo e Mahomet formaram treguas,
E da guerra contínua repoisavam.
Ja gran' parte do Algarve succumbíra
Ás armas de dom Paio e dos seus freires,
Depois que Aben-Afan de seu alcaçar,
— Sem se saber adonde — se ausentára.

IV.

Tavira a forte, Silves a maritima,
Firmes porêm sustentam porfiosas
Ao moiro rei a vacillante c'roa.
As principaes então, e as mais famosas

Em valor e riquezas essas eram
Por todo o áquem dos aridos Algarves.

V.

Findára o côro: a hora do repasto
N'um fresco eirado, á lua, passeiando,
Os cenobitas campeões aguardam.
De batalhas e cercos fallam velhos,
Das justas e torneios do bom tempo
Que foi; moços de amores e caçadas,
De aventuras, e coisas que mais prazem
Á edade em que veceja a flor da vida,
E folga o coração no peito á larga.

VI.

Era assumpto entre os jovens mais querido
Esse prazer de reis, essa arte nobre
Que Altanaria chamam, guerra propria
De ave com ave: não este covarde
Jogar da bésta, do arcabuz, do arco

Para indefeso surprehender no ramo,
No descuidado voo o passarinho.

VII.

—'Sabei' disse dom Alvaro 'senhores,
Que os meus falcões, porcerto os mais manhosos
D'elrei de Leão não teem que ver com elles.
Pena é que em terras nossas não ha caça
Com que interter o tempo d'estas treguas,
Senão verieis.'
—'Gran' desejo tenho
De o ver' Mem do Valle respondia:
'Que as minhas aves ategora as creio,
Em que pèze a dom Alvaro, as melhores
Que hei visto em vida minha. Mas, senhores,
Coisa vos direi eu que vos agrade,
Pois cavalleiros sois: p'rigoso é o caso,
Mas de gôsto será. Sabei que em Antas
É a caça melhor de todo o Algarve:
Mister é de passarmos por Tavira;
Mas em paz, como estamos, de impedir-nos
Não ousarão os moiros: e se ousassem...
—'Tanto melhor, que sua perda fôra'
Volvem á uma os jovens cavalleiros:

'Vamos, e ámanhan ja.'
Foram-se ao mestre,
E do que hão concertado lhe dão parte.

VIII.

Com prudencia dom Paio e bom aviso
Lhes ponderou da imprêsa os contratempos:
Quanto ciosos eram de suas terras,
E mulheres os moiros.—'Nem por isso'
Accrescentou surrindo o grave Paio:
'Lhes quero eu mal, que ha hi formosas damas,
E a ver taes cavalleiros costumadas
Não estão ellas.' Rindo agradeceram
O cumprimento ao mestre; e pois lhe dava
Cuidado a sua ida, promettiam
Irem de paz e guerra bem armados
Para quanto cumprisse... que era excesso
De prudencia, diziam. Atrever-se
Com seis de Sanctiago, os pobres moiros
Do Algarve!... quem havia de pensá-lo?

IX.

Mas grave e pensativo lhes tornava
Dom Paio:—'Não é bom folgar, mancebos,

Co'as agonias últimas de um povo.
No derradeiro appêrto, muitas vezes,
Affoga o que zombou de o ver prostrado.
Tréguas temos c'os moiros: mas o povo,
Descontente de ver seu rei sumido
No alcaçar de Sylves, descuidando
Reino, vassallos e a familia propria,
Que a irman se fez christan... e é fama entre elles
Que lh'a roubámos nós — o povo em bandos
Anda á sôlta, sem lei, por essas terras.
Tomae tento; que a plebe infurecida
De guerra leal estylos não conhece
Nem os cata a ninguem.'
Tudo promettem
Os jovens a seu mestre; e pressurosos
Assim no alvor do dia se partiram
Com suas aves e armas, cavalgando
Em andaluzes, relinchões ginetes.

X.

Seis eram os mancebos; e tam guapos,
Tam gentis cavalleiros não vestiram
Nunca em terras d'Hespanha arnez de guerra.
C'o denodo e despejo d'essa edade,

Em que os perigos são delicia e brinco,
Caminho vão direitos de Tavira;
A ponte passam a veloz galope,
E ás frescas margens da ribeira placida,
Onde Antas jaz, alegres começavam
Suas aves a soltar, seguir-lhe os voos,
E a interter-se em folguedos innocentes,
Disputas joviaes, e outros singelos
Passatempos de alegre confiança.

XI.

Mas o diabo, que jamais não dorme
Quando vê gente môça em bom caminho,
E que não pára sem fazer das suas,
E os metter em camizas d'onze varas,
O diabo se deu aos diabos todos
De ver seis rapazetes tam bem postos,
Tam galhardos e bellos, de sua regra
Cumpridores fieis, e mais honestos
Que o mais honesto monge da Thebaida.

XII.

Ora, sabido é que o tal amigo
Lucifer, Belzebut, Satanaz, diabo,

Demonio, ou como quer que é sua graça...
Na minha terra as beatas o designam
C'o extravagante nome do *Baêtas;*
Nome a que nunca pude achar o furo
Da ethymologia; e desafio
O carmelita auctor do diccionario
Que traduziu—triztriz—pratos quebrados
Désse tammanhas voltas ao miolo
Como as que eu dei para incontrar com elle.
—O diabo pois, que emfim este é seu nome,
Tanto fez, que até sanctos da Thebaida
Com suas tentações voltou do aveço,
E se metteu sem medo á queimaroupa
Com cilicios, jejuns e agua benta.
Como lhe havemos d'escapar nós outros,
Pobres e miseraveis peccadores!

XIII.

E como póde entrar este inimigo
Jurado da adamitica progénie
Os austeros limites da Thebaida?
—Com môças: môças são coisa do diabo,
Se é que o diabo não são ellas mesmas:

Que em quanto para mim, Deus me perdoe,
Por taes as tenho, ás tentações malignas,
Que sinto ca por dentro quando as vejo,
E me dão taes vontades... Abrenuncio!
O diabo ellas são, ou ellas d'elle.

XIV.

Pois o pae da malicia, que bem sabe
O podêr de taes armas perigosas,
Assentou de apanhar n'uma das suas
Os jovens caçadores: vai, e infia-se
—Que é mestre n'isso, e não lhe custa nada
Estender-se, agachar-se, incarquilhar-se,
Acaçapar-se curto e pequenino
Como um mosquito, ou alto alevantar-se
Como a tôrre dos clerigos*—infia-se
No papo d'um falcão dos da caçada.
E o falcão, que ficou, como lá dizem,
Co' diabo no corpo, larga o pairo,
E desanda a voar por esses ares.
Voou, voou, té que estacou mui longe,

* Tôrre formosissíma no Porto.

E se pós a pairar como quem mira
A caça, e a fita bem para impolgá-la.

XV.

Acertou que o falcão dos dois gabados
De dom Alvaro era.—'Estranho voo'
Mem do Valle lhe disse: 'é o da vossa ave:
Nunca vi um falcão voar d'essa arte.'
—'Crede, senhor' dom Alvaro lhe torna:
'Que é fina caça a que elle paira agora.
E afé não ha hi ave em toda Hespanha
Que tal a avente, e tanta.'
—'Ir-lhe-hei no alcance,
Volve o outro.—'Ide embora, porêm crede-me,
Que a mim somente e não a outro, a intrega.'

XVI.

Mem do Valle picou, e por um trilho
Agreste e rudo, entre árvores e matto
Mette o corcel fragueiro, e costumado
A mais agros caminhos.—Ja chegava
A um valle estreito, que em redor fechavam

Ingremes, escarpadas serranias
Tam aridas, tam sêccas e escalvadas,
Quanto era amena, vecejante e bella
A varzea que á abrigada lhes ficava.

XVII.

Um arroio sinuoso corta o valle
Despenhado do cume alto da serra
Com ruído, em cataracta picturesca,
Onde em brilhantes prismas concentrando
O matutino sol seus raios puros,
Ahi nas côres d'Iris se extremava.
A relva de boninas esmaltada
Amorosos perfumes recendia;
E áquem, além festões de verdes balsas
Prendiam com seus ramos inlaçados
Ás viçosas figueiras. Ramilhetes
De murta em flor brotavam pelo prado,
E na doirada areia da ribeira
Viçava o tenro, dobradiço arbusto
Que em nossas praias semeiou de perlas
Para inlêvo da infancia a natureza.
Oh! edade feliz em que as eu via,

As alvas camarinhas resplendendo
No limpido ceirão, e as cubiçava
Essas perlas mais finas a meus olhos
Do que as da bella egypcia mal pudica!

XVIII.

Sôbre este ameno, delicioso valle
Paira a prumo o falcão: mas extasiado
Co'as bellezas do sítio, o cavalleiro,
Na maravilha que lhe incanta os olhos
Pensava so, nem ao falcão ja attende.
Quando subito a ave—qual se víra
Saltar lebre fugaz de espessa moita—
Desce veloz, e atrás de árvores densas
Á vista se escondeu, desapparece.
Ve-la baixar, e correr prompto ao poiso
Que lh'a occultava—foi um so momento.

XIX.

Facil era a entrada da espessura
Por um lado onde as árvores fallecem.
Entra, e a caça que viu... Tenteio embalde

As cordas do romantico alahude
Que os genios das montanhas me afinaram
Para os singelos sons desalinhados
De meu simples cantar; falham-me as notas,
Desafina a canção. Que verso póde
Descrever os segredos da floresta
Do Almargem! onde incantos estupendos,
Nocturnas festas celebrar se hão visto
Ás fadas e aos espiritos da noite!...

XX.

Alli... alli jamais pé de homem vivo
Depois do pôr do sol entrar não ousa;
E so do alto da serra o pegureiro
Viu luzinhas—signal certo de bruxas—
A surdir e a esconder-se a um lado e outro,
Saltando como estrêllas namoradas
Que via o grego antojador de favas
Ao brando som de harmonicas espheras
Bailar no azul do ceu as tripecinhas...
Ou perdido viandante arripiado
De medo, ouviu confusas gargalhadas,
Estranhos cantos e gemidos funebres!

CANTO SEPTIMO.

I.

Aqui do ingenho, aqui da arte sublime
Do teu cantor, Angelica formosa!
Aqui d'aquelles versos descuidados,
D'aquelle donairoso seu capricho
Que damas bellas, monges impotentes,
Andantes cavalleiros e duendes,
Fadas e malandrins incantadores,
Tudo inreda na vaga, sôlta dança
De seus divinos feiticeiros cantos.
Oh! quem podéra, quem soubera agora

Tecer, como elle, o inrevezado fio
D'essas lindas mentiras que inleiavam
A curteza bestial de um nobre duque!
Perolas... e que perolas! deitaste,
Meu pobre Ariosto, ao coroado cerdo.

II.

Mas não. Livre de mais, lascivo é o canto
Que as venturas nos conta de Medoro
E os furores de Orlando. Eu, pudibundo,
Austero vate, psalmear só quero
Em côro de donzellas innocentes,
E accender minha lampada na lampada
Das virgens sábias que poupar souberam
Para a vinda do espôso o sancto azeite.
Simples é meu canto, meu contar singelo
Dar-me-hão as mamans a ler ás filhas.*

III.

Jaz sôbre a relva, á deleitosa sombra
Do espesso arvoredo adormecida

* La mère en permettrá la lecture à sa fille.

Joven beldade.—Se anjos, divagando
Acaso pela terra, adormeceram
Algum'ora em recinto delicioso
Que lhes fez recordar do Eden os bosques,
Seu formoso dormir como este fôra.

IV.

Alva, ligeira tunica appertava
Pelo meio do corpo delicado
Cinta de verde côr; doiradas tranças,
Sem mais ornato que o gracioso ondado
De seus proprios anneis, se debruçavam
Por hombros, em que a fôrça do alvo quebra
Ligeira côr de desbotada rosa.
Seus olhos!... com as palpebras escuras
Fechado tem o somno esse thesouro
De brilho e de innocencia. Mas nos labios
A innocencia surri. A um lado jaz-lhe
Pequeno livro. O atonito guerreiro
No rapto dos sentidos alheados
Longo tempo ficou absorto, mudo,
Como a quem maravilha tem cortado
Com a razão metade da existencia.

V.

Que livro será este? Abre, e redobra
Seu pasmo: de orações e rezas sanctas
Era um livro christão, inluminado
Das vivas côres, do oiro reluzente
Com que a arte byzantina debuxava
No bento pergaminho essas imagens
Sem vida, sem acção, e que resplendem
De um brilho, de um matiz que é o desespêro
Do moderno pintar.—Mas esse livro
Aqui, mas essa dama tam formosa
Que o lia na soidão d'esse deserto...
Mas tudo isto... é mysterio incomprehensivel.

VI.

E o agnusdei que pende ao lindo collo
Da bella, e co' sereno movimento
Do seio brandamente se agitava?
Não ha que duvidar: é christan virgem
E em terras de moiros!—Oh! roubada
Foi de certo; e a seus barbaros deleites,

Seus infames prazeres a reservam
N'algum castello proximo —Sem dúvida.

VII.

Mas como n'este sítio adormecida?
Baldam ahi de todo as conjecturas.
Fugiu talvez... acaso communica
O bosque ahi com parte mais escusa
Do parque, ou cêrca de moiriscos paços,
Onde escrava a reteem... Christan é ella.
E eu christão cavalleiro, que hei jurado
De defender a fe e a formosura,
Devo... o quê?—Libertá-la d'esses grifos,
Dos monstros que a innocencia se preparam
Á devorar-lhe crus... devo, oh! sim devo.

VIII.

Dest'arte reflectia o cavalleiro,
E levado de zêlo—ardente zêlo
Da fe... Travêsso duende me susurra
No ouvido menos puro sentimento.
Vai-te, espirito mau, não te accredíto;

Era boa a intenção: que faz ao ponto
Se profanête,* acaso, algum desejo
Na tenção se ingeriu? Vasos de barro
Somos nós, quebradiços e achacados;
E raro, a obra melhor do homem mais justo,
O oiro mais puro da virtude humana
De liga vil seu tanto não incerra.
—Levado pois *da fe:* 'Salvá-la' clama
'Salvá-la é fôrça, e ja.'—Mas, se a desperta,
Se receosa a timida virtude
D'essa dama, fugir assim não ousa
Sosinha com um joven cavalleiro?
Saberá convencê-la.—E se no emtanto
Perdido o tempo?... Oh Deus! urge o perigo,
Cumpre deliberar... Toma-a nos braços,
Salta na sella, e parte, corre, voa.

IX.

No papo do falcão raivava o diabo,
Vendo tam mal sahir-lhe o estratagema,

* Diminutivo necessario.

E que o laço, onde creu ter apanhado
A virtude do sancto cavalleiro,
Nova c'roa de glória lhe viçava
Na honesta frente.—Em tam escura sombra,
Tal formosura... occasião tam bella!..
Capacitar-se o diabo não podia
Que tanta fôrça houvesse n'um mancebo,
Que resistisse a tal.—Mas onde a leva
Elle agora?—Sabido é que o diabo,
Que tudo sabe, so futuro ignora.
Deu a voar, e segue pelos ares
O joven par no rapido galope.

X.

Nos braços appertando o doce pêso,
Corria o cavalleiro, e lhe batia
O coração.—Surriu de ouvir-lh'o o diabo
Tam apressado, e disse lá comsigo:
—'Tu que bates assim, má tenção levas.'
No emtanto a donzella, mal desperta
Do somno ainda, que pensar não sabe
Do estranho successo que a acordára:
Se vela ou sonha, se anjos a conduzem
Ás regiões do ceu, ou se o maligno

Espirito a arrebata ás profundezas
Do abysmo, duvidosa, nem se atreve
A abrir os lindos olhos; e tremendo,
Incolhendo-se toda, mui baixinho
Ao bento anjo rezava da sua guarda.

XI.

Porêm alfim curiosidade vence
Afinal sempre em feminino peito.
Quem a leva roubada? anjo, ou demonio?
Ver-lhe a cara deseja. E se elle é negro?..
Credo!—Mas pouco e pouco vai abrindo
O cantinho do ôlho. Alta a viseira
O mancebo levava; e o bello rosto
—Que bello era e gentil—se descobria
Entre as luzentes armas de aço fino,
E sob o elmo implumado—qual nos pintam
O triumphante archanjo aos pés calcando
Revel esp'rito que venceu nos plainos
Do ceu em regular, campal batalha.

XII.

Ao incarar com tam formoso gesto,
O medo todo lhe fugiu do seio:

E a grata persuasão que em corpo e alma
A leva ao ceu um anjo tam bonito,
Certeza foi que de prazer celeste
Lhe inunda o coração.—Mas será sonho?
Nunca elle acabe sonho que é tam bello.
Com medo de acordar, seus lindos olhos
Fogem da luz do dia, e so se entr'abrem
Para gosar da angelica presença
Do roubador gentil. Emtanto o joven
Sente o doce calor do brando corpo
Os membros repassar-lhe, e dar rebate
Ao sangue, que agitado ja circula,
E em seu tropel o espirito involvendo,
Sensações menos puras, logo ideas
Peccaminosas... feios pensamentos,
E ao cabo tentações... Ja não surria,
Mas dava pulo o diabo de contente.

XIII.

Eis ao subir de pedregosa incosta
Agra e difficil, do alto da montanha
Vozes mil a gritar:—'Ei-los vão, ei-los!
O roubador infiel ei-lo e a princeza.
Acudi, acudi, vingae no infame

Nossas injúrias todas.'—E redobra
O alarido das vozes tumultuárias;
E gritando corriam, e descendo
Dos lados todos, breve tem cercado
O cavalleiro multidão de moiros
Que em furia cresce, e emtôrno se amontoa.

XIV.

É povo mal armado e descomposto,
Gente soez, e sem valor nem brio,
Mas forte pelo número, e terrivel
Na fanatica sanha que os excita.
Embalde o cavalleiro o corcel volta,
Embalde tenta de descer de novo,
E salvar-se na fuga: a turba immensa
De toda a parte acode. Atropelados
Do fogoso cavallo, a muitos prostra;
Mas outros, e outros veem: ceder é fôrça

XV.

Ceder! um portuguez, e um cavalleiro!
Oh! que pesado então lhe foi o leve,

O doce pêso que a seu peito apperta!
Que fará? Lança e escudo lhe fallecem.
Mas ceder! isso não: co'a esquerda abraça,
Defende a linda dama que estremece;
A dextra brande a espada formidavel,
A cujos golpes o infiel desmaia;
E cahem como espigas em calmosa
Sésta d'estio aos golpes do ceifeiro.

XVI.

E a bella!—Oh! despertada alfim do sonho,
Suas magas illusões se desvanecem.
Cruel realidade! Quem é elle?
Como a roubou, e aonde, onde é que a leva?
Porque assim a perseguem esses moiros?
Oh! isso intende, isso conhece a triste.
Claros os gritos são. Mau fado a espera
Se em suas mãos cahir. Oh Deus que susto!
Com o seu roubador, seu cavalleiro,
Seu defensor... Ou como hade chamar-lhe?...
Se abraça, e esconde o rosto delicado
No seio aspero e ferreo da armadura.
Mas é ja tarde, ja reconhecida

Foi da turba infiel.—'Oriana!' bradam:
'Oriana!' soa emtôrno. Co'este nome
Cresce a raiva, o furor nos combatentes,
A quem resiste impavido um so homem.

XVII.

'Oriana' repettindo, imbravecidos
Investem; mas o nome que os excita,
Como se fôra magica palavra,
Respeito lhes inspira: os golpes vibram,
E no meio do golpe a mão descai-lhes,
E o peito deixa aos botes desarmado
Da espada do christão.—Ja da matança,
Ja de tanto ferir lhe affroixa o braço;
E as fôrças pouco a pouco a fallecer-lhe...

XVIII.

Tem pois de succumbir. Pereça embora;
Embora... Mas á furia d'esses barbaros
Abandonar a victima innocente
Que elle insensato ao sacrificio trouxe!
Uma virgem christan! Ceus! e tam bella!

Jamais.—Resta-lhe a esp'rança derradeira
De chamar pelos socios que lhe acudam:
Se o ouvirem, poderão valer-lhe
E ajudá-lo a salvar a desgraçada.
O corno toca; os sons repette ao longe
O echo das montanhas. Ja o ouviram,
E o usado som de Mem reconheceram
Os socios que, não longe, começavam
A sentir o alarido da peleja.
O passo dobram: ei-los... oh ventura!
São a milhares a moirisca turba;
Mas seis de Sanctiago!—Ávante! e rompem.
Sanctiago e ávante!—Em roda estão do amigo.
Vidas como éstas caro são vendidas;
E tarde, se a perderem, a victoria
So coroará os lividos cadaveres
Do vencedor, a quem se deu maugrado.

XIX.

O inimigo recúa. Seccos troncos
De figueiras, que ahi jazem, incastellam
Uns; em quanto outros á lançada viva
Seu trabalho defendem. Ja completa

É a tranqueira, e a tempo; que os cavallos
De cançasso e feridas se abatiam.
A suas frageis muralhas se acolheram,
E da turba que os cérca se defendem,
Como leões á bôcca de seu antro
Pelos filhos e espôsa combatendo.

XX.

Ai da formosa, incognita donzella!
Que ao deslaçar os braços delicados
Do corpo do mancebo, os lindos olhos
Cheios de amor e lagrymas levanta
Para o ceu, para elle, e: 'Adeus' lhe disse:
'Adeus! Que breve foi, e que amargado
O prazer d'este abraço!'—Ai cruas vozes,
Tam meigas, tam crueis! abriu-se-lhe alma
Ao joven; e a paixão, que lhe escondiam
Suas chymeras vans, toda lhe avulta;
Co'esse golpe de morte lhe rebenta
O amor télli no coração occulto.
Oh transe! amor travando o braço á morte!
A eternidade em meio da ventura!

XXI.

Os olhos do mancebo se inturvaram,
O sangue que vertiam mil feridas,
Parou. Ja n'esse instante a última vida
Do coração fugia... Suspendeu-lh'a
Co'a fôrça do prazer, da dor o excesso.
Qual soem suspender oppostos ventos
Ao lume d'agua, em cabo procelloso
A soçobrada nau.—Anjo da morte
Porque retiras a aza côr da noite,
Que lhe estendias sôbre a frente livida?
Doce é morrer assim; mas todo o calix
Do passamento, té ás fezes negras,
Bebê-lo!—Oh! cruel és, anjo terrivel.

XXII.

De novo jorra o sangue das feridas,
E exanime clamou.—'Oh Deus!' seus labios
Descorados na face da donzella
Osculo imprimem, o primeiro—e o ultimo!
A virgem não corou: solemne, e augusto

É o extremo da vida; não ha pejos
Na despedida ás portas do sepulchro.

XXIII.

—'E quem és tu, incognita beldade?'
—'Eu?' volve a virgem: 'eu? Sangue inimigo
Teu e da Cruz nas minhas veias gyra;
Sangue de reis... sangue fatal! Raiou-me
A fe por entre as trevas de seus erros:
Minha mãe foi christan, e a agua sem mancha
Do baptismo banhou meu corpo infante.
Este é o crime que a plebe amotinada
Persegue em mim. A seu rancor fugida
Tinha vindo acoitar-me n'estes bosques
Onde um velho ermitão, por charidade,
Em sua rustica choça dava abrigo
Á irman de Aben-Afan.'
—'Tu irman d'elle!
E eu fui que te perdi... Ai! fui eu, triste.'
Toma a espada, e com impeto que mostra
Fôrças maiores ja do que as da terra,
E sem mais proferir, dá sôbre os moiros
Com furia tal, que innumeros lhe cahem

Aos pés d'um bote so. Porêm foi esse
De Sansão moribundo extremo esfôrço:
Sôbre o montão das victimas que immola,
O sacrificador exangue accurva;
Sem vida cai. Não o vingueis, amigos:
Não cahiu bravo em campo de batalha
Mais gloriosa quéda; não deis lagrymas
A quem so derramou em vida e morte
Sangue inimigo e seu. Mem não existe:
Folgae, filhos d'Agar, sôbre o seu tumulo.

XXIV.

Olhos formosos que lhe a morte déstes.
Chorae vós, sim chorae!... Mas tanta perda
Ignora ainda a bella causa d'ella.
Não o viste cahir, gentil Oriana,
Que no meio dos fortes cavalleiros,
No chão prostrada, supplice invocavas
Ao ceu perdão, do ceu misericordia,
E gemes, como a rôla solitaria
Sôbre o lascado ramo do pinheiro,
Quando os ventos do outomno tempestuoso
Da emigração a quadra lhe annunciam:

Ai! caçador cruel lhe ha morto o espôso,
E seu terno arrulhar o chama ainda.

XXV.

Com a morte de Mem coragem ganham
Os infieis, e affroixa nos de Christo
O ânimo não, mas esse mais que humano
Esfôrço gigantesco, enthusiasmo,
Que não so p'rigos sem pavor arrosta,
Mas a infallibil perda, a morte certa,
Sem lhe attentar no horror, com gôsto incara.
Lassos de combater, de sangue exhaustos,
Que a jorros corre dos golpeados membros,
Os que fortes exercitos venceram,
E são terror de bellicosas hostes,
Ante uma vil, desordenada turba
De alvoratada plebe ja succumbem.

XXVI.

Eis a correr do alto da montanha
De redea larga vem um cavalleiro
Ancião, de longas barbas venerandas,

Nem armado, nem seu trajar indíca
Linhagem nobre; mas nobreza d'alma
Brilha em suas feições. Ao chegar perto
Dos combatentes, moderára o passo,
E grave se approxima do tumulto
Com semblante sereno. Erguendo a dextra:
—'Suspendei' disse: 'suspendei as armas;
Escutae-me um instante.'
A inesperada
Falla do velho á sanha da peleja
O furor suspendeu: pára o combate;
E curiosos da causa que o alli trouxe,
Attentos moiros e christãos o attendem.

XXVII.

—'Illustres cavalleiros, escutae-me,
Filhos de Agar, ouvi-me: injusta guerra
Fazeis todos: o sangue desparzido
N'este dia fatal ao ceu bradando
Está vingança, e todo ha recahido
Sôbre minha cabeça. Eu a princeza
Oriana dos reaes paços de Tavira
Na fuga auxiliei, ao respeitado

Bosque d'Almargem a levei, e em guarda
A um eremita sancto a dei eu mesmo.
Mas essa que buscaes ha tanto tempo,
Mas essa, por quem hoje heis combatido,
Não é ja vossa, não: Oriana, a bella,
A real Oriana aos erros e mentiras
De vossa falsa lei jamais deu culto.
Christan é, christan foi desde a primeira
Hora da vida.'
—'Ella christan!' exclamam
A maura turba com horror e espanto.

XXVIII.

—'Sim, christan sou' lhes diz, alevantando-se
A princeza gentil; e no ar, no gesto
Lhe brilhava um splendor de majestade,
Que, entre essa multidão d'homens armados,
Sanguentos, golpeados, parecia
Anjo de paz que vem de ordem do Eterno
O cru flagello suspender da guerra.
—'Sim christan sou: e o Deus so verdadeiro,
Que á sua sancta luz abriu os olhos
De minha mãe, que em sua glória é hoje,

Constancia me dará para o martyrio,
Para alcançar a immarcessivel palma
Que me espera no ceu. Vinde; essas armas
Para meu peito dirigi; tormentos
Inventae novos; tudo com delicia
Receberei de vós, com prazer d'alma;
Tudo... Piedoso Deus! que hei visto!'—Pára-lhe
A voz e a vida; cai: no gesto livido
Veo de morte se estende. A malfadada
No cadaver de Mem, que jaz por terra,
Fixára acaso os olhos descuidados;
E do golpe fatal, que inda ignorava,
Repentino ferida, á dor succumbe.

XXIX.

Alvaro e os mais christãos, que a viram subito
Desmaiar e cahir—não suspeitosos
Da causa de seu mal, hallucinados
Em tanta confusão—de tredo golpe
Por mahometano archeiro a crem ferida.
De horror e indignação furiosos bramam;
E Alvaro lhes clamou:—'Amigos, eia!
Este resto de sangue que inda gyra

Em nossas veias, pouco é, porêm corra
Portuguez té á gotta derradeira.
Que nos sobra de vida? Escassas horas:
Seculos fossem ellas, á vingança
De crime tanto e tal votadas sejam.
Sanctiago, e ávante! nossa é a victoria,
E triumphantes nos receba a morte.'

XXX.

As fogosas palavras do mancebo
Nos corações que apenas palpitavam
Exangues, semimortos, vida e fogo
D'enthusiasmo infundem. Quaes rompentes
Leões, investem contra o moiro, em fúria.
A jorros corre o sangue; a vozeria
Dos combatentes, gritos dos feridos,
E o arrancar dos moribundos fórma
Consonancia medonha. Acostumado
Não era á guerra o venerando velho
Que, esperando salvar os cavalleiros
Á custa de sua vida, alli viera.
Conhece todo o Algarve o nome e a fama
De Garcia Rodrigues, o mais rico

E honrado mercador d'aquellas eras,
Que em seu tráfico honesto, recovando
Entre os moiros do Algarve e as portuguezas
Terras vizinhas, grande accumulára
Haver de oiro e riquezas. Protegido
Da defuncta rainha, e íntimo sempre
De frei Hugo, quando este disfarçado
Nos habitos e modos de moirisma
No palacio de Sylves demorava,
Tam prudente e avisado andára sempre
Que nunca aos musulmanos fôra odioso.
Depois, morta a rainha, e Hugo partido
A fazer-se ermitão em Monteagudo,
Continuára em seu tratto, e a ir ao paço
Vender suas mercancias costumadas.
Co'a princeza Oriana alli fallava,
E em grande segredo lhe trazia
Livros, rezas christans, bentas reliquias
E outras consolações que a confortavam
No desamparo e susto em que vivia.

XXXI.

No proprio dia a Sylves era vindo
Que em torrentes de sangue se affogára

O tumulto da plebe amotinada
Contra Oriana; e vendo-a resolvida
A fugir para sempre as impias terras
Dos inimigos de sua fe—deixára
A mercantil, habitual prudencia;
Com grande risco de fazenda e vida
Elle proprio, uma noite bem fadada,
A levou nas recovas escondida,
Que o não sonhou ninguem. Passou as portas
Da alcaçova, e passou as da cidade,
Escapando a perigos infinitos,
Que so pensá-los faz tremer. Andando
A bom andar, chegou áquelle bosque
Do Almargem, e o seu furto precioso
Deu a guardar a um sancto velho monge
Que alli vivia em solitario hospicio
Dos lá da Serra d'Ossa dependente.
Alli a vinha ver o bom Garcia
Sempre quando passava em seu contínuo,
Usual perigrinar. Caminho agora
Ia de Alvor, quando escutou o ruído
E a causa soube do fatal combate,
Que a apaziguar correu... em vão. 'Salvá-los
É impossivel!... Pois' disse elle 'morra-se

Como homem tambem.'—Impunha a espada,
E sôbre os moiros deu como homem que era.

XXXII.

Novas emtanto da fatal peleja
A Cacella chegaram. Parte á pressa
C'os seus o mestre, esperançado ainda
De soccorrer os nobres combatentes.
Tavira passa; os moiros, aterrados
Do furor com que vem, passá-lo deixam.
Chega... ai!... tarde. Ja lividos cadaveres
Sôbre montões dos que immolou seu ferro
Jazem os sette heroes. Tropheos d'emtôrno
Seus imigos lhes são, que os precederam,
E ás regiões baixaram do sepulchro
A annunciar do vencedor a vinda.

XXXIII.

Mas os moiros do campo da batalha,
Em vendo o mestre vir, se retiraram
Açodados c'o o medo da vingança.
E elle, a quem no peito ância rebrama

De punir tam cruel aleivosia,
Os preciosos despojos recolhendo
Dos nobres cavalleiros e do honrado
Mercador, no alcance vai dos moiros,
Que em vão fogem. Cruento sacrificio
As sombras dos heroes alli recebem:
Milhares cahem. De Tavira ás portas
Accossados os leva; e as portas, que abre
Para acolher os seus o musulmano,
Ao mestre foram triumphal entrada
Na capital do sobjugado reino.

XXXIV.

Do Algarve a capital cede a dom Paio.
Mas em Sylves o rei no forte alcaçar
Crem todos; e acabar c'o infame jugo
Dos infieis em terras portuguezas
Jurára o mestre. Bem guardada e forte
Deixa Tavira, e sôbre a antiga Sylves
Vai com a flor dos seus ebrios de glória.

CANTO OITAVO.

I.

Ai de ti, Sylves, de tuas nobres tôrres,
Teu alcaçar tam forte! Quem resiste
Ás espadas terriveis de Sanctiago?
Ja de redor dos muros, que de lanças,
De frechas, de besteiros se coroam,
Suas tendas assentou, suas azes posta
O invencivel mestre. Ja trabucos
Acestam, catapultas véem de rôjo,
Máchinas, ligneas tôrres; e se dobram

Acubertados couros, protectores
De escaladas e assaltos. Mas de dentro
Dos muros os cercados se apercebem
Para a defeza: ardentes alcanzias,
Duros cantos, ferradas longas varas
Que os incendiarios fachos arremessam
Ás inimigas fábricas. Redobra
Corage em uns e outros o perigo.
Pregam no campo frades indulgencias,
Na cidade os imans novas promessas
Fazem de houris e paraizos: folga
Emtanto a morte, e para a ceifa crua
C'o um perfido surriso a fouce affia.

II.

Dom Paio em suas tendas, rodeado
Dos cavalleiros principaes, com elles
Nos desenhos do assédio practicava,
E no mais que a seu cargo e pôsto cumpre.
Um homem d'armas entra, e ao conselho
Annuncia que ao campo um messageiro
Do rei de Portugal n'essa hora chega.

III.

—'Que novas traz?'
—'Sabê-lo-heis mui presto,
Que não tarda comvosco; e sua messagem,
Diz so a vós dará.'
—'Embora venha:
E praza ao ceu que do valente Affonso
Nos traga alfim o tam pedido auxílio.
Gran' mister hemos d'elle. Cavalleiro
E generoso é Affonso; a nenhum outro
De toda Hespanha com mais gôsto dera
Preito do que hei ganhado: mas importa
Que a levarmos ao cabo ésta conquista
Nos ajude elle; senão... reis não faltam;
Deus proverá, e a nossa espada ao resto.'

IV.

O arauto, com solemne e grave passo,
A dom Paio caminha, e volteando
Tres vezes no ar o seu bastão doirado,
Em som lento e pausado assim lhe falla:
—'Da parte do mui alto e poderoso

E temido senhor, rei dom Affonso
De Portugal e Algarves, a dom Paio,
Mestre de Sanctiago, cavalleiro
Muito nobre e esforçado, vem dom Nuno;
Sua embaixada traz.'
—'Entrae.' Entraram.

V.

De suas riccas armas cizeladas
Vinha armado dom Nuno: por de cima
Da malha sobreveste d'oiro e seda
Orlada com franjões de fina prata,
Passamanes do mesmo, e sôbre o peito
Bordada a Cruz azul, insignia antiga
Do reino, e embaixador que o representa,
Segundo usança é.
Este, inclinando-se
Ao mestre, disse então:
—'Senhor dom Paio,
Elrei, e meu senhor, que a vós me manda,
Vos envia saudar, como a quem preza,
E muito estima vossas nobres partes,
E a respeitavel ordem de Sanctiago,

Cujo sois digno mestre. Sabei como
Prouve ao muito alto rei de Leão, Castella,
De Toledo, de Cordova e Sevilha,
Murcia e Jaen, imperador augusto,
Sempre feliz, a meu senhor e amo,
Elrei de Portugal, n'este seu reino
Investi-lo do Algarve; e vos ordena
Que lhe intregueis castello e fortalezas
E logares e villas que heis tomado;
E preito lhe façaes e homenagem,
Como a senhor e rei. E mais vos trago
Que em marcha com sua gente a estes sitios
Vem elrei meu senhor, com tenção firme
De ajudar-vos na sancta imprêsa vossa
De libertar suas terras do pesado
Jugo de moiros: no que muito conta
Comvosco e vossos nobres cavalleiros,
A quem honra e mercês fará condignas.'

VI.

—'Venhaes embora' o mestre respondia:
'Sejaes bem vindo vós, e a vossa alegre
Messagem que trazeis, senhor dom Nuno.

Portuguez sou, e portuguez me prézo
De ser do coração; e muito folgo
De intregar nossas praças e castellos
A rei tal e senhor. Em hora boa
Venha elle a tomar nossa homenagem,
E a conquistar o mais que no seu reino
Inda infieis lh'o teem. Com mãos á obra
Nos achaes, cavalleiro: d'esta Sylves,
Onde o moirisco rei temos cercado,
O resto da conquista está pendente;
E... Mas vejo-vos rir!... Não sei que o caso...

VII.

Nuno surria, e em gestos se expressava
De quem do mestre aos dictos fe não dera.
—'Não tomeis, senhor meu para má parte
Este surrir:' contendo-se dom Nuno
Lhe tornava: 'De Aben-Afan dizeis
Que o tinheis hi cercado... E sei eu certo
Que algures elle está, que não em Sylves.'
—'Sabeis?'
—'Sim, sei.'
—'Muito sabeis! Contae-me.'

VIII.

Nuno então conta ao mestre, que pasmava,
Como, da infante em companhia, a Holgas
Indo, o rei moiro subito os tomára,
E elle so, por estranho caso, a vida
Salvára e liberdade; — que escondido
Na cêrca do convento, deparando
Com um moiro, o matára, e em seus vestidos
Á pressa disfarçado, Aben seguíra
Té a uns formosos paços, onde a infante
So com Aben-Afan entrar poderam.
E que subito os paços se sumiram.
Que certo havia alli incantamento
Ficou elle; porêm logar e sítio
Bem o conhece, e taes signaes tem pôsto,
Que hade com elle dar. D'ahi partido
A elrei se fôra a lhe contar do roubo
E desacato da real infante.
Que de vingar sua honra e a de sua filha
Jurára Affonso; e a Beatriz, sua espôsa,
Mandára ao pae a lhe pedir do Algarve
Terras e senhorio, resoluto
A acabar d'esta feita co'a vil raça

De Mahomet. Em tudo consentíra
O bom do imperador: e elrei á pressa
Vem caminho do Algarve, a invicta espada
Jurando não depor sem que no sangue
Do derradeiro moiro a injúria lave.

IX.

—'Mas se incantada a infante' diz dom Paio,
'C'o moiro está, que vale guerra e sangue
Para a cobrar?'—'A tudo se ha provido'
Nuno volveu: 'com elrei vem quem sabe,
E tudo póde em coisas taes d'incantos.
Certo, que nomear tereis ouvido
Frei Gil de Santarem...'
—'Frei Gil!... Oh! valha-nos
Sanctiago!' á uma os cavalleiros dizem:
'Traz comsigo esse frade dom Affonso?'

X.

—'E porque não?' dom Nuno respondia:
'Sim traz; mas não sabeis quanto mudado
Está frei Gil. Do diabo, a quem vendêra

A alma pelo podèr da bruxaria,
O escripto cobrou que lhe fizera
De obrigação, lavrado com seu sangue.
E agora o diabo, a quem servíra escravo,
Como a senhor o serve; e é maravilha
Ouvir casos e coisas que se hão feito
Por sua intervenção. Peça mais fina
Nunca sancto a pregou a fino diabo,
Do que o padre frei Gil; fa-lo ir ao côro
Rezar c'os frades, ouvir missa inteira,
E confessar-se até.'
—'Mas quem ve isso?'
—'Ninguem senão frei Gil: boa era essa!
Se o víra alguem, forte milagre fôra.'*

XI.

Riram os cavalleiros do bom lôgro
Que pregára ao demonio o sancto frade.
E o mestre, incarregando da ordenança
Do cêrco e mais governo que cumpria,
Ao commendador mor, se foi, com parte
Do conselho da ordem, ao caminho

* Veja nota a este verso, no fim.

De Selir, a esperar elrei Affonso,
Que para ahi direito em marcha vinha.

XII.

Ja longo o cêrco a parecer começa
Aos sitiantes; rapida a victoria
Télli os precedeu: emfim o auxílio
Do monarcha porá termo ás delongas,
E acabará c'o imperio musulmano
Nos libertos Algarves.—Se podessem
Todavia vencer sem esse auxílio!
Veda-lh'o a ausencia do esforçado mestre.
Sem elle aventurar-se a dar assalto
Não ousarão, nem devem. Surdas minas
Lavrando vão calladamente emtanto
Com direcção do alcaçar, que o mais forte
Lanço é da praça toda, e decisivo.

XIII.

Segue de perto aos que trabalham, prompta
A escolha dos mais bravos e atrevidos
Na subterranea estrada, que ja longa
Cresceu: prestes estão de peito e d'armas
A qualquer caso, ou contramina os cruze,

Ou, repentino, a bem guardada estancia
De inimigos os leve seu trabalho.

XIV.

O ardido Nuno entre os primeiros sempre
É na glória e perigos. Voluntario
Se off'rece a ir na subterranea imprêsa.
Por capitão de todos o pozeram
E a direcção da mina lhe intregaram.
Trabalhavam um dia, eis—'Vozes sinto'
Disse parando na obra um dos soldados.
—'Escutemos: silencio!' Nuno accode.
E álerta ouvidos, e callado é tudo,
Vozes se ouviam, mal distinctos echos,
Sons abafados, como uns ais perdidos
De infeliz a quem vivo sepultassem
Nas intranhas da terra, e que em lamentos
—Vãos!—conjurasse o horror de seu destino.

XV.

—'Manso continuae vosso trabalho'
Diz Nuno: 'descubramos d'onde nascem

Estes estranhos sons.' Vão pouco e pouco
Leve e leve, minando a terra dura.
Ja clara a voz se ouvia: feminino
Era o accento gemedor e afflicto,
E como supplicante: crebros golpes
Se ouviam c'os lamentos misturados,
E um rouco murmurar de voz sinistra.
—Supplicio, algoz, e victima parecem.
Tam proximos estão, que se distinguem
As fallas ja.
—'Piedade!' diz voz trémula:
'Piedade! eu desfalleço, eu morro...'
—'Amigos!'
Bradou Nuno: 'á uma os ferros, eia!
Salvemos essa victima innocente
Da mahometana barbara maldade.
Rompei d'um golpe so o estreito espaço.'

XVI.

Mal dissera, aos alviões nas mãos robustas
Cede a terra, e cahindo patenteia
Á vista dos atonitos guerreiros

O lobrego recinto de medonho
Subterraneo, horrivel calabouço.
Uma lampada funebre, que ardia
Suspensa em meio, triste luz reflecte,
Clara porêm, na profundez do antro.
Em pé spadaúdo moiro como estátua,
De medo e pasmo está; seus olhos fixos,
Seu gesto horrendamente contrahido
O pavor, a crueza, o susto, o crime
Alternados debuxa. Tem na dextra
O instrumento de barbaro supplício,
Azorrague sanguento. Juncto delle
No chão prostrada ũa mulher... Vergonha
Me abafa os sons nas cordas que estremecem:
A indecorosa posição... pintá-la
Meus versos ousarão?.. Em terra os joelhos
Poisava, e em terra a face; co'as mãos ambas
Cobre-a, de pejo,—o seio incobrem vestes;
Mas o restante... oh! não as tem mais bellas,
Nem mais patentes Callipygia Venus,
As fórmas immortaes que nome e fama
Dão ao cinzel e marmore divino.
Matizam crus signaes o alvo dos lirios,
Como sóe no vergel tulipa roxa

Entre as cecems brotar.—Mais se divisa
Outra flor... Caia o veu sôbre o meu quadro.

XVII.

Veu de pudor cobriu os olhos castos
Dos guerreiros christãos. Seu manto arroja
Nuno á infeliz, e co'a outra mão travando
Da barba hirsuta do algoz:—'Malvado!'
Lhe brada: 'mas que vejo! tu! É sonho,
Ou es tu mesmo? Como n'estes habitos
Co' esse turbante, infame renegado?
Eterno Deus!.. Vil monstro de maldade,
Falla: quem é ésta innocente victima
De teu furor cruel? porque a ferías
Tam despiedado? Falla, ou n'este instante
A merecida morte...'

XVIII.

Um suor frio
Cobria o moiro, os dentes lhe batiam,
E os membros contrahidos lhe estremecem.
Qual ceifeiro robusto, a quem na messe

Tomou quartan violenta, co'a mão trémula
Aperta a foice, e em vão chamar os socios,
Bradar procura em vão; no aberto sulco,
Sôbre os feixes d'espigas que ha colhido,
Cai opprimido d'ância e quebramento.

XIX.

—'Malvado!' exclama Nuno: 'segurae-o,
Mas não toqueis, por Deus, n'essa cabeça
Ao cutello votada da justiça.
E vós, senhora, cobrae fôrça e ânimo,
Que não estaes com barbaros: respeito
E piedade achareis. Auxílio e amparo
Por cavalleiros e christãos devemos
Ás damas; nem nos veda a differença
Do culto e religião...'
C'um gesto a dama,
Em que, apezar do pejo e abatimento,
Sobresai dignidade e formosura
De nobreza e virtude, alevantando-se
Gravemente, o interrompe co'estas vozes:
—'Meu culto e religião, senhor, é o vosso;
Christan sou, por christan hei padecido,

E de meu padecer uma só queixa
Tenho elevado ao ceu—que lento e brando
Não me haja dado a suspirada morte.'

XX.

—'Nobre dama, comnosco ao regio Affonso
Vinde; e recebereis honra e justiça,
Qual se vos deve. Nome e sangue ignoro
De tam bella senhora, mas porcerto
D'alta progenie o tenho.'
—'Em mal! bem alta.'
—'E portuguez?..'
—'Senhor, moiro é meu sangue,
Musulmanos os meus, christan eu unica.
Não me pergunteis mais; eu vo-lo rógo
Por vossa cruz: levae-me presto ao campo,
Onde os soccorros que ha mister minha alma,
Incontrar possa.'
Prompto, Nuno ordena
Ás guardas e vigias o que devem
Em sua ausencia fazer, e co'a formosa
Dama e c'o velho moiro ao campo volve.

XXI.

Soavam atabales e trombetas,
Que tangem menestreis: todo um triumpho
O arraial parecia.—'Ei-lo que chega,
Ei-lo! Real, real por dom Affonso
Do Algarve e Portugal!' mil vozes clamam.
E do mestre e dos seus acompanhado
O magnanimo Affonso, n'um formoso
E suberbo andaluz montado, vinha
O campo entrando. Os vivas de alegria,
As saudações do povo e dos soldados
Benigno accolhe: mas profunda mágoa
No rosto impressa traz; ri-lhe nos labios
Doce affabilidade, que os monarchas
Portuguezes outr'ora distinguia,
Mas a frente pesada de cuidados
Em vão se aliza, as rugas da tristeza
Sob o diadema d'oiro se lh'increspam.

CANTO NONO.

I.

O estendarte das Quinas tremolava
No pavilhão real; e essa alegria,
Que em deredor festiva se agitava,
Na tenda do monarcha não penetra:
Pezado é tudo ahi. Seus riccos-homens
Se compoem no silencio e na tristeza
Que da frente do principe reflecte.
A mão no rosto pallido, e c'os olhos
Fitos no vago, Affonso meditava.
O que vai por essa alma, ó rei?.. Memorias

De Bolonha serão? Lagryma a lagryma,
Estás sentindo as da infeliz Mathilde
No coração traidor cahir-te agora?
Se do vendido thalamo... vendido!
Porque o vendeste, rei; não foi cegueira
Perdoavel de amor, senão cubiça,
Fria crueza de ambição a tua...
Se do vendido thalamo as saudades
Vingadouras talvez véem perseguir-te?
Ou se—que é ricco de remorsos e amplo
O teu quinhão de rei—se outro remorso
Te estará sollevando a lagem negra
Que em Toledo a outro rei... teu irmão era!
Deu extranha piedade por esmola?
Ai Affonso! E perdeste a filha, e choras
E accusas os ceus! Os teus são crimes
Que a Divina justiça não espera
Para os vingar depois na eterna vida.

II.

Foi este derradeiro pensamento
Que por certo o feriu. Turbado, afflicto
Fez signal que o deixassem. Nobres, pageus,

Tudo se retirou.—'E que me chamem'
Disse 'Frei Gil.' E a frei Gil chamaram;
E só entrou a elrei; e a sós são ambos.

III.

—'Padre' torvo d'aspecto Affonso clama:
'Padre, que heis descoberto? Que esperanças,
Que novas me trazeis?'
—'Tem confiança
Em meu podêr, ó rei dos portuguezes.
Tua filha verás, vê-la-has. Mui cedo
É para se cumprir a grande obra
Em que impenhadas tenho minhas artes,
Minha sciencia toda.'
—'Muito ha, padre,
Que o prometteis assim, e... Desculpae-me:
Sou pae; e nenhum pae nunca amou filha,
Como eu a minha Branca; nem mais digna
De amor e de ternura houve outra filha.
A meu pezar, confesso, que aos altares,
Inda mal! a cedi. Triste presagio
Me agourava seu fado.'
—'Rei, es homem:
E como homem es fraco e miseravel,

Pêza-te o quê? Da filha que has votado
A um Deus que reino a reino te accrescenta?'
—'Oh! mas a minha filha, a minha Branca?..'
—'Tua filha verás: sou eu, Affonso,
Que t'o asseguro. Do immundo espirito,
Que hei forçado a servir-me e obedecer-me,
A resposta alcancei: não está longe
A abbadessa d'Holgas d'estes sitios.'

IV.

—'Aonde, aonde está?' bradou Affonso
Levando a mão á espada: 'Quero eu proprio,
Eu só, por minha mão...'
—'Tua mão, tua espada,
A tua cr'oa, o teu sceptro que impenháras,
Não são nada sem mim. Que sois vós outros,
Reis da terra, que fôra o vosso throno,
Sem o amparo do altar? Vai perguntá-lo
Á campa de Toledo e aos deshonrados
Ossos de teu irmão...'

V.

Accovardado
Tremia o conde de Bolonha; o forte

O ousado Affonso treme, e respeitoso,
Deante do humilde frade mais humilde,
Com submissão se inclina.
Relaxando
Na asperidão da voz, frei Gil prosegue
Com mais suavidade: — 'Ouve, liberta
Será Branca por mim; nem longe é o dia.
Quando o ramo de peste em talha de oiro
For escondido, quando o bento orvalho
Extender seu influxo a terras d'impios,
Quando em noite mais clara do que o dia
Escurecer o ceu sombra de mortos,
E o gallo preto annunciar a hora
Fatal a incantamentos e á possança
Dos espiritos do ar, liberta é Branca.
N'isto confia, ó rei: mas grande e forte
É o podêr que a guarda, grande imperio
É o do genio que a retem captiva.
De confiar-t'o duvidei té-gora;
Porêm força é que o saibas: protegido
Da rainha das fadas é o joven
Roubador de tua filha. Nem violenta
Em seus torpes abraços está ella:
Fatal incanto a cega, poderoso

Feitiço a inamorou...'

—'Oh Deus! que horrores!
Meu sangue, a minha filha? Que vergonha
Me annuncias!.. Oh! venha a desgraçada:
Seu juiz, seu algoz serei eu mesmo!'

VI.

—'Não o permitta o ceu' Gil o interrompe:
'Não o permitta o ceu: altos decretos
São do destino eterno; adorar deves,
E conformar tua vontade humilde
Com a vontade summa. Penitencia
De seu êrro fará; e hade applacar-lhe
A penitencia sua as íras justas
Do espôso e do ceu. Mas a salvá-la,
A quebrar seu incanto é necessaria
Uma difficil coisa.'

—'O quê?'

—'Tres gottas
Sem ferro havidas, e do sangue proprio
Do roubador.'

—'De Aben-Afan? Burlaes-vos,
Padre, zombaes de mim? Não me haveis ditto

Que com ella no mesmo incantamento
Esse perfido moiro está?'
—'Sim disse.'
—'E então?..'
Fexando os olhos, e a myrrada
Mão alçando, murmura com voz trémula
Frei Gil:—'Perto de nós está seu sangue.'

VII.

Mal éstas vozes pronunciára o frade,
Da tenda o reposteiro alevantava
Um cavalleiro: é Nuno acompanhado
D'aquella afflicta dama; a elrei se chega
Ainda transtornado do despeito
E indignação:—'Perdoae minha ousadia,
Rei e senhor' lhe diz: 'justiça venho
E piedade implorar. Horrendo crime,
Barbara affronta a Deus e á humanidade,
Clama por vós, senhor, a grandes brados.
A queixosa, a offendida é a bella dama
Que aqui vêdes; o reu... Interrogae-a,
E d'ella o sabereis.'
—'Formosa dama,

Justiça vos farei; tende bom ânimo.
E se de vossa affronta é tal o caso,
Que só a desaggrave espada ou lança
Em raso campo; cavalleiros tenho
Que por tam bella dama se appresentem
A defendê-la em cêrco ou estacada
Contra o proprio Amadis. Mas vossos trajos
Á usança moirisca me parecem;
E vós, senhora, sois?..'
—'Moira hei nascido;
E christan sou. Mas de meu triste caso
Vos dirá esse honrado cavalleiro.
Desculpae-me, senhor; longos discursos
Meu padecer e mágoas não toleram.'

VIII.

Nuno então conta da lavrada mina,
Do subterraneo carcere, e do incontro
Que ahi teve; refere o mais que ouvíra
Dos cavalleiros que ao fatal combate
De Antas em tardo auxílio haviam ido,
E ésta dama em podêr da maura turba,

Quando fugia, a viram: e sabido
Tinha dos prisioneiros como a causa
Do combate ella fôra, e como filha
Era de regio sangue; e convertida
Sua mãe á fe de Christo, a baptizára;
Como por tal dos moiros perseguida,
O mercador Rodrigues lhe valêra
E a levára ao Almargem, onde occulta
Estivera em podêr do sancto monge
Que demorava alli. Aodepois narra
De Antas a crua historia, e como havendo
Succumbido os christãos na fatal lucta,
Os infieis a Sylves a levaram,
E n'um medonho, subterraneo carcere,
Por comêço de trattos, a arrojaram.

IX.

— 'Como foi minha dita libertá-la,
Ja vos disse, senhor' Nuno accrescenta:
'Mas os tormentos crus, mas a impiedosa
Injúria atroce que um perverso monstro
Lhe ha feito... oh! não me atrevo a referi-la.
Concedei-me, senhor, que ante vós traga

O reu, e pasmareis de conhecê-lo.'
—'Ide.'
—'Perto elle está. Trazei, soldados,
Á presença d'elrei esse malvado.'

X.

Os soldados c'o velho moiro entravam;
Elrei com attenção fixo o contempla...
—'Approximae-o' disse: 'Um moiro é esse?
Um moiro, dizeis vós!.. É frei Soeiro.'
—'Um christão!' volve a dama: 'e um religioso!'
—'Frei Soeiro! o confessor de minha filha?..
Miseravel! defende-te se podes;
Treme infiel das penas que te aguardam.
Por que enormes peccados has chegado
A esse estado de infamia e de miseria?
Renegar do teu Deus, teus sanctos votos!
Como, infeliz, como chegaste a tanto?'

XI.

Atonitos emtôrno estavam todos,
E com horror ao renegado frade

Observa cadaqual, attento ouvido
Para escutá-lo dando. Mas callado,
Mudo, quêdo, e c'os olhos esgaziados,
Como se não ouvíra, immovel fica.

XII.

—'Cuidas salvar-te assim?' elrei prosegue:
'Pensas de me illudir com teu silencio?
Soldados, co'as espadas nas baínhas
Porque as não manche o vil, as duras costas
Lhe macerae com rija mão. Veremos
Se lhe passa a mudez.' Executada
Foi a sentença... em vão: nem signal leve
Da menor dor amostra; mudo, quêdo,
Immovel, impassivel como d'antes.

XIII.

Pasma Affonso, e os que vêem todos se espantam,
Se benzem ja. Então de um canto escuso,
D'onde, atélli callado, ésta observava
Scena de maravilha, se approxima
Frei Gil, e com um brado tremebundo,

Erguendo a esquerda mão:—'Falla, eu t'o ordeno.'
O criminoso treme, e revolvendo
Com furia os olhos, n'um arranco horrivel:
—'O que queres de mim' lhe disse: 'mestre?'
—'Es tu frei Soeiro?'
—'Não,'
—'Não es frei Soeiro!
Quem es tu pois?' clamava elrei pasmado.
Frei Gil tornou:—'Responde.'
—'Sou o diabo.'
—'Zombas de mim, traidor?'
—'Não zomba, Affonso:
Ouve. Escutae-me, todos, em silencio,
E não me interrompaes, por vossa vida.'

XIV.

Da manga o frade tira gravemente
Curta varinha dobradiça e negra,
Que tres vezes no ar com pausa agita.
No chão depois um circulo descreve,
Emtôrno ignotos characteres fórma,
Palavras caballisticas murmura,
E em silencio, os braços descahidos,

Eriçada na frente a rara grenha,
Com os olhos fechados, como spectro
Que se ergue sôbre a campa em hora aziaga,
Extatico, terribil permanece.

XV.

Subito exclama com accento horrido:
—'Espirito infernal, anjo das trevas,
Que ao meu podêr, rebelde, hei sujeitado!
Pelas sublimes artes, e execrandas
Palavras não sabidas d'homem vivo,
Nem pronunciadas por humanos labios
Deante da luz do sol, eu te esconjuro,
Immunda creatura, que declares
O que pretendes d'esse immundo corpo
De frei Soeiro? como, e por que causa
A renegar da fe e de Deus sancto,
Teu e seu creador, o compelliste?
E paraquê, por suas mãos impuras,
Déste á bella Oriana crus tormentos?
Falla, e verdade, em que te pez, não mintas
Ou as fataes palavras do castigo
Sôbre ti, vil creatura, pronuncio.'

XVI.

Fez-se mais negro o moiro, e assim responde:
—'Essa Oriana é filha do peccado
E de nascença minha escrava e d'elle.
Mas um tal frade bruxo, meio frade
E mais que meio bruxo, que na manga
Trazia os sortilegios co'as reliquias,
Proprio fradinho o tal da mão furada,
O teu vivo retratto emfim...'
—'Adeante!'
Disse frei Gil, doendo-se da graça.
Surriu-se elrei. E o démo proseguia:

XVII.

—'O tal frade... frei Hugo era o seu nome:
Tanto me andou co'a mãe... Que fina moira
Era a mãe!.. imbruxou, desembruxou-a,
E deu co'ella christan. Ja era velha
A esse tempo: e eu perder, não perdi nada.
Mas est'outra, da infancia m'a tiraram;

E picou-me no vivo. Fez-se linda,
E tam linda, que á fôrça de lisonjas,
De infeites, gallanteios e requebros,
—Bruxaria mais forte que nenhuma—
Estive certo de a apanhar á unha,
E a tornar a fazer mais minha que antes.
Roubou-m'a um tal trattante de Garcia,
Mercador que ahi jaz em Antas morto...
E foi-se a tempo, que por nada o pilho
N'uma onzena em que quasi, quasi o impalmo.

XVIII.

Custava-me a perder essa donzella;
E ao velho ermitão que a tinha em casa
Tentei, tentei debalde um anno inteiro:
Debalde, que o mofino, velho e tropego,
Não tinha que tentar.—Quando vi junctos
Em Antas seis tam jovens cavalleiros,
Assentei de incaixar-me no mais moço
E mais gentil dos seis. Perto dormia
Essa Oriana; cuidei que a tinha feita:
Mas, por mau fado, os cavalleiros todos

Não se esqueceram de levar ao peito
Aquella coisa que adoraes vós outros,
E que nós...'
—'Vai por deante, e não blaspheme.

XIX.

—'Fiquei *desappontado*,—como dizem
Os inglezes;—não ha na vossa lingua
Com que o dizer: e venha ou não do diabo,
Tomem-n'a, que hão mister d'essa palavra.
N'um falcão me inganchei, voei de sorte,
Que o joven me seguiu té juncto d'ella.
Dormia, e em tam formosa, tam lasciva
Postura estava, que eu á fe vos juro
De diabo que sou... arrependi-me
De pôr tam fino mel em bôcca d'asno.
E, não fôra eu falcão n'esse momento,
Meu íncubo podêr...'
Corou a bella
Oriana; e indignado o interrompia
Frei Gil:—'Spirito immundo, não abuses
Da liberdade que te dei. Prosegue.'

XX.

—'Quem tal diria? o parvo do mancebo
Babado a olhar para ella uma hora inteira...
E porfim... e porfim—toma-a nos braços,
E desanda a correr como um damnado,
Para a levar a terra de baptismo,
E fugir—dizia elle lá comsigo—
Da tentação. Sahiram-lhe ao caminho...
E o resto sabeis vós. Vi-os eu todos
Os seis e o mercador mui direitinhos
Ir com sendos palmitos e capellas
Para o ceu. Eu tambem me fui direito,
Mas raivando e sem palmas nem palmitos,
A Sylves onde a môça me levavam.
Fui dar com tres dos meus alli captivos
Desde a historia da noite da Tremenda,
Em que tanto me ri e ganhei tanto...
Aquillo sim, que é môça de outra casta,
Desinganada, não d'estas piegas
Que não sabem se querem, se não querem,
Que estão morrendo por se dar ao diabo,
E rezando abrenuncios...'

—'Conta a historia,

Malditto: as reflexões nós as faremos.'
—'Melhor do que eu: bem sei. Os taes amigos
Eram Gilvaz, frei Lopo e este Soeiro.

XXI.

O medico, judeu no fundo d'alma,
Está visto, custou-me pouca lida
A dar co'elle outra vez na synagoga.
O Lopo, namorei-o de uma velha
Beata de Mafamede, que o traz gordo,
Cevado de pilau e de badana:
Moiro se fez por chocho namorado.
E a bella voz que tem! é o sino grande
Da mesquita maior, e chama o povo
Com tal graça a rezar, que nunca a teve
Tal a roncar no côro de Alcobaça.
O Soeiro, esse é velhaco mais ladino;
Custou-me a haver com elle: quer ser bispo
Ou geral, quando menos, da sua ordem.
E tinha toda a manha e hypocrisia
De um frade ambicioso. Foi preciso
Que o comprasse um villão fona e sovina,
Que o mettia á atafona, que o mohia

Dia e noite de sovas e trabalho,
E nem toucinho, seu manjar querido,
Nem nada mais, bastante a encher-lhe a pança,
Lhe dava. Renegou por fome o frade;
Não fui eu que o obriguei: ja negra e moira
A alma tinha, quando eu lhe entrei no corpo.
Renegou; mas ninguem fez caso d'elle:
Moiro ou christão, ficou sempre *bernardo*.
Metti-me n'elle, e fez taes diabruras,
Taes trattos deu a outros christãos escravos,
Que alguns fez renegar, deu cabo d'outros:
E por zêlo da lei tomando-o os moiros,
Lhe incarregaram da princeza a guarda.
O mais que fiz, foi tudo bagatella;
Nada alcancei: ella ahi'stá comvosco.
E eu vou-me embora d'este sujo frade,
Que nunca entrei em corpo tam immundo,
Nem temos lá no inferno lagartixa
De mais nôjo e fedor que este malditto.'

XXII.

—'Ainda não; espera: onde escondeste
A infante dona Branca?'

—'É outro caso

Esse de dona Branca; não sei d'ella.
Cheguei a tê-la escripta em meu canhenho;
Mas tenho certas dúvidas agora.
Anda ahi mor podêr que o meu.'
— 'Alina,
A rainha das fadas?'
— 'Sim.'
— 'E quando
Se lhe acaba o incanto?'
— 'Á meia noite,
Em dia de san' João.'
— 'Com sangue?'
— 'Sangue.
Sólta-me, ou nada mais tórno a dizer-te.
Malditto frade! affoga-me de gordo.'

XXIII.

— 'Vai-te, inimigo, sume-te!'
Um estoiro
Medonho retumbou por todo o campo;
E em negro boqueirão se abriu a terra.
Estremeceram todos, e aterrados
Se benzem. — Enxophrado fummo e cheiro

Exhala o boqueirão. — Com agua benta
Purificam o ar; e a terra fecha-se.

XXIV.

Frei Soeiro despossesso — como um parvo
Olhava para tudo e bocejando,
Se é hora de jantar pergunta a Nuno.

CANTO DÉCIMO.

I.

Caro es, prazer, quando remorsos custas!
Quanto mel de seu favo amor espreme
Na taça das delicias, se o tocaram
Labios impuros, negro fel se torna,
Que imbriaguez de morte, e não suave
Devaneio de languido repoiso,
N'alma agitada convulsivo excita.
—Gôso da vida, amor, tam breve passas!
Males que deixas são tam duradoiros!

II.

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos
De ternura e deleite, o adeus extremo
Deu suspirando á virgindade; e morta
De prazer e de amor... cahiu nos braços
Do roubador gentil. As horas correm,
Os dias fogem — voa o tempo a amantes:
E n'um seio de glória adormecidos
Aben-Afan e Branca o mundo esquecem.

III.

Eram fins d'esse mez festivo e bello,
Consagrado a João, sancto o mais guapo,
Mais garrido e brincão do kalendario;
Sancto do proprio moiro festejado,
Cujos orvalhos bentos dão saúde,
Ao corpo e alma, cuja noite, amiga
D'amor e dos prazeres, tanto incobre
Gôsto furtivo, beijo namorado,
E o mais que vai por arraiaes, por feiras,
Pelas formosas margens de teus rios,

Muito devota Elysia, quando as môças,
Quando jovens tafues, pimpões da aldeia,
Na abençoada noite vão devotos
Ao milagroso banho! — Sancto amavel,
Advogado das limpidas correntes,
Amigo protector das frescas fontes,
Para quem tece de gentis boninas
Recendente grinalda a mão mimosa
Da donzella innocente! Oh! lindo sancto,
Qual ha hi renegado iconoclasta,
Metaphysico, abstruso protestante,
Que ao ver-te assim gentil c'o surrãosinho
Pastoril d'alvas pelles, e affagando
O cordeirinho que a teus pés nem bala,
Quem será que tal vista não converta?

IV.

E então as agoureiras alcachofras,
Oraculos d'amor, e as crepitantes
Fogueiras! — e a torneada, fina perna,
Que se mostra ao saltar, como a descuido...
'Ai maman, que me viram quasi!.. Nada!
Não salto mais... Um só, um só.' E o medo

De crestar a orla crespa e bem franjada
Do tafulo vestido, o ergue mais alto;
E viu-se quasi... quasi tudo agora.
Bemdicto san' João, tudo desculpas,
Tam bom que es, e sanctificas tudo!

V.

Era pois a estação formosa do anno,
Em que todo o seu fasto em luxo e galas
Por nossos meigos climas pavoneia,
De ricca esperdiçada, a natureza.
O sol, que tam benefico despende
Para tanto aderêce os raios de oiro,
Em seu zenith ás vezes dobra o fogo,
E a calma intensa aos ledos habitantes
De seu paiz dilecto a miudo offende.
Mas então vós, ó sombras deleitosas
Do annoso freixo, do alamo copado,
Que ao pé da porta respeitado cresce,
E ha gerações que é venerando abrigo
De paes e filhos no queimoso estio!
Mas a floresta espessa, que dá coito
No ardor da sesta ao ceifador cançado,

Ao caçador sequioso; e a grutta fresca
Aopé do rio que salgueiros bordam;
E os regalados pomos saborosos,
Corados—como a face da donzella
Quando ao primeiro amor diz *não* modestia
C'os labios... porque o *sim* la ficou n'alma;
Ficou, se o não revelam olhos languidos,
Que o tem, só para cegos, escondido?

VI.

Oh! cressos de Britannia! oh! que vos vale,
Ricassos lords, tanto formoso parque,
Tanta grutta, de *libras* sumidouro,
Tam lindas relvas, tam gentis ribeiros?
Onde a calma que dê valor á sombra?
Que é do sol que dê preço a tanto esmêro
D'arte que em vão luctou co'a natureza?
Em vão:—humida nevoa, fummo negro
Pesam n'esse ar; e as urnas incessantes
Os pluviosos gemeos não descançam,
Quasi fixos no immobile zodiaco,
De as imborcar na terra apahulada.
Meu doce clima, sol da minha terra,

Quando te verei eu! quando á tua branda
Restea me aquentarei, e ao suspirado
Limiar da minha porta as vestes humidas
D'estes gelos do exilio heide seccá-las!

VII.

Abençoado protector d'amantes,
Glorioso san' João que tudo alegras,
Que até descridos moiros te festejam
E canibaes pedreiros te veneram,
Teu sancto dia, tua benta noite
Suspirada d'amor, bem vinda a todos,
Tuas brandas orvalhadas, quem as foge?
Teu serêno saudavel, quem o evita?
Quem teme a vinda de tam fausto dia?
—Dois amantes.—João sancto, advogado
Não es tu d'elles? teu amparo amigo
Negaste-lh'o? porquê?—Fadas o vedam;
E no tempo em que fadas e feitiços
(Antes que a inquisição queimasse as bruxas)
Imperavam na terra, sancto ou sancta,
O mais pintado e milagroso—embalde
Se opporia ao podêr d'um bom feitiço.

VIII.

A imbriaguez d'amor e dos prazeres
Ai! perpétua não é: o bello moiro
Da formosa abbadessa aos lindos braços
Ja tam sedento de prazer não corre.
Saciedade fatal!.. Em vão te esforças,
Delicado amador, por incubri-la.
Que amante ha hi, que os resfriados osculos,
Que o affroixar do appêrto nos abraços,
O intibiar das caricias não descubra
N'aquelle a cujo amor a vida, a honra,
Tudo sacrificou, toda se ha dado?
Branca o percebe; misera! a seus olhos
Crédito não quer dar: suspiros nascem
No triste peito, que no peito affoga;
Lagrymas véem aos olhos, e olhos bebem
Lagrymas... que as não veja a causa d'ellas.

IX.

Oh sexo generoso! e ha tal ingrato
Que traia tanto amor?—Traidor não era

Aben-Afan: mas vós que haveis amado,
Dizei-o vós, quando a explosão primeira
Do faxo se exhalou, que amor o accende?
Culpa é do amante se em quieto fogo,
Mais tranquilla a paixão no peito lhe arde?

X.

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a glória,
Esquecida télli, lhe dá lampejos
Na phantasia: acodem, pouco e pouco,
Á memoria que surge do lethargo
Em que o deleite a jouve—ora do sceptro
O brilho, o resplendor do diadema...
Ora a patria em perigo, ora a victoria
Cingindo-lhe na frente outro diadema
Mais refulgente c'os ganhados loiros...
Loiros!—'Ramo fatal do meu destino'
Exclama o joven rei: 'immurcheceste,
Seccaste para sempre! Não ha glória
Mais para mim! a inutil existencia
Arrastarei aqui n'estes doirados
Salões em ocio vil e affeminado!
Ramo fatal! se á custa do meu sangue

Reverdecer podesses!.. Desgraçado,
Que proferi! E amor, e Branca?.. oh sorte!'

XI.

Mal os extremos sons dos labios rompem,
O sol se obscureceu; medonha noite
Cai sobre o ceu, como um funereo manto
Sôbre a urna cinerea; estala um raio,
Com vivido lampejo fende as nuvens,
E horrisono trovão nos ares brama.
—'Voto fatal!' estremecendo disse
O mancebo: seus ramos incantados
Observa: sècco o myrtho, verde o loiro...
Oh vista!—esmoreceu. Sem voz, sem ânimo,
Entre a morte e a existencia suspendido
Desfallece, cahiu.—Sophá ditoso,
Que outros desmaios ha tam pouco viste,
Thalamo de prazer, da dor es hoje.

XII.

Branca era longe; triste e solitaria
Pelos vergeis sosinha passeiava,

E pelo mais umbroso da espessura
Suas mágoas entre as flores escondia.
Do escurecer do sol, do trovão subito
Assustada, a fugir aos paços vinha,
Vinha acolher-se onde alma lhe ficára,
E aninhar seu terror no seio amado.
O coração batia-lhe no peito,
O respirar violento e apressado
A suffocava. Uma lembrança acode:
—'Noite de san' João é ésta noite!'
Noite de san' João!.. E a prophecia
Da fada lhe soou no íntimo d'alma,
Como o funebre som descompassado
De sino, ao longe, que por mortos dobra.

XIII.

Noite de san' João!.. Ja, mais de meio
Seu gyro o sol correu. Prazo terrivel,
Quam perto estás! Affroixa o passo, teme
De o ver, de lhe fallar, de recordar-lhe
Os p'rigos d'essa noite que avizinha.
Mas que perigos são? Não disse a fada

Que emquanto o ramo florecer da murta,
Seguro é seu amor, sua ventura?
Ânimo cobra, novo alento, e voa
Nas azas da esperança ao doce amado.

XIV.

Triste! mal sabes que fatal desejo
No coração entrou d'esse que adoras!
Mal sabes, infeliz, que agouros negros
Esse ramo de esp'rança te hão murchado.
—Suas penas c'os sentidos recobrára
O mancebo real, chegar a sente,
E á pressa os ramos escondeu no peito;
O semblante compõe, serena os olhos,
E da illudida virgem ao incontro
Vem com tranquillo, socegado gesto.

XV.

Estreitou-os amor em doce abraço:
Doce direi?.. As lagrymas soffria

A linda infante... elle os tormentos todos
Do inferno padecia.
—'Ó doce amado,
Ésta noite!..'
—'Ésta noite!..'
—'Tu receias!
O quê? Oh, não! não m'o encubras; falla.
Communiquemos nossas mútuas penas,
Nossos temores.'
—'Pois tu temes, Branca?
—'Ai! d'ésta fatal noite não recordas
O que disse a fada?'
—'Mas promessas
Tam seguras nos fez!'
—'Se os teus desejos
O sêcco ramo...'
—'Branca!.. não profiras
A sentença fatal.'
—'De quê?'
—'Perguntas?
Queres sabê-lo?.. Misera!.. não queiras.'
—'Que não queira? Porquê?.. Só se... Mas, dize:
Se... Mas tu, doce amor, não desejaste?..'
—'Eu desejei... desejo só a morte.'

XVI.

No chão os olhos d'ambos se cravaram;
E, de todos os males do universo,
Incerteza, o mais cru, co'as azas fuscas
Lh'esvoaça dentro dos afflictos peitos.
Quando o extremo prazer ou dor extrema
É maior que a expressão! Silencio, a funebre
Eloquencia da mágoa... com teu sêllo
Os descorados labios lhe cerraste.
—Emtanto o dia se perdeu nas trevas,
E a receada noite, dobra a dobra,
Extende sôbre a terra o veu de lucto.

XVII.

Tristes! seus dias de oiro estão fiados;
E na roca fatal ja não ha fevra
Que ripar... Hora acerba, hora terrivel
Que nenhum antevê, que a todos chega,
E soa como a tuba derradeira
Despertando os mortaes do último somno.
Ai! e para isto tantas ânsias... tanto

Padecer e esperar! E acabar n'isto!
Contar-se assim aquelle fio *eterno*,
Que prendia no ceu, das mãos dos anjos,
E promettia de ir além da vida!
Oh!.. Deixá-los, deixá-los... e voltemos
A outras illusões, menos formosas,
Não menos vans, as da ambição, da glória.

XVIII.

Dizei-me, ó fadas que inspiraes meu canto,
Espiritos das lobregas cavernas,
Que á meia noite volteaes d'emtôrno
Dos tumulos co'as azas membranosas,
Dizei-m'o vós; com que fataes palavras,
Por que terriveis ritos se prepara
No arraial portuguez o formidavel
Incanto em que impenhou suas artes todas
O sabio Gil, d'alta sciencia mestre.

XIX.

São horas dez; e clara e doce a lua
Vai pelo azul do ceu, como de gôsto,

Desafiando as cantigas e fogueiras,
Com que tua noite festejar é d'uso,
Milagroso João, aos teus devotos.
Mas a rôgo de Gil, de ordem de Affonso,
Arautos prohibiram pelo campo
Folias e cantares, qualquer mostra
De regosijo, quando, em tanto impenho
Da christandade contra infieis, só preces
E rogações deviam de fazer-se.
Isto o arauto pregoou: e ao regio mando,
Mas que não satisfeito, ob'dece o campo.

XX.

Manso, frei Gil na tenda real entrava,
E a Affonso diz:—'A hora se approxima,
Vão consummar-se os horridos mysterios
Que hão de volver-te a filha, e intregar-te
Nas mãos seu roubador, teu inimigo.
N'esta redoma ja sem ferro havidas
Tres gottas levo de seu proprio sangue.
Com bebida incantada adormecida
Oriana foi por mim; do esquerdo braço
Com um vitreo cutello infeitiçado

Lh'as extrahi por magicas palavras.
Vela em que o assalto, no momento proprio
Em que a lua no ceu subitamente
Por esconjuros meus ha de esconder-se,
N'esse instante se dê: não arreceies,
Vai certo da victoria; a mesma hora
Que vir Sylves em mãos de portuguezes,
Verá Branca liberta, e Aben punido.'
Sahiu; e Affonso, que a seus cabos todos
Ordens ja deu e dividiu batalhas,
E prestes fez para o assalto as tropas,
Armado e prompto o prazo dado aguarda.

XXI.

Cêrca dos muros da torreada Sylves,
E á falda d'um outeiro, curto valle
Se extende: *Val-de-morte* lhe chamaram
Em tempo antigo; ahi por essas eras
Os seus mortos os moiros sepultavam.
Porêm o aspecto placido e sereno,
Qual convem aos que somno eterno dormem,
Nem medonho, nem lugubre parece,
Triste sim, melancholico; mas doce

É a melancholia que hi respira.
No fim do valle broncas penedias,
Como acaso das mãos da natureza
Esquecidas alli, umas sôbre outras
Em massa irregular se incastellavam.
Ha uma fenda estreita entre os penedos
Por onde uns degraus toscos, porêm d'arte
Feitos, á profundez descem da terra.
Longa caverna ahi jaz, dos reis do Algarve
Antiga, respeitada sepultura.

XXII.

Negro manto cubrindo, e abordoado
Em nodoso cajado, atravessava
Frei Gil o Val-de-morte; á bôcca chega
Da lobrega caverna, o manto poisa,
Tira da manga mão de infante, morto
Antes que em fontes baptismaes lavasse
A mancha original—ao dia septimo
Desinterrado á lua, e então cortada
Essa mão, que é a esquerda. Ignotas vozes
Murmurou baixo o frade, e a resequida

Mão se accendeu de si, luz baça e opaca,
Propria a feitiços dando. Co' ella desce
Á escura estancia.—Longo, mas estreito,
O subterraneo vasto se extendia;
A um lado e outro pela rocha viva
Os tumulos cavados se infileiram.

XXIII.

Co'a infeitiçada luz dia sombrio
N'essa distancia de morte se diffunde.
Ao cabo do carneiro, sôbre a lousa
D'um sepulchro poisando a tocha aziaga,
Éstas palavras diz:—'Morto que dormes!
Lousa que o cobres! cinza que repoisas!
Ossos que vos myrraes! com ésta gotta
De sangue que desparzo, recobrae-vos,
E á minha voz se desincerre a campa.'
Da redoma que traz, um golpe verte,
E com rouco estridor os ossos rangem
Dentro da campa. Ja segunda intorna,
E a lousa se ergue. A terceira esparze,
E de dentro da campa um sêcco braço

Surde como buscando, sôbre a borda
Do atahude, apoio para alçar-se.
A carcomida mão firmando a custo,
Se eleva em pé squeleto descarnado,
Mal cuberto de andrajos lacerados
Do sudario que, ha seculos, por último
Vestido, trouxe a estancia dos finados.

XXIV.

—'Que pretendes de mim?' disse a voz ouca
Do squeleto: 'a que vens? Porque vieste
De meu eterno somno despertar-me?
Pésa-te a paz dos mortos, homem vivo?
Não tens assás de guerra e de disturbios
Lá sôbre essa inquieta superficie
Da terra que inda habitas? Acabadas
Entre os meus e os christãos pelejas foram?
Ou ja meu sangue o sceptro dos Algarves,
Conquistados por mim, perdeu covarde?'
—'Sobeja-lhe uma hora de reinado
Á tua geração: mas da fadada
Ampulheta dos seculos o extremo

Bago d'areia cai; a derradeira
Hora chegou do imperio de teus filhos.'
—'E isso vens annunciar-me?'
—'Isso.'
—'Com honra
Minha progenie acabará aomenos?'
—'De ti depende: ou perecer com glória
Deve hoje o derradeiro rei do Algarve;
Ou longa vida em ocio vergonhoso
E criminaes deleites lhe é fadada.'
—'Pereça.'
—'Alto podêr em prisões doces
O prende e guarda; incanto que o defende
Só a ti não impece: da ignominia
Se desejas salvá-lo, vem e segue-me.
Grypho alado acharás no Val-de-morte;
Sôbre elle montarás: voá-lo deixa.
No atrio pousará d'uns bellos paços.
Bate á porta tres vezes quatro... O resto
Lá saberás.'
—'Irei. Porêm se a lua
Clara é no ceu, não posso: não consente
Sombra de mortos o clarão da lua.'
—'Parte: cubrir-lhe-hei com esconjuros

A face, e a esconderei.'
A lento passo
O squeleto caminha; andando, os ossos
Se lhe deslocam e medonhos rangem.
Adeante o frade vai, e á bôcca apenas
Chega da cova, com fataes palavras
Impreca á lua que a sua face bella
Involva em negro veu, nem interrompa,
Com a alva luz, das trevas os mysterios.

XXV.

No ceu se apaga o luminar da noite,
Trevas a face do universo cobrem,
E os ares negros negro fende o hyppogripho
C'o finado guerreiro.—Emtanto aos muros
De Sylves mansamente se approximam
As escadas, as gravidas balistas,
Catapultas que a morte ao longe atiram;
E as movediças tôrres lentas rodam.
Cada um dos chefes o seu lanço toma
Do muro; e divididas as batalhas,
A um signal dado o ataque se começa.

XXVI.

Ja sôbre o alto do muro os mais affoitos
Subindo chegam; ja bradar Sanctiago
Ia Affonso mandar; vela de moiros
Os descobre, e gritou: 'Alarma, alarma!'
Os sitiados, que despertos sempre
Prestes estão, á defensão acodem.
Trava a peleja, lanças se arremeçam,
Ardentes alcanzias, duros cantos;
Nuvens de settas pelo escuro á toa
Silvam pelo ar: do alto despenhados
Das escadas uns cahem, sem que aos outros
O ânimo de subir lhes acovarde.
Dobra co'as trevas o terror; augmenta
Com a grita confusa a sanha, a furia
D'um lado e outro; e longo permanece
Entre tanto valor dubia a victoria.

XXVII.

Lindos paços que tanta formosura,
Tanto lustre incerraes, tanto amor vistes.

E de tanto prazer theatro fostes,
Paços da maga Alina, a vós me volvo.
Velas tu, bella infante?.. e tu, formoso
Moiro, velas tambem, ou brando somno
Em repoiso fallaz vos tem sopitos
Para cru despertar?—Tristes! não dormem
Um c'o outro abraçados, a terrivel
Hora fatal da meianoite aguardam.
—'Tanto não poderão' Branca dizia,
E os soluços palavras lhe cortavam:
'Tanto não poderão que dos meus braços
Te separem. A morte embora...' Bate
Dura pancada n'esse instante á porta
Do paço, e vezes dôze se repete
O mesmo rudo som lento e pausado.

XXVIII.

—'Ai!' gritou a donzella, e embalde aperta
O seu amor n'esses formosos braços;
Em vão!—a hora fatal soou: quebrou-se
O incanto. N'um momento os lindos paços
Desapparecem. Sos na ingreme roca

De calvo outeiro ficam. Abraçar-se
Inda c'o amante a misera se esforça:
Sêcca mão d'um espectro arrasta e leva
Com invencivel fôrça o mauro joven...
Em alado corcel com elle foge;
Ja nos ares se perdem...
Branca, oh! Branca,
Baldado é teu chamar, baldado o choras;
Nunca mais o verás: leva-t'o... a Morte.

XXIX.

C'os olhos longos para o gripho alado
Que se perde nos ares, ella, a triste,
De joelhos sobre o cume dos penedos,
Erguia para os ceus as mãos trementes...
Mas sem uma oração; que é mudo o labio,
E mudo o coração da desditosa.
Abandonou-a a última esperança
Na terra; e Deus no ceu a abandonára
Desde ha muito.—Uma voz, austera e dura
Lhe brada, como a voz de seus remorsos,
E do morto deliquio a despertava:

XXX.

—'Teu execrando amor os ceus puniram.
Segue-me: o Deus, que desleal trahiste,
Vem applacar com rijas penitencias,
Vem abjurar tua paixão nefanda;
Vem... ou n'este momento has pronunciado
Sôbre tua cabeça criminosa
Condemnação eterna.'
—'Mis'ricordia,
Senhor meu Deus! Maior castigo ainda
A meu peccado tens?.. maior do que este,
Deus de piedade?.. separar-me...'
—'Cega!
Immudece, blasphema.'

XXXI.

Da mão trava
Á donzella infeliz mão ruda e aspera.
Semimorta da dor, n'um quasi espasmo
Que a vida lhe parou, languida a frente
Lhe descai, como ao lirio delicado
Que ardor do sol pendeu. Leva-a nos braços

Frei Gil — d'elle era a voz que lhe fallava:
E por seus incantados poderios
Veloz caminha, e mais veloz que o vento,
Por atalhos ja d'outrem não sabidos,
Por devezas, por bosques, por silvados
Illeso passa; e quando mor se ateia
O furor do combate e assalto, chega
Ante os muros de Sylves. — Despontava
A arraiada no extremo do oriente;
E a luz que nasce de mostrar começa
Os estragos da noite. Mor se augmenta
Co'a vista horrivel, da peleja a furia.
Emtanto Gil co'a infante á régia tenda
Invisivel entrava. — E sôbre os muros
Da forte Sylves o pendão das Quinas
O intrepido Nuno ovante arvora.

XXXII.

Aqui, aqui, ó nobres cavalleiros!
Aqui de Portugal! vêde: o estendarte
Lusitano cahiu; precipitado
Das altas tôrres sôbre os corpos róla
Exangues dos que ardidos o hastearam.

Aqui de Portugal, aqui! salvae-a,
A lusitana glória que vacilla.
O moiro exulta e freme co'a esperança
Recemnada de sangue e de victoria.
Quem lh'a inspirou? que subita barreira
Ao valor dos christãos se poz d'avante?
Fogem, vozes de cabos não escutam:
A fugir portuguezes!.. Fogem, tremem.
Quem é esse inimigo formidavel
Que tanto póde? Um só campeão. Armado
De inferrujadas armas, que parecem
Sôbre a campa em tropheu haver jazido
De morto cavalleiro!.. É elle; o escudo
Sua devisa tem: de myrtho e loiro
Dois ramos são; é Aben-Afan, que á porta
D'Azoia investe, e qual ferido tigre,
As batalhas dos lusos rompe, acossa,
Affugenta, dispersa. Morre o ousado
Que as costas não voltou: 'Fugir, que é elle!'
Se ouve grito geral: Fugir, que é elle!'

XXXIII.

Do alto dos muros o infiel responde
Com brados de victoria aos sons covardes,

E a seu rei, que lh'a traz, ledos saúdam.
Porta de Azoia, que sahir o viste
Quando levou comsigo esp'rança e glória
Do vacillante imperio, abre-te agora,
Abre-te a recebê-lo.—É tarde, é tarde;
Os seus dias e os teus estão contados,
Senhorio de Agar, em nossas terras.
A porta abriu-se, mas em vão; ja deante
De Aben, o mestre de Sanctiago em riste
A lança tem.—'Defende-te' lhe brada:
'Rei do Algarve, defende-te: a vergonha
Do nome portuguez lavo em teu sangue.'

XXXIV.

Justaram lanças; lanças se quebraram.
Espadas nuas—e as espadas cruzam.
Golpe é mortal cadaum; broqueis aparam
Os duros botes c'os espontões duros.
Nunca taes campeões juntou a guerra
Em próva singular de brio e fôrça.
Cessa o assalto: na muralha os moiros,
Na esplanada os christãos as armas poisam;
E nos dois cavalleiros se concentra

O combate geral. Mas ja das cottas
Roxeia o sangue, ja desmantelados
Braceletes desprendem, ja partido
Do mestre o escudo c'um tremendo golpe
Do joven rei, cahiu. Brioso arroja
O moiro o seu; lealdade lhe não soffre
Com armas deseguaes peleja ignobil.
Sem defensão á espada fica o peito,
Fica a frente: os cavallos mal supportam
A fadiga, as feridas; pé em terra
Poem: de novo as espadas fogo e sangue
Ferem, redobram... Mas o alfange quebra
Ao musulmano rei—não quebra o ânimo;
Ao seu competidor de arteiro salto
Corre, nos braços o travou membrudos;
E inlaçados os dois, de corpo a corpo,
De peito a peito, infatigaveis luctam.

XXXV.

Fòras, sorte, imparcial—nenhum vencêra;
Neutros permanecei, fados da terra,
Nenhum succumbirá. Mas os destinos

Nas balanças fatidicas pesaram
A sorte das nações; e o mahometano
Imperio pende.—Aben-Afan succumbe,
Cai: embalde o inimigo generoso:
—'Cavalleiro' lhe diz 'tua vida é minha:
Não queira o ceu que a tal campeão a tire.'
Em vão! nos olhos tremulos vacilla
A derradeira luz, nas faces pallidas
Ja mais sangue não ha que o das feridas.
Só morto cede; vivo se não rende
Quem jamais de estacada ou raso campo
Sem victoria sahiu.—'É morto, é morto'
Clamam christãos, e ás portas se arrojaram.
De subito pavor cortado o moiro,
Sem resistir, ao jugo off'rece o collo.
De novo as Quinas nos torreões tremolam,
E no Algarve d'áquem Affonso impera.

XXXVI.

Nas ameias da tôrre pendurada
Foi a cabeça do traidor Soeiro.
Em vão por elle supplicou Oriana,

Elrei não cede: atroz, horrendo é o crime,
Pune-o de morte a lei; e á lei não ousa
Para tal delinquente o rei magnanimo
Justo rigor imbrandecer piedoso.

XXXVII.

Ás torturas da dor resiste a vida
Da linda Branca, mas razão lhe foge.
Por Aben clama, por Aben suspira,
De remorsos e amor ja ri, ja chora,
E c'os olhos no ceu, a alma na terra,
Ora implora perdões, blasphema outr'ora.
—A Holgas a levam, Oriana a segue:
Oriana que deixar um triste mundo,
Onde tudo perdeu, ao ceu votára.
Unica a vista d'ella a dor acalma
A afflicta Branca: seu formoso gesto
Muda, quèda contempla horas inteiras,
E, uma por uma, nas feições lhe colhe
O parecer d'aquelle que inda adora.
Mas ah! consòlo misero e mesquinho!
Pouco e pouco se esvae o doce ingano,
E a verdade fatal volve mais crua.

XXXVIII.

Flor da existencia desfolhou-se n'hástea;
Ramos que amarellecem vão cahindo;
Vejeta o tronco ainda: — mas é vida
Esse viver que se alimenta em lagrymas?

NOTAS.

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO

Nota A.

Aureos numes d'Ascreu. . . . pag. 1.

Hesiodo de Ascra, a cuja Theogonia (geração dos deuses) aqui se allude. *(Prim. ed.)*

Nota B.

Não rias, bom philosopho Duarte. . . . pag. 2.

Será pouco intelligivel toda ésta II estancia ou secção de versos a quem não souber que a Dona Branca foi escripta em França quando o auctor entrava apenas nos vinte annos, e todo namorado das melancholias do romantismo, dirigia ao seu

amigo Duarte Lessa, então em Londres, as saudosas aspirações de sua alma. O Camões, publicado um anno antes, 1825, foi todavia escripto depois. N'esse porém a natureza do assumpto obrigou o poeta a transigir denovo com a mythologia pagan que tinha abjurado. E apezar d'isso, foram estes dois poemas que a baniram e desthronaram entre nós.

Nota C.

Da minha conversão, sincera é ella. . . . pag. 2.

Deve intender-se este verso e os dois subsequentes no verdadeiro sentido: a tenção do auctor foi impugnar as ficções gentilicas, além de absurdas, insossas para nós. E todavia não é propriamente *maravilhoso christão* o de que se serviu n'este poema: julga elle a religião muito sublime coisa para se fazer entrar em poemas cujo assumpto não seja ella mesma, ou um de seus dogmas, como no Paraizo de Milton, e no poema didatico de Racine. N'esta composição seguiu-se visivelmente o exemplo de Wielland no Oberon; todo o seu maravilhoso é tirado das fabulas populares, crenças e preconceitos nacionaes *(Prim. ed.)*

Nota D.

... Seu avô, ess'outro Affonso.... pag. 4.

D. Affonso de Castella e Leão, imperador eleito que veiu a ser d'Allemanha, cuja filha era D. Beatriz, mulher de D. Affonso de Portugal o III, e mãe d'elrei D. Diniz, de D. Branca e outros infantes. D'essa filha D. Beatriz foi elle tam amante, que por seu respeito cedeu ao genro os direitos que reputava ter ao reino do Algarve: direitos que por de boa lei tinha, ja em razão da dominação antiga, ja porque de novamente o ia conquistando a ordem de Sanctiago, cujo mestre, ainda que portuguez (e portuguezes quasi todos os cavalleiros que andaram na conquista) eram todavia elle e sua ordem vassallos de Castella. Por amor d'esta mesma filha quitou depois D. Affonso ao de Portugal a obrigação das cinquenta lanças que com a investidura do Algarve lhe impozera. *(Prim. ed.)*

D. Affonso foi um dos maiores philosophos e philologos do seu tempo, e occupa um dos primeiros logares entre os trovadores da nossa peninsula. Está-se actualmente (1850) fazendo em Madrid uma bella e custosa edição do seu cancioneiro. Es-

creveu n'aquelle mais antigo, menos arabe e mais romano-godo de todos os dialectos hespanhoes que depois se estremou no nosso portuguez por um lado, e no inhospito gallego por outro.

Nota E.

Vassallos estes são que as ferteis varzeas
De Burgos teem, e de Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão..... pag. 5.

Quasi toda a varzea de Burgos era feudataria d'este célebre mosteiro.

O meu amigo Sr. Varnhagen, actualmente secretario da legação do Brazil em Madrid, visitou Burgos em 1846, e observou em estado de perfeita conservação o tumulo da infanta-abbadessa.

Nota F.

Ao proprio Camizão suar a testa,
Que nem o agudo Busembau sonhára
Nem o Larraga..... pag. 6.

O Camizão foi célebre canonista e professor da universidade de Coimbra, cuja proverbial estupi-

dez não esquecerá tam cedo. Na casuistica era de uma agudeza comica todavia, e rival dos Larragas e Busembaums com quem o A. o imparelhou. Busembau diz o vulgo, e affectou dizer o poeta, por mais carregar.

Nota G.

Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios . . . pag. 6.

Aos physicos e doutores medicos chamavam d'antes em Portugal *mestres*, ou *messeres* á italiana. E não só aos doutores em medicina, porêm aos outros tambem, como é de ver, nos escriptos do tempo ou que d'elle nos contam. Em Padua era a mais famosa universidade para physicos, assim como em Bolonha para juristas e theologos. A de Coimbra não veiu a fundar-se senão no reinado seguinte. *(Prim. ed.)*

Nota H.

De monges negros . . . . Pag. 9.

Segundo as côres de sua cogulla os monges bernardos ou de Cister eram os brancos, os benedictinos os negros. São vulgares, não só as rivalidades d'estas ordens entre si, mas as chufas, dicte-

rios e apodos com que se motejavam uns aos outros sôbre negros e brancos, por equivocos e joguetes que d'estas palavras formavam. Em Inglaterra ha ainda hoje sitios, especialmente em Londres, denominados de *black*, e *white friars:* nem era só popular este appellido, que assim lhe chamam estatutos e canones antigos.

E não sei por que fado, sendo em toda a parte os monges negros dados ás sciencias, respeitados e dignos de o ser, os pobres bernardos vieram em Portugal a ser o objecto da mofa geral, que seguramente se não dirige a seu sagrado instituto, mas á crassa ignorancia que por abuso d'esse instituto entre elles reina. (*Prim. ed.*)

Nota I.

O que lhes falta, o quê? — Falta a tremenda. pag. 11.

Este verso não carecia de nota, quanto a mim, porque não suppunha que houvesse em Portugal quem ignorasse o uso venerando (por antigo) dos monges de san' Bernardo: uso conhecido pelo nome de *tremenda*. Advertiram-me porêm que assim não era, porque em Lisboa, por exemplo, muita gente o não sabía, como o sabemos nós provincia-

nos, que mais de perto lidámos com aquelles padres, e lhes sabemos das... virtudes.

A certa hora da noite, depois de ceados, rezados, deitados, adormecidos, e roncados os reverendos padres iam pelos dormitorios, leigos, donatos, coristas, ou moços, que tanto não sei eu, com uma enorme marmita, ou outra que tal vazilha, cheia de gordas, grossas e pingues postas de cevado toucinho, cozidas e adubadas com seu môlho de vinagre, e não sei que mais ingredientes; e batendo ás portas das cellas, acordavam aquelles penitentes varões para tam frugal repasto, que suas reverendissimas mui devotamente, e por sancta obediencia devoravam. A isto se chama *tremenda;* porquê e com que etymologia não pude ainda descobrir; mas o facto asseveram ser tam real como a existencia dos cachaços dos reverendos padres. Talvez d'aqui venha aquelle sabido anexim, que ás pessoas de juizo *bernardo* se applica:

Tens muito toucinho nos cascos.

(Prim. ed.)

Nota J.

E em caso de mais polpa um bom milagre.. pag. 11.

Não interpréte algum mal-intencionado que o auctor quizesse de maneira nenhuma atacar a pia

crença da Egreja. Mas certo, que ha milagres de milagres, que tem havido impostores que abusaram da boa fe pública. Com esses é a ironia d'este e dos versos subsequentes. *(Prim. ed.)*

Nota K.

Como atahude egypcio que entre os brindes. pag. 15.

Não commento este verso para explicar a allusão historica tam sabida de toda a gente, mas para dizer que a comparação não é minha: li-a, porêm aonde não me posso lembrar. *(Prim. ed.)*

Nota L.

Que por velas de moiros o tomára.... pag. 17.

Velas na linguagem d'aquelle tempo, quer dizer vigias, sentinellas. Vejam-se os classicos *passim*, e especialmente D. Nunes na chronica d'el-rei D. Affonso Henriques, pag. 108, ediç. de Lisboa de 1774; ahi:

'E quando veo ao quarto da alva, tempo em que entenderão que as *velas* estavão mais somnolentas.'

Rolda, ou *sobrerolda*, que alguns teem pelo mesmo, é todavia differente. Rolda é a ronda, ou

vela que vigia sôbre outras velas; como hoje ha official do dia que visita de noite as guardas e postos para ver se tudo vae em ordem. Outro logar do mesmo D. Nunes, e logo na pag. seguinte, 109, authentíca ésta distincção: 'Nisto a *rolda*, que andava pelo muro requerendo as *velas*, chegou perhi, e lhe fallou.' *(Prim. ed.)*

NOTA M.

Bem travado co'elles
Anda o mestre dom Paio. . . . . pag. 17.

D. Paio Corrêa, portuguez de nascimento, e mestre de Sanctiago em Castella, que com seus commendadores e cavalleiros tomou aos moiros os mais dos logares do Algarve, e depois se fez vassallo d'elrei de Portugal, a quem intregou todo o ganhado por motivo da cessão de D. Affonso de Castella. Foi homem de singular valor e nomeada prudencia. *(Prim. ed.)*

NOTA N.

Como as sette
Aureas tôrres no escudo lusitano. . . .
Como ao singelo titulo . . . . . pag. 18.

As sette tôrres do escudo portuguez são pelos Algarves, e *aureas* porque são amarellas, que em

brazão é o mesmo que aureas ou de oiro. As quaes tôrres são em campo *vermelho;* e a razão d'isto referem os chronistas, foi *por os logares que erão tomados aos moiros, e por os que sperava tomar com spargimento do sangue delles.* Quanto ao número de sette, é elle mais moderno: vêem-se em lavores antigos, dôze e mais castellos nos escudos portuguezes.

Os primeiros nossos reis intitulavam-se somente com a singela saudação de Ourique, em Lamego confirmada (?) de reis de Portugal, ou dos portuguezes. Depois da tomada do Algarve, accrescentaram — *e do Algarve* — no singular. O plúral — *dos Algarves,* com — *d'áquem, e d'além mar em Africa* — só o tomaram depois de haver extendido a conquista á outra parte do mar na Barbaria. Com effeito antigamente houvera este reino dos Algarves d'áquem e d'além mar em Africa unidos em um só imperio, e era mui grande estado, que da parte da Europa começava na cidade de Almeria, reino de Granada; e da parte de Africa, desde a bôcca do estreito corria até Tremecem, em que entra o reino de Fez, e as cidades de Ceuta e Tangere; ao que antigamente chamavam reino de Benamarim.

'Algarve *Algarb* é a parte occidental ou poente.

Assim chamam os moiros á antiga Turdetania. Não pude descobrir onde Duarte Nunes de Leão, Bluteau e outros auctores acharam a etymologia que dão a este nome, dizendo que Algarve na lingua arabica significa *terra plana, cham e fertil,* quando todos os auctores arabes, até o mesmo vulgo, o toma pela parte occidental.

Algarb que nós corruptamente chamamos Algarve. Barros, dec. 1, p. 1.ª — Vestigios da ling. arab. em Portugal, por Fr. João de Sousa. Lisboa, 1789.

(Prim. ed.)

Nota O.

'A pergunta costumada'
De — 'Por quem cavalleiros?'... pag. 21.

Era o — *qui vive?* — d'então. Ao passar por pontes, logares fortes, etc., ás entradas das terras e castellos, se fazia esta pergunta, que as contínuas guerras e disputas feudaes faziam necessaria. Cavalleiros, ou gentes d'armas, quando em qualquer parte se incontravam, mutuamente a faziam; e muitas vezes as respostas eram á viva lançada, e amiudo acabou o interrogatorio com morte do perguntador, ou do outro, ou de ambos.

(Prim. ed.)

Nota P.

Hymno exemplar e sancto,
Extrahido do Cantico dos canticos.... pag. 26.

Voltaire, que foi tammanho impio como todos sabem, tentou mostrar que o *Cantico dos canticos* era um poema lascivo oriental, e não inspirada canção do rei sabio: paraphraseou-o a seu modo para este fim, e com tal arte diabolica o fez, que parece que tem razão, a quem só em Voltaire o ler. O Cantico dos canticos é um sublime trecho de inspirada poesia, mas que não é para de todos ser lido e intendido. *(Prim. ed.)*

AO CANTO SEGUNDO.

Nota A.

A ventura, o prazer d'um nó separa.... pag. 30.

Tudo quanto aqui se diz a respeito dos votos religiosos não é sôlta generalidade, nem invectiva contra os sanctos asylos que para o infortunio, para a virtude, para a fraqueza humana abre o claustro, e principalmente a um sexo que per si é destituido da fôrça, da energia que as difficuldades da vida precisam. Mas ninguem póde negar

que terriveis e funestos abusos teem solapado éstas instituições. É geralmente demaziado tenra e inexperta a edade da profissão: e muitos varões de grande doutrina e religião contra esse êrro fatal teem clamado: êrro que priva a sociedade de tanta boa mãe, de tanta espôsa excellente, e atulha o claustro de tanta má religiosa.

A estes abusos, e só a elles se refere o que no poema é ditto. *(Prim. ed.)*

Nota B.

Largas postas do nitido cevado.... pag. 32.

Assim chamam na minha provincia ao porco ingordado em casa, e na *cortinha* ou *eido*, como diz a nossa gente. Pingue é substantivo em dialecto minhoto, e significa manteiga de porco.

Nota C.

E em manta enorme atassalhando um naco.. pag. 38.

Manta, é de toucinho; e atassalhar, de qualquer carne. São vulgares expressões: mas para exprimir ideas vulgares, como se hade fazer sem ellas, ou sem cahir em Gongorismos e Elmanismos?— Não disse Virgilio: *Pars in frusta secant?*

Prim. ed.

Nota D.

Tremendo Allá soou pelas abobedas . . . . pag. 46.

Voz ou grito de accommetter e de guerra dos mahometanos. Em arabe é — *Alla acbar* — *Deus é todo poderoso.* *(Prim. ed.)*

Nota E.

Donde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pae pela offendida
Honra da loira virgem . . . . . pag. 49.

Allusão á entradá dos moiros nas Hespanhas, por ajuda e chamamento do conde Julião, que para vingar a honra de sua filha, infamada por elrei D. Rodrigo, foi traidor á patria. Sir Walter Scott nas notas á 'Visão de D. Rodrigo' parece dar algum pêso ás dúvidas de Voltaire (hist. gen.) sòbre a authenticidade d'este facto, e talvez porque Gibbon lhes dera tambem valia. Certo é porèm que uma tradição tam geral e constante não é para ser destruida com simples dúvidas, mas que sejam de grandes auctores. *(Prim. ed.)*

Nota F.

Tal em cheiroso banho aspide amigo
Voluptuoso suicida ..... pag. 54.

O que se conta de Cleopatra, a este respeito, era frequente uso dos orientaes, até na morte voluptuosos — ou *deliciosos,* que é expressão do nosso Lucena. *(Prim. ed.)*

AO CANTO TERCEIRO.

Nota A.

E vós, formosas moiras incantadas,
Na noite de san' João aopé da fonte
Aureas tranças..... pag. 59.

É crença popular entre nós que na noite de san' João todos os incantamentos se quebram: as moiras incantadas, que ordinariamente andam em figura de cobras, tomam n'essa noite sua bella e natural presença, e vão pôr-se aopé das fontes, ou á borda dos regatos a pentear os seus *cabellos de oiro.* Os thesouros sumidos no fundo dos poços véem á tona d'agua, e mil outras maravilhas succedem em tam milagrosa noite. *(Prim. ed.)*

Nota B.

Ja indo, ás duzias, em casquinha d'ovo.... pag. 60.

Ainda hoje é superstição commum nas aldeias o quebrarem as cascas dos ovos depois de comidos, por temor, dizem e creem, que d'elles se não sirvam as bruxas para ir á India, ou a outras partes longes, onde costumam de ir imbarcadas em taes navios, chupar sangue de meninos por baptisar, ou fazer alguma outra maldade de seu officio. Todavia é mister que se recolham cedo, e antes do cantar do gallo—preto que são os mais certeiros co'a meianoite—porque a essa hora acaba-se-lhes o incanto e podêr: assim muitas teem morrido affogadas por esses máres de Christo. A isso allude o verso mais abaixo:

E ai! se o gallo cantou, que á meianoite
Incantos quebram, e o podêr lh'acaba.

Prim. ed.

Nota C.

Não gósto de Irminsulfs, nem de Theutates.. pag. 60.

São os deuses dos Druidas. Os poemas de Macpherson, que tantos annos correram mundo com o nome de Ossian, foram de tanta moda aqui ha tempos, que os phantasmas scandinavios, caledonios e todas as outras invenções e mythologia ru-

nica andavam na baila por versos e versinhos de toda a gente. Cesarotti, o erudito e profundo Cesarotti, quasi que dá preferencia ao imaginario bardo escocez sôbre o proprio Homero; e elle, que ambos os traduziu, certo que os tinha estudado. Bonaparte, cuja imaginação gigantesca se apprazia em tudo o que era d'este genero, foi grande prezador de Ossian, e o preferia a todos os poetas: n'esse tempo em França a torrente dos trovadores ia com o vento imperial. O elegante Lebrun, em uma gallante odesinha graciosamente combate e mette a ridiculo ésta preferencia.

Quanto a mim, tenho que as artes filhas da natureza devem andar a par d'ella, e com ella. Essas phantasmagorias druidicas são bellas, são magníficas nas montanhas dos despenhadeiros da alta Escocia, nos gelos e neves das terras polares; mas nos nossos dulcissimos e risonhos climas, não podem ter mais valor do que a impressão extraordinaria do primeiro momento; e repitto que essas bellezas glaciaes

Do sol do meio dia aos raios vividos
Parvos! — se lhes derretem; a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos christaes, em agua chilra.

Prim. ed.

Nota D.

O saxeo promontorio, que de Sagres
Tem hoje nome . . . . . pag. 66.

Para explicação de tudo o que vae ditto até o fim da estancia IX, copiarei aqui um tracto de uma mui breve, porèm mui bem escripta descripção d'esta parte do Algarve, cujo auctor supponho ser um doutor Silva, medico e homem de muito saber e gôsto, de quem possuo alguns preciosos manuscriptos.

'Entrando na praça de Sagres, dois contrarios effeitos se observam; por uma parte admira-se um quasi isthmo composto de um enorme rochedo, onde tudo são bancos de *saxum,* ora horisontaes, ora obliquos, ora verticaes, cuja revolução assás mostra a existencia de vulcões, testemunhada com os dois grandes hiatos que lá se incontram; por outra, ve-se com espanto o que fôra theatro das observações astronomicas de nosso famosissimo infãnte D. Henrique reduzido a ruínas, que, á exceição das baterias, mais inculcam uma praça abandonada que guarnecida: quanto mais se reflecte que d'este porto sahiram as expedições que abriram o primeiro caminho á descuberta das nossas colonias, cuja epocha faz figurar tam gloriosa-

mente a nação portugueza no mundo, e que este mesmo porto é demandado como asylo de todos os navios que atravessam os nossos máres, tanto mais se magôa todo o bom portuguez: porque se não accredita a origem de tanta honra que d'alli resultou á nossa patria, invergonhando-se de que o extrangeiro, esperando achar um padrão distincto de tam heroicos feitos, não incontre se não uma face cadaverica de fortaleza, sem viveres, sem cultura nas terras adjacentes, d'onde possa fornecer ás suas embarcações os generos de que necessitam: tanta é a penuria e despopulação d'aquellas pobres terras!...

'Na distancia de mil passos andantes do nordeste da praça, fica uma pequena lagoa... As plantas que crescem dentro d'aquelle recinto são a mor parte de *fragaria*, alguns ranunculos aquaticos, alguns juncos, e poucos almeirões, azedas e grama... alecrim, rosmarinho, tojos e carqueja...'

(Prim. ed.)

Nota E.

Esbroados pardeiros — oh vergonha!
São as tôrres d'Henrique..... pag. 67.

O Sr. Visconde de Sá-da-Bandeira, no tempo da guerra civil em 1833, que governava o Algar-

ve, occorreu-lhe, á vista da peninsula de Sagres, o desejo de reparar essa affronta á memoria do infante D. Henrique, levantando alli uma columna rostral que recordasse aos que passam por aquelle promontorio o nome do illustre principe e as glórias navaes dos portuguezes. Mas estando depois no ministerio da marinha, não pôde mais, apezar de seus vivos desejos, do que fazer lavrar uma lapide que aomenos se collocasse alli. Levou-se a effeito ésta determinação, porque estando feita a lapide em 1839, apezar de sahir o Visconde do ministerio, a obra progrediu — ao revez de nossas costumeiras — e se concluiu.

A lapide é de marmore, com um corpo de dez palmos e meio de altura, cinco palmos e meio de largura, dividido em dois planos. No superior, em meio relêvo, o escudo das armas do infante; ao lado direito do escudo uma esphera armilar, á esquerda um navio á véla. No plano inferior duas almofadas ao alto, n'uma d'ellas a inscripção latina, na outra a traducção portugueza, d'este modo:

INSCRIPÇÃO LATINA.

Aetern. Sacrum.
Hoc. Loco.
Magnus. Henricus. Joan. I. Portugal. Reg. Filius.
Ut. Transmarinas. Occidental. Africae. Regiones.
Antea. Hominibus. Impervias. Patefaceret.
Indeque. Ad. Remotissimas. Orientis. Plagas.
Africa. Circumnavigata.
Tandem Perveniri. Posset.
Regiam. Suae. Habitationis. Domum.
Cosmographiae. Scholam. Celebratissimam.
Astronomicam. Speculam. Amplissimaque. Navalia.
Propriis. Sumptibus. Construi. Fecit.
Maximoque. Reipublicae. Litterarum. Religionis.
Totiusque. Humani. Generis. Bono.
Ad. Extremum. Vitæ. Spiritum.
Incredibili. Plane. Virtute. Et. Constantia.
Conservavit. Fovit. Et. Auxit.
Obiit. Maximus. Princeps.
Postquam. Suis. Navigationibus. Ab. Aequinoctial. Ad. VIII
Versus. Septemtrionem. Gradum.
Pervenit.
Quampluresque. Atlantici. Maris. Insulas. Detexit.
Et. Colonis. Ab. Lusitania. Deductis.
Frequentavit.
XIII. Die. Novembr. An. Dom. MCDLX.
Maria II. Portugal. Et. Algarb. Regina.
Ejus. Consanguinea.
Post. CCCLXXIX. Annos.
H. M. P. J.
Curant. Rei. Navalis. Administro.
Vice. Comite. De. Sá. Da Bandeira.
MDCCCXXXIX.

TRADUCÇÃO.

monum. consagrado. á. eternidade. o. grande.
infante. d. henrique. filho. de. elrei. de. portugal.
d. joão. I. tendo. emprehendido. descobrir. as. regiões.
até. então. desconhecidas. de. africa. occidental.
e. abrir. assim. caminho. para. chegar. por. meio.
da. circumnavegação africana. até. ás. partes. mais.
remotas. do. oriente. fundou. nestes. logares. á. sua.
custa. no. palacio. da. sua. habitação. a. famosa.
escola. de. cosmographia. o. observatorio.
astronomico. e. as. officinas. da. construcção.
naval. conservando. promovendo. e. augmentando.
tudo. isto. até. o. termo. da. sua. vida. com.
admiravel. esforço. e. constancia. e. com.
grandissima. utilidade. do. reino. das letras.
da. religião. e. de. todo. o. genero. humano. falleceu.
este. grande. principe. depois. de. ter. chegado.
com. suas. navegações. até. o. 8.º gr. de latitude.
septentr. e. de. ter. descoberto. e. povoado. de.
gente. portugueza. muitas. ilhas. do. atlantico.
aos. XIII. dias. de. novembro. de. 1460. d. maria. II.
rainha. de. portugal. e. dos. algarves. mandou.
levantar. este. monumento. á. memoria. do.
illustre. principe. seu. consanguineo. aos. 379.
annos. depois. do. seu. fallecimento. sendo.
ministro. dos. negocios. da marinha. e.
ultramar. o. visconde. de. sá. da. bandeira.
1839.

A inscripção foi composta pelo cardeal-patriarcha San' Luiz. Em 24 de Julho de 1840 a lapide foi collocada na parede de uma tôrre que ainda alli existia, e que pareceu ser o mais antigo edificio da praça.

A estreiteza de uma nota não permitte alargar-me, segundo quizera, n'este assumpto.

Seja muito louvor ao Sr. Visconde de Sá, e ao seu successor o Sr. Conde de Bomfim.

Nota F.

A sacarina flor no botão pica.... pag. 68.

O insecto que se gera, ou desinvolve no figo de certa especie de figueiras, e que tomando corpo, fura o figo em que nasceu e vae picar os das outras. É o que se chama caprificação. Plantam ésta casta de figueiras entre as mais, porque o figo assim picado incha, augmenta de volume e melhora de sabor. Digo *sacarina flor*, porque é sabida decisão de botanicos não ser o figo fructo, senão flor, ou antes involucro de flores. *(Prim. ed.)*

Nota G.

Não lhe descobriria o proprio Volney...
Nem tu famoso Jones..... pag. 70.

Volney nas viagens do Egypto, e Sir. W. Jones *Essays on eastern poetry and on the imitative arts,* (Lond. 1777.) os mais intelligentes antiquarios, que de coisas orientaes escreveram. Não sei se me ingano, mas tenho por mais profundo o inglez.

(Prim. ed.)

Nota H.

As duas bellicas phalanges
Que ora na arena litteraria pugnam.... pag. 70.

Pelo tempo em que se compunha este romance, de 1824 a 25, era a grande lucta dos classicos e romanticos no continente, e principalmente em França. Pesava a censura prévia sôbre os jornaes, e a questão litteraria era o que lhes valia para supprir os vazios que deixava a politica em suas columnas.

Nota I.

Ja em Cacella, preço offerecido
Por Estombar e Alvor..... pag. 74.

D. Paio, mestre de Sanctiago, e os seus commendadores e freires tinham tomado aos moiros

do Algarve os logares de Alvor e Estombar; e estes lhes offereceram por elles a praça de Cacella, que apezar de mais consideravel, ficava proxima a Tavira, praça tambem forte e mui defensavel, dos moiros. D. Paio acceitou, e d'alli com mais fôrça continuou e acabou a conquista.

(Prim. ed.)

NOTA J.

Abre-te, porta,
Porta d'Azoia ..... pag. 75.

Célebre porta de Sylves, da qual faz menção o citado D. Nunes no mesmo logar.

(Prim. ed.)

NOTA K.

Nunca o rosto volveu á santa kaaba.... pag. 76.

A kaaba é um pequeno edificio quadrado que sempre se conserva coberto de seda preta, e que é uma especie de sancta-sanctorum do templo de Mecca, dentro do qual está collocado. Todo bom mahometano, em qualquer parte em que esteja, deve volver o rosto á sancta kaaba, quando reza as suas orações.

AO CANTO QUARTO.

Nota A.

Falso o meu Deus; e o teu é verdadeiro?... pag. 87.

Note-se que falla um infiel, dirigido pela falsa luz das suppostas verdades naturaes, e sem a guia da revelação. Assim na estancia seguinte, a VI, se diz:

Os theologos sabem mil respostas...
(Prim ed.)

Nota B.

Flexivel, curta vara tem na dextra.... pag. 92.

A célebre varinha de *condão,* ou *devinatoria,* insignia e instrumento de fadas, incantadores, etc.
(Prim. ed.)

Nota C.

Sois vós outros.
Portuguezes, inimigos do descanço,
E delicias da paz..... pag. 102.

São expressões de um rei, ou régulo da India, em carta ou falla a um de nossos capitães por aquel-

las partes, nos bons tempos da glória da nossa gente. *(Prim. ed.)*

AO CANTO QUINTO.

Nota A.

Imbriagando-se em sangue de parentes,
De amigos ..... pag. 109.

Superstição muito geral no Oriente, que veiu a prevalecer depois para o septentrião da Europa. O nome de *Vampyro* é hoje célebre pela historia de Lord Byron, ou de quemquer que é seu auctor. *(Prim. ed.)*

Nota B.

Com a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Eden defeso .. pag. 112.

Os mahometanos citam, e dão crédito a grande parte dos livros do Testamento-Velho, e fallam de Moisés, Abraham, etc. com a mesma veneração que judeus e christãos. *(Prim. ed.)*

Nota C.

O burel do santão.... pag. 118.

Nome que dão os musulmanos a certos loucos ou fanaticos que por devoção se dilaceram. Catam-lhes grande respeito; e não é de admirar que um mahometano como Aben-Affan confundisse os seus miseraveis *santões* com os nossos santos ermitães. *(Prim. ed.)*

Nota D.

Christo e Mahomet foram prophetas;
Mas Deus é o mesmo Deus..... pag. 120.

Tal é a impia fe e misero credo dos mahometanos. Dizem elles em sua cegueira que, não sendo completa a missão de J. Ch. porque o mundo, que Deus lhe mandou reformar, ficára peior do que estava, mandára Deus a Mahomet, que emfim acabára a obra começada por J. Ch. *(Prim. ed.)*

Nota F.

O propheta se a víra nesse instante,
Emendára o Koran..... pag. 123.

Todos sabem que Mafoma no seu Koran, ou Alkoran negou a entrada do paraizo ás mulheres, e

apenas concede por especial mercê ás mais virtuosas, obedientes e amantes dos maridos, que de longe estejam vendo a glória de seus antigos esposos. *(Prim. ed.)*

AO CANTO SEXTO.

Nota A.

Como estrellas namoradas.... pag. 138.

Allusão ás harmonias das espheras de Pythagoras, cuja antipathia ás favas é bem conhecida. *(Prim. ed.)*

AO CANTO OITAVO.

Nota A.

Se o víra alguem, forte milagre fôra.... pag. 173.

A Egreja reconhece os milagres; e a crença dos fieis se deve conformar com ésta: mas não se segue d'ahi que não haja n'esse ponto muita super-

stição entre o vulgo, e sôbre tudo n'aquelles seculos ignorantes. Além de quê, a bem intendida piedade nos deve fazer aguardar a decisão da Egreja antes de prestarmos fe; pois em verdade muitos falsos milagres teem havido, que para serem taes foi mister que ninguem os visse: com o que se dá gôsto e triumpho a hereges e inimigos de nossa religião. *(Prin. ed.)*

AO CANTO NONO.

Nota A.

Lagryma a lagryma
Estás sentindo as da infeliz Mathilde.... pag. 184.

A condessa Mathilde de Bolonha, primeira mulher de Affonso III, que elle tam ingrata e cruelmente repudiára depois que se viu rei.

Nota B.

Que em Toledo a outro rei.... pag. 184.

D. Sancho II que ahi morreu, e ahi foi sepultado a expensas e por charidade d'elrei de Castella.

Nota C.

Quando o ramo de peste em talha de oiro.. pag. 187.

Allusões a várias crenças populares sôbre a noite e madrugada de San' João.

Nota D.

Meu incubo podêr.... pag. 198.

Veja a respeito de *incubos* e *sucubos*, S. Clemente Alexandrino, Tertuliano e Lactancio, padres da Egreja que todos accreditaram n'este podêr dos demonios. Veja tambem as notas do P. Pereira ao VI. cap. do Genesis, e á I. epistola, XI. 10, Cor. de S. Paulo: dois logares da Biblia, que deram origem, por mal intendidos, áquella imaginação pouco decente. *(Prim. ed.)*

Nota E.

Cevado de pilau e de badana .... pag. 200.

O pilau, especie de papas de arroz cozido, com carneiro quasi sempre, é a usual e favorita comida

dos turcos e orientaes quasi todos. Badana e a mais vil carne de açougue que ha: ovelha, que, por inutil para mais nada, se mandou ao matadoiro.

AO CANTO DÉCIMO.

Nota A.

Ahi por essas eras
Os seus mortos os moiros sepultavam.... pag. 220.

Os mahometanos fazem sempre seus cemiterios fóra das cidades, e escolhem para elles appraziveis e amenos, senão alegres sitios. Veja-se Volney, viag. ao Egyp. — Chateaubriand, itinerario, etc.
(Prim. ed.)

Nota B.

Tira da manga mão de infante morto.... pag. 221.

Toda ésta estancia é compilada das crenças vulgares e supersticiosas do nosso povo. Todavia é isto commum em toda a parte, e não é só a nossa gente a *que crê em bruxas*. Veja-se *Dictionnaire infern. etc.* *Prim. ed.)*

A PREFAÇÃO.

Nota unica.

Conseguiu passar por obra posthuma.... pag. X.

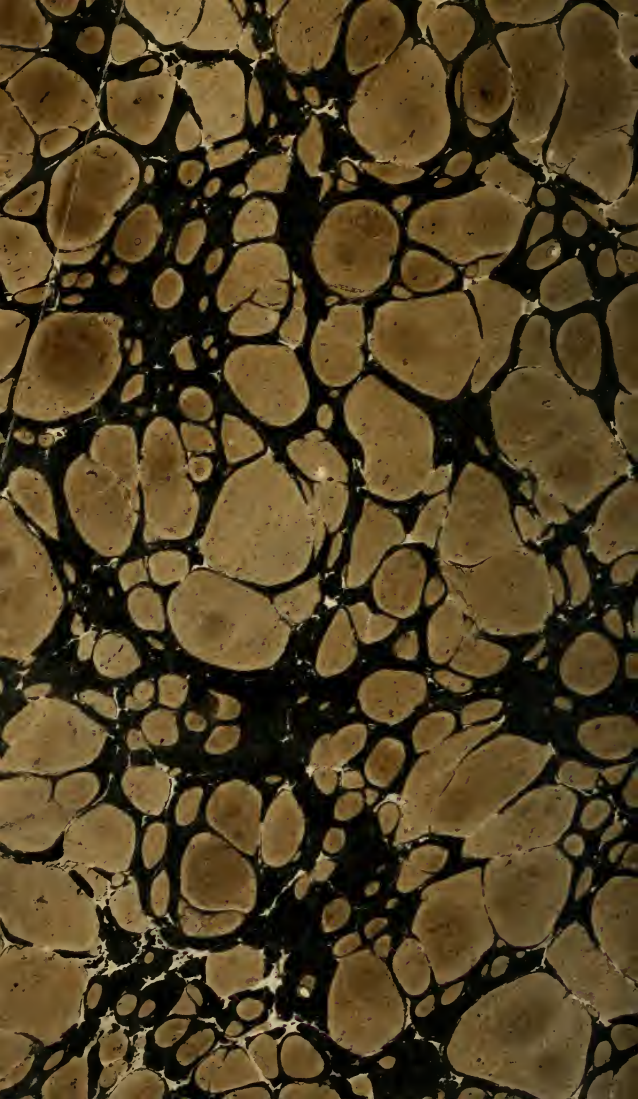
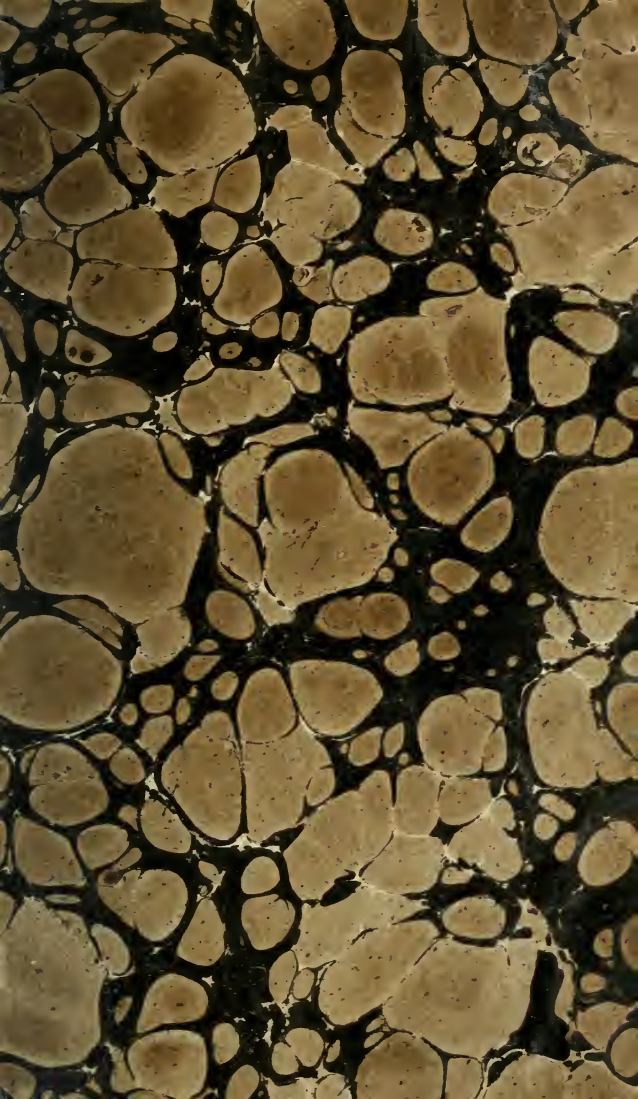
A primeira edição de D. Branca trazia no rosto: — Obra posthuma de F. E. Com éstas iniciaes mysteriosas, com protestação — que aqui transcrevo, como curiosidade litteraria que é — com certa imitação de stylo, ou mais exactamente de linguagem, muitos a tomaram por coisa de Filinto-Elysio: e é a maior lisonja que podiam fazer ao A. Eis-aqui a tal protestação:

'Protesto que todas as expressões de que fui obrigado a servir-me, fadas, incantamentos, etc. são puramente poeticas. Outro-si que ainda quando ataquei algum d'aquelles abusos a que tam propensa é a natureza humana, nunca tive a peccaminosa intenção de desacatar a veneranda crença de nossos paes. Antes foi meu principal fim n'esta obra mostrar o castigo do vício, o curto e amargo dos prazeres mundanos, e o triumpho porfim da virtude e da religião. Se a calúmnia quizer lançar fel, ou a impiedade veneno em minhas ingenuas

trovas, desde-ja as desminto, e d'ahi lavo minhas mãos. Ésta obra deixo em depósito ao quasi unico amigo que toda a vida tive: só depois de minha morte verá luz pública. Mas comquanto a essa hora ja estarei a salvo, no sepulchro, de todas as malevolencias dos homens, desejo comtudo que a memoria (se alguma restar) do obscuro auctor d'estes versos seja bemditta dos bons Portuguezes, dos homens de verdadeira religião e temor de Deos. Nasci, vivi, e não tardarei a morrer, no seio da Egreja Catholica, Apostolica, Romana: a ella sujeito meu humilde escripto; e se na minima coisa involuntariamente incontrei seus preceitos, do coração me desdigo e retracto.'

F. E.

'N. B. Esta declaração estava autographa em um papel avulso entre a primeira e segunda folha do manuscripto, (esse em lettra que desconheço) o qual recebi de F. E. poucos dias antes de sua morte. — O EDITOR.'

INDICE.

Prefacio (do A.) . . . . . v.
D. Branca Canto Primeiro . . . . . 1.
» Canto Segundo . . . . . 27.
» Canto Terceiro . . . . . 57.
» Canto Quarto . . . . . 83.
» Canto Quinto . . . . . 107.
» Canto Sexto . . . . . 125.
» Canto Septimo . . . . . 139.
» Canto Oitavo . . . . . 165.
» Canto Nono . . . . . 183.
» Canto Décimo . . . . . 205.
Notas ao C. I . . . . . 239.
» ao C. II . . . . . 250.
» ao C. III . . . . . 253.
» ao C. IV . . . . . 264.
» ao C. V . . . . . 265.
» ao C. VI . . . . . 267.
» ao C. VIII . . . . . 267.
» ao C. IX . . . . . 268.
» ao C. X . . . . . 270.
» á Prefação . . . . . 271.